



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)

Josenildo Barbosa Freire

Orientador: Profº Dr. Rubens Marques de Lucena

João Pessoa

2011



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)

Josenildo Barbosa Freire

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING – da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Professor Orientador: Dr. Rubens Marques de Lucena

João Pessoa

2011

Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)

Josenildo Barbosa Freire

Dissertação aprovada em 03 de março de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
(Orientador)

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira
Membro avaliador

Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins
Membro avaliador

Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
Membro avaliador

João Pessoa

2011

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que, mesmo sendo analfabetos, não me impediram que tivesse acesso ao mundo escolar; muito pelo contrário, impulsionaram-me e deram-me condições para estudar.

À minha esposa, Solange Maria Bernardo da Silva Freire, que deu significativo apoio durante todo esse período de estudo e de ausências em sua vida.

Aos professores Dr. Dermeval da Hora e Dr. Rubens Marques de Lucena, que me possibilitam entender o mundo da Sociolinguística Variacionista.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Rubens Marques de Lucena, que gentilmente aceitou ser meu orientador e soube compreender “as inexperiências” de um aluno iniciante de Pós-Graduação. Pelo afeto demonstrado, pela extraordinária paciência e orientação, pelo material bibliográfico indicado e discutido, pelas dúvidas solucionadas: meu muito obrigado;

À minha família, que sempre me apoiou e contribuiu para a conclusão deste Mestrado;

À minha esposa, Solange Maria B. da Silva Freire, que soube compreender pacientemente minha ausência. Graças ao seu apoio, terminei este curso de Pós-Graduação;

Às professoras Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UEPB) e Ms. Rosângela Neres Araújo Silva (UEPB), pelo incentivo e por acreditarem que eu tinha condições de prosseguir meus estudos. A elas, que foram minhas iniciadoras no mundo da Sociolinguística durante o curso de graduação na UEPB – Campus de Guarabira – Paraíba, meu muito obrigado;

À Prefeitura Municipal de Pedro Velho (RN) e à Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Desportos do RN, por terem me concedido a licença para cursar o Mestrado.

Aos funcionários da UFPB, de modo muito especial os do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela atenção e serviços prestados durante o tempo que aqui estudei.

Aos amigos e colegas que sempre me motivaram e acreditaram em minha competência;

Aos colegas com os quais estudei em diferentes disciplinas, pelo companheirismo e

referência durante as discussões, realização de seminários, apresentação de trabalhos, participação em eventos;

À comunidade de Jacaraú, que se disponibilizou a contribuir como informantes do *corpus* aqui organizado e, de modo muito especial, a Rodrigo Farias e sua família;

Ao CNPq que, através do Projeto Casadinho (CNPq – PROLING/USP), viabilizou minha viagem à USP para um curso de aperfeiçoamento;

Às professoras Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB) e Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (UEPB), pela participação na Banca de Qualificação e pelas valiosas contribuições oferecidas a este trabalho;

A todos os professores do Proling, pelos conhecimentos transmitidos nas aulas do Mestrado e que contribuíram para a construção desse trabalho;

A Deus, que me chamando à vida, deu-me todas as condições necessárias para viver.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS, MAPAS, QUADROS E FIGURAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: Processo de Variação do Segmento /λ/: Uma Revisão Teórica	21
1.1 Visão estruturalista do segmento /λ/.....	21
1.2 Visão de estudos variacionistas	22
1.2.1 Estudos do /λ/ na perspectiva dialetológica	22
1.2.2 Estudos do /λ/ na perspectiva sociolinguística.....	26
1.3 Trabalhos com o segmento /λ/ sob o enfoque da Aquisição da Linguagem.....	29
1.4 Conclusões do capítulo.....	31
CAPÍTULO II: Fundamentação Teórica	34
2.1 Estruturalismo	34
2.2 Gerativismo.....	35
2.3 A Teoria da Variação (Sociolinguística Variacionista)	37
2.3 Conclusões do capítulo.....	42
CAPÍTULO III: Teoria Fonológica	43
3.1 Teoria Fonológica.....	43
3.2 Tipos de segmentos	54
3.3 Conclusões do capítulo.....	57
CAPÍTULO IV: Procedimentos Metodológicos	59
4.1 A coleta de dados.....	59
4.2 Seleção dos informantes	59
4.3 Instrumento de coleta (entrevista pessoal)	62
4.4 Variáveis controladas.....	63
4.4.1 Dependente	63
4.4.2 Variáveis independentes	65
4.4.2.1 Variáveis Extralinguísticas.....	65
4.4.2.1.1 Sexo	65
4.4.2.1.2 Faixa Etária	66

4.4.2.1.3 Escolarização.....	66
4.4.2.2 Variáveis Linguísticas.....	67
4.4.2.2.1. Contexto Fonológico Seguinte.....	67
4.4.2.2.2 Contexto Fonológico Precedente.....	68
4.4.2.2.3 Tonicidade.....	68
4.4.2.2.4 Classe de palavra.....	69
4.4.2.2.5 Número de sílabas do vocábulo.....	69
4.5 Programa computacional estatístico (Goldvarb X).....	71
4.6 Contextualização do <i>corpus</i> diacrônico.....	72
4.7 Aspectos geo-históricos da comunidade investigada.....	76
4.8 Conclusões do capítulo.....	77
CAPÍTULO V: Discussão dos Resultados	78
5.1 Comportamento variável do / λ/ em textos do século XVIII.....	78
5.2 Distribuição geral dos dados.....	80
5.3 Variáveis Extralinguísticas.....	82
5.3.1 Sexo.....	82
5.3.2 Escolaridade.....	83
5.3.3 Faixa etária.....	85
5.4 Variáveis Linguísticas.....	87
5.4.1 Contexto Fonológico Seguinte.....	87
5.4.2 Contexto Fonológico Precedente.....	88
5.4.3 Número de Sílabas do Vocábulo.....	89
5.5 Representação Fonológica.....	91
5.5.1 Representação do [λ ~ l].....	91
5.5.2 Representação do [λ ~ j].....	92
5.5.3 Representação do [λ ~ Ø].....	93
5.6 Conclusões do capítulo.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
ANEXO A - Questionário para Seleção de Informantes	
ANEXO B - Ficha Social de Informantes	

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS, MAPAS, QUADROS E FIGURAS

Tabelas

Tabela 1 - Ocorrências de /λ/ nas FE 2:0 – 2:1 e 2:2 – 2-3	29
Tabela 2 – Ocorrências de /λ/ nas FE 2:4 a 3-5	30
Tabela 3 - Ocorrências de /λ/ nas FE 3:6 a 3-11	30
Tabela 4 – Ocorrências de /λ/ nas FE 4:00 – 4:02	30
Tabela 5 – Matriz de traços fonológicos dos segmentos [d] e [a]	45
Tabela 6 – Escala de sonoridade de segmentos fonológicos	52
Tabela 7 – Efeito da variável sexo sobre a variação da lateral palatal	82
Tabela 8 - Efeito da variável escolaridade sobre a variação da lateral palatal	84
Tabela 9 - Efeito da variável faixa etária sobre a variação da lateral palatal	85
Tabela 10 - Efeito da variável contexto fonológico seguinte sobre a variação da lateral palatal	87
Tabela 11 - Efeito da variável contexto fonológico precedente sobre a variação da lateral palatal	88
Tabela 12 - Efeito da variável número de sílaba sobre a variação da lateral palatal /λ/	89

Gráficos

Gráfico 1 – Representação do Princípio de não Cruzamento de Linhas de Associação	47
Gráfico 2 – Distribuição total das variantes linguísticas de /λ/ no dialeto jacarauense	80
Gráfico 3 – Representação do /λ~ l/	91
Gráfico 4 – Representação do /λ ~ j/	92
Gráfico 5 – Representação do /λ ~ Ø/	93

Mapas

Mapa 1 – Distribuição de alguns estudos do /λ/ por Estados.....	32
Mapa 2 - Mapa do Estado da Paraíba com destaque para a localização de Jacaraú.....	77

Quadros

Quadro 1 – Ocorrências das variantes de /λ/ em inquéritos do ALIB	24
Quadro 2 – Variantes do /λ/ no dialeto rio-branquense	27
Quadro 3 – Dados das ocorrências do /λ/ no dialeto fluminense	27
Quadro 4 – Distribuição dos dados de ocorrências segmento /λ/em Silva (1997)	28
Quadro 5 – Descrição da Amostra – Informantes Masculinos	60
Quadro 6 - Descrição da Amostra – Informantes Femininos	61
Quadro 7 – Exemplos de módulo: módulo infância	63
Quadro 8 - A variável /λ/ em 314 textos da SPD.....	78
Quadro 9 - Restrições linguísticas e sociais determinantes da variação da lateral palatal com seus respectivos fatores influenciadores	98

Figuras

Figura 1 – Contexto de atuação do OCP na redução [ow] > [o]	48
Figura 2 – Aplicação do Princípio de <i>Linking Constraint</i> no português do Brasil.....	49
Figura 3 – Modelo de Sistema Arbóreo de Clements e Hume (1995)	50
Figura 4 – Representação arbórea dos segmentos consonantais e vocálicos segundo Clements e Hume (1995)	51
Figura 5 – Representação do segmento /λ/ pela Geometria de Traços de Clemets e Hume (1995)	53
Figura 6 - Representação geométrica simplificada do segmento /l/	55
Figura 7 – Representação da lateral pós-vocálica de acordo com a Geometria de Traços	56
Figura 8 - Representação de segmento de contorno no PB.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

PB – Português do Brasil

FE – Faixa etária

SPD – Sociedade Protetora dos Desvalidos

SPE – The Sound Pattern of English

OCP – Obligatory Contour Principle

VALPB – Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba

ALIB – Projeto Atlas Linguístico do Brasil

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

EALMG - Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

ALPR - Atlas Linguístico do Paraná

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PROHPOR - Programa para História da Língua Portuguesa

RN – Rio Grande do Norte

CE - Ceará

AC - Acre

BA – Bahia

MG – Minas Gerais

// Representação fonológica

[] Representação fonética

* Agramatical

~ Variação

> X torna-se Y

± Presença ou ausência de traço fonológico

→ X torna-se Y

O Zero fonético

j Glide

= Desligamento de traço fonológico

‘ Acento tônico

RESUMO

Esta dissertação é um estudo da lateral palatal e suas realizações no dialeto paraibano (a palatal [λ], a alveolar [l], a semivogal [j] e o zero fonético [Ø]), sob o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação proposto por William Labov (1966, 1972), visando a descrever os fatores estruturais e sociais sobre o seu uso. O *corpus* sincrônico aqui utilizado é o dialeto paraibano falado por 36 indivíduos da cidade de Jacaraú (Paraíba) e está estratificado socialmente com relação ao sexo, a faixa etária e anos de escolarização. São analisadas variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem exercer influência na variação em estudo. Também se pretendeu analisar o comportamento dessa variável em textos do século XVIII e apresentar as representações arbóreas das variantes segundo a Geometria dos Traços (CLEMENTS & HUME, 1995). O Programa Goldvarb X, utilizado para produção dos índices estatísticos e probabilísticos, selecionou as variáveis sexo (feminino), idade (15 a 25 anos), escolaridade (1 a 8 anos), contexto fonológico seguinte (vogal labial), contexto fonológico precedente (vogal coronal) e número de sílabas do vocábulo (trissílabos) como as mais relevantes no processo de variação da lateral palatal na fala jacarauense.

Palavras – chave: Sociolinguística; variação; lateral palatal.

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the lateral palatal segment in the paraibano dialect of Brazilian Portuguese and its variants (palatal [λ], alveolar [l], glide [j] and deletion [Ø]), under the theoretical-methodological model of the Variation Theory proposed by William Labov (1966, 1972), describing the structural and social constraints underneath. The synchronic corpus was produced from 36 individuals of the speech community of Jacaraú (Paraíba) and is socially stratified according to sex, age and years of schooling. Linguistic and extra-linguistic variables which were likely to influence the variation were taken into consideration. This study also intends to analyze the behavior of that variation in texts from the 18th century, and to present the arboreal representations of the lateral segment according to the Geometry of Phonological Features (CLEMENTS & HUME, 1995). The software Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), a variable rule program used as a tool for the quantitative data, selected sex (feminine), age (15 to 25), years of schooling (1 to 8), following phonological context (labial vowel), preceding phonological context (coronal vowel) and number of syllables (trisyllabic) as the most relevant variables in the variation of the lateral palatal segment in the speech community of Jacaraú (Paraíba).

Key – words: Sociolinguistics; variation; lateral palatal.

“Variety is the spice of life.” (William Cowper)

Introdução

O estudo aqui realizado preocupa-se em descrever como ocorre o processo variável de uso da lateral palatal /λ/ pelos falantes da cidade de Jacaraú (Paraíba), evidenciando a importância de se analisar sociolinguisticamente essa comunidade de fala. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teóricos oferecidos pela Teoria da Variação (WEINREICH, LABOV, HERZOG 1968; LABOV, 1972 e 1975). Tal abordagem teórica rompe com a perspectiva de homogeneidade linguística e instaura o axioma da heterogeneidade sistemática, regular e previsível, controlada por variáveis estruturais e sociais, ao mesmo tempo em que evidencia o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística.

A Teoria da Variação considera o componente social como elemento condicionador durante a realização de processos linguísticos pelos falantes de uma dada língua, uma vez que essa teoria assume que a relação entre língua e sociedade é inseparável. Partindo desse postulado, percebe-se que a Teoria da Variação se distancia das abordagens estruturalista (SAUSSURE, 2006 [1916]) e gerativista (CHOMSKY, 1965) de língua, uma vez que tais modelos entendem que a variação linguística é condicionada apenas por fatores internos. Segundo essas abordagens de estudo linguístico, a variação linguística ocorre de forma livre ou é tomada como regra opcional pelos falantes.

Nesse sentido, busca-se compreender como ocorre o condicionamento linguístico por parte dos jacarauenses ao utilizar o segmento fonológico /λ/ em situações reais de fala espontânea, descrevendo os padrões dessa comunidade com respeito ao uso da variável aqui indicada.

Diferentes estudos (ARAGÃO, 1999; CASTRO, 2006; BRANDÃO, 2007) têm revelado que o segmento /λ/ apresenta a realização de quatro variantes concorrendo entre si, respectivamente [λ], [l], [j] e [Ø]. As possíveis ocorrências desse segmento nos chamam à atenção para realização desta pesquisa no dialeto falado pelos jacarauenses, procurando-se evidenciar como a lateral palatal é realizada por esses informantes. Constituem-se exemplos do fenômeno que será aqui analisado ocorrências como: [mulɐr ~ muler], [veɫice ~ veØice] e [apareɫo ~ aparejo].

A presente pesquisa também surge motivada pelo desejo de se compreender como se dá a variação linguística, especificamente no dialeto falado em Jacaraú (Paraíba), com relação ao uso variável da lateral palatal. E a Teoria da Variação possibilita a aquisição de dados

quantitativos que permitem a sistematização da variação linguística existente nas línguas naturais.

Há a necessidade de se realizar a descrição da língua em seus diferentes níveis de análise. Assim, a realização de pesquisa de campo se faz necessária. Outrossim, a presente pesquisa possibilitará a análise do dialeto falado no interior da Paraíba. O estudo do falar regional sob o aspecto fonético-fonológico possibilitará o conhecimento da língua regional, contribuindo para a discussão sistemática das particularidades da fala da Paraíba. Assim, a realização de pesquisas na área da Linguística possibilita conhecer o português do Brasil e a história da língua.

Para esta pesquisa, será considerada variante padrão ou de prestígio o uso da lateral palatal, já as variantes [l], [j] e [Ø] serão, respectivamente, tomadas como realizações inovadoras desse segmento, como nos exemplos: [mulɐr ~ muler], [trabaɫa ~ trabaja] e [fɨlo ~ fio].

Além disso, pretende-se investigar o comportamento da lateral palatal em textos do século XIX (o *corpus* diacrônico), procurando demonstrar que o processo de variação aqui analisado pode constituir um fenômeno da língua natural. A justificativa para a escolha de um *corpus* escrito está no fato de que ele pode revelar aspectos da oralidade dos falantes, evidenciando se o processo de variação já era corrente no século XIX.

O estudo visa, também, descrever e apresentar as representações dos dados do *corpus* sincrônico desta pesquisa à luz da Teoria Autossegmental, especificamente a Geometria de Traços (CLEMENTS, 1991; CLEMENTS e HUME, 1995), uma vez que se reconhece que a Geometria dos Traços possibilita a representação do fenômeno da variação por meio de traços fonológicos (QUEDNAU, 1993, p. 11). De acordo com a de Geometria de Traços, os segmentos são representados com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de *nós* hierarquicamente ordenados, em que os *nós* terminais são traços fonológicos e os *nós* intermediários, classes de traços. Esta organização demonstra a naturalidade que há nos processos fonológicos, superando alguns dos pressupostos da Fonologia Linear (CHOMSKY e HALLE, 1968).

Assim, a partir das intenções evidenciadas acima, tem-se, como objetivos gerais deste trabalho, a tarefa de interpretar, de acordo com os pressupostos da Teoria da Variação, os resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), e analisar, à luz da Fonologia Autossegmental, como ocorre o processo da variação da lateral palatal dos falantes da comunidade de Jacaraú (Paraíba), observando os

fatores estruturais e sociais que interferem no uso da língua. O Programa Computacional Goldvarb X constituirá o instrumento que indicará as frequências e os pesos relativos necessários às inferências dos fatores que poderão exercer influência sobre o fenômeno variável aqui estudado. Os objetivos específicos do presente trabalho são detalhados a seguir:

- a) Analisar a variação do segmento /λ/ diacrônica e sincronicamente;
- b) Descrever a influência das variáveis sociais e estruturais que condicionam a variação do /λ/;
- c) Apontar a relação hierárquica desses fatores;
- d) Apontar a direção que o fenômeno em estudo está tomando, verificando se a variação é estável ou um processo de mudança;
- e) Estabelecer comparações, em nível regional e nacional, com estudos já realizados, salientando as divergências dialetais e as semelhanças com o fenômeno da variação da lateral palatal na comunidade de Jacaraú – Paraíba; e
- f) Apresentar as representações arbóreas das variantes do fonema /λ/ à luz da Fonologia Autossegmental.

Para o cumprimento dos objetivos acima, o presente trabalho procura responder às seguintes questões norteadoras em consonância com as respectivas hipóteses levantadas:

- ✓ O uso das variantes inovadoras [l], [j] e [Ø] parte dos mais jovens, impulsionando a mudança linguística, em direção aos mais velhos?

Hipótese: acredita-se que as pessoas mais jovens tendem a utilizar a variável inovadora, como nos exemplos: [muλer ~ muler], [trabaλa ~ trabaja] e [fiλo ~ fio] e as mais idosas a fazer uso da variável aceita como de prestígio. Neste sentido, objetiva-se a verificar se os jovens são os que mais usam as variantes [l], [j], e [Ø] na comunidade jacarauense. As formas variáveis podem se constituir em marcas de identidade (PAGOTTO, 2001): as realizações do /λ/ como [l, j, Ø] estão, também, relacionadas à identidade linguística dos falantes do dialeto jacarauense.

- ✓ Os falantes do sexo feminino da comunidade de Jacaraú (Paraíba) utilizam mais frequentemente a forma padrão e de prestígio do que os falantes do sexo masculino?

Hipótese: acredita-se que os falantes da comunidade de Jacaraú do sexo feminino produzem mais a lateral palatal do que os falantes do sexo masculino, tendo em vista o

que a literatura pertinente aponta. Diferentes estudos (OLIVEIRA e MOTA, 2007; CHAVES e MELO, 2009) atestam que o predomínio da variante padrão ocorre mais nos informantes femininos. Em Jacaraú, a preferência pela manutenção da variante /λ/ ocorre, principalmente, na fala das mulheres.

✓ Os falantes não escolarizados usam menos a variante padrão /λ/ do que os falantes escolarizados?

Hipótese: Baseando-se em Silva e Paiva (1996, p. 337 – 350) que afirmam que falantes com maior nível de escolaridade utilizam mais a variante padrão do que os falantes com menos ou nenhuma ano de escolaridade, supõe-se que, na comunidade de Jacaraú, os falantes com mais de 8 (oito) anos de escolaridade são os que mais utilizam a lateral palatal.

✓ Verbos favorecem a variação do /λ/ mais do que os nomes?

Hipótese: Julga-se serem os nomes (BRANDÃO, 2007) mais favorecedores do uso da /λ/, como em exemplos como: baru/λ/o ~ baru[λ]o; mani/λ/a ~ mani[λ]a, principalmente por acreditar que haveria uma tendência das formas linguísticas consideradas nomes exercerem influência no uso da variante considerada padrão.

✓ O tamanho da palavra influencia a variação da lateral palatal?

Hipótese: O fator trissílabo é o que mais favorece o uso da variante padrão, também por acreditar que há uma correlação entre o número de sílaba do vocábulo e a aplicação da regra em análise (MARTINS, 2004) como em [conseλo], [muleres] e [bataλa].

✓ Que contextos fonológicos precedente e/ou seguinte favorecem a variação da lateral palatal?

Hipótese: A literatura pertinente (BRANDÃO, 2007; CHAVES e MELO, 2009) tem evidenciado que os contextos fonológicos podem exercer significativo condicionamento linguístico sobre uma regra variável. Neste trabalho, julga-se que as vogais que antecedem ou precedem lateral palatal podem exercer alguma influência sobre o processo de variação que envolve a regra variável em análise, visto que pode ocorrer uma correlação entre os traços fonológicos do segmento /λ/ e os dos segmentos vocálicos que antecedem ou precedem esse segmento.

✓ A tonicidade influencia a variação do /λ/?

Hipótese: Baseando-se em Silva (1997, p. 77) que afirma que o /λ/ ocorre na posição tônica em mais de 52% dos itens por ele investigado, acredita-se que a tonicidade favorece mais o uso da variante padrão, uma vez que o acento exige mais esforço para pronúncia da palavra, como em “mulher”, “trabalhar” [mu’λer, traba’λar]. De acordo com Espiga (1997, p. 49), diversos aspectos relacionados à tonicidade da sílaba, sua posição ou, ainda, a distância a que se encontra da tônica a sílaba onde ocorre o fenômeno em estudo constituem-se em eventos relevantes no condicionamento de uma regra variável.

- ✓ A ocorrência de [λ] é maior do que [l, j, Ø] nos textos do século XIX e na fala jacarauense?

Hipótese: Considerando a realização da lateral palatal como a variante padrão e que goza de prestígio social, acredita-se que tal segmento obtenha o maior número de ocorrências nos *corpora* aqui estudados.

A presente dissertação é dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo retomará alguns dos principais trabalhos já realizados com a lateral palatal. As seções desse capítulo estão assim distribuídas: em 1.1 aborda-se a visão estruturalista do segmento /λ/ representada por Câmara Jr. (1972, 1985); em 1.2 retomam-se alguns trabalhos feitos com a lateral palatal na perspectiva dos estudos variacionistas, que por sua vez, subdivide-se em duas seções: 1.2.1 estudos do /λ/ na perspectiva dialetológica; e em 1.2.2 resumem-se os principais trabalhos realizados sob a perspectiva sociolinguística. Em 1.3, apresentam-se e discutem-se trabalhos com a lateral palatal oriundos dos estudos de Aquisição da Linguagem; e em 1.4 apresentam-se as conclusões gerais referentes ao presente capítulo.

O segundo capítulo se subdivide em quatro seções: as seções 2.1 e 2.2 discutem, respectivamente, o conhecimento advindo da área da Linguística, relacionando diferentes escolas linguísticas, como Estruturalismo e o Gerativismo. Nestas seções, pretende-se demonstrar que o Estruturalismo e Gerativismo defendem os postulados da categoricidade de fenômenos linguísticos. Em 2.3, são apresentados os fundamentos da Teoria da Variação (LABOV, 1972 e 1975) e, em 2.4, apresentam-se as conclusões do capítulo.

O terceiro capítulo apresenta alguns dos principais postulados teóricos da Geometria de Traços (CLEMENTS, 1991; CLEMENTS e HUME, 1995) e todas as questões relacionadas às teorias fonológicas aqui adotadas. Na seção 3.1, são descritos de forma

introdutória aspectos da Fonologia Autossegmental; em 3.2 trata-se acerca dos tipos de segmentos, e em 3.3 apresentam-se as conclusões do capítulo.

O quarto capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia aqui adotada e divide-se em 8 seções. Nele, discutem-se os aspectos da pesquisa relacionados: 4.1 à coleta de dados; 4.2 seleção de informantes; 4.3 instrumento de coleta (entrevista pessoal); 4.4 variáveis controladas (descrição das variáveis dependente e independente) que serão descritas cada uma em uma subseção; 4.5 o programa computacional estatístico utilizado (GOLDVARB X); 4.6 a contextualização do *corpus* diacrônico; em 4.7 apontam-se aspectos relacionados à comunidade pesquisada indicando aspectos físicos, geográficos, históricos, população, localização; e finalmente em, 4.8 conclusões do capítulo.

O quinto capítulo apresentará a descrição e a análise quantitativa dos dados sincrônicos obtidos à luz das teorias anteriormente citadas. Está dividido em quatro seções: 5.1 discute-se o comportamento da variável /λ/ nos textos oitocentistas da SPD (Sociedade Protetora dos desvalidos); em 5.2 apresenta-se a distribuição geral dos dados; 5.3 descrevem-se as variáveis extralinguísticas selecionadas pelo Goldvarb X; em 5.4 descrevem-se as variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb X como importantes para aplicação da regra aqui estudada; em 5.5 a apresentação das representações das três variantes da lateral palatal encontradas em Jacaraú de acordo com o sistema arbóreo da Geometria de Traços e em 5.6 apresentam-se algumas das conclusões encontradas. Esse capítulo, portanto, fornecerá os elementos necessários para responder às questões norteadoras propostas na introdução desta dissertação, tornando-se, desse modo, o capítulo central do estudo aqui proposto. Nele também, serão apresentados os gráficos e tabelas que contribuirão para visualização dos resultados obtidos.

Seguidas estas partes, têm-se as considerações finais, que retomarão os principais aspectos deste estudo.

Finalmente, apresentam-se as referências utilizadas.

CAPITULO I: Processo de Variação do Segmento /λ/: Uma Revisão Teórica

Neste capítulo, serão arrolados alguns estudos que tratam da variação da lateral palatal sob diferentes abordagens linguísticas, seja na perspectiva do Estruturalismo, da Geolinguística, da Sociolinguística Variacionista ou da Aquisição da Linguagem. Pretende-se recuperar alguns dos principais trabalhos já realizados que envolvam os diferentes processos de variação do segmento lateral palatal. Justifica-se a escolha dessas áreas de estudos por serem as que mais demonstraram maior relevância nos estudos dos fenômenos da variação do segmento ora analisado.

1.1 Visão estruturalista do segmento /λ/

Segundo Câmara Jr. (1985 [1979], p. 49), o critério para oposições distintivas entre os segmentos /λ/ e /l/ está na ordem que tais segmentos, em português, ocupam ao serem produzidos articulatoriamente. Assim, reconhece-se que para o segmento /λ/ ser realizado é necessário que o médio-dorso central da língua se estenda até o meio-palato, e quanto ao segmento /l/, a ponta da língua toque os alvéolos e a corrente egressiva de ar se espalhe pelas laterais da boca produzindo os respectivos segmentos

Câmara Jr. (op. cit., p. 54) considera a variação do /λ/ ~ /l/ ou /λ/ ~ /j/ como sendo um fato fonológico, visto que pode ocorrer mudança de significado do signo: olhos ~ óleos, julho ~ Júlio. Ressalta Aragão (1996) que, ao definir a alternância do /λ/ ~ /j/, o referido autor se apropriou de critérios fonéticos para estabelecer esse fenômeno.

Ao descrever os fonemas do português, Câmara Jr. (2005 [1972], p. 48) afirma que ocorre uma neutralização na posição não-intervocálica de /l ~ λ/ e /n ~ ɲ/ ao tratar da posição que as consoantes /λ/ e /ɲ/ ocupam. Para o referido autor:

Podemos dizer que em posição não-intervocálica há uma neutralização das posições entre [...] líquidas dental /l/ e líquida palatal, ou molhada /λ/, e entre nasal dental /n/ e nasal palatal, ou molhada /ɲ/, em proveito do primeiro membro de cada par.

Entende-se que, de acordo com o referido autor, algumas consoantes do português, quando ocorrem em posição intervocálica, apresentam uma articulação enfraquecida devido ao ambiente que são produzidas.

1.2 Visão de estudos variacionistas

1.2.1 Estudos do /λ/ na perspectiva dialetológica

Significativo entendimento foi alcançado com os estudos do segmento /λ/ realizados sob a égide da Geolinguística, buscando descrever se as diferentes realizações desse segmento nas formas despalatizadas, iodizadas¹ ou apagadas se tratavam de processos de variação regional (diatópica) ou social (diastrática). Esse impulso ocorreu principalmente com a construção dos diferentes atlas linguísticos produzidos no Brasil no final do século passado.

Aragão (1996), ao tratar da despalatização e consequente iodização no falar de Fortaleza, apresenta diferentes visões de diversos autores acerca da origem desses fenômenos. Brego (1986, p. 70, citado pela autora) trata a variação do /λ/ ~ /l/ como sendo uma variedade regional, também relacionada a aspectos sociais, estilísticos ou individuais; Jota (1976, *apud* ARAGÃO, op. cit., p. 103) entende que tal variação pode ser compreendida como um fato fonético e estilístico, e ainda que a iodização seja entendida como um dos fatos decorrentes da despalatização, visto que aquele precedeu esta na passagem do latim para o português: *milia* > *milya* > *milha*, *palia* > *palya* > *palha*. Aragão (op. cit.) cita Melo (1981), que propõe que a alternância do /λ/ ~ /l/ seja um fato sociolinguístico, consequente de registro popular e oriundo de pessoas não cultas.

Cagliari (1974, p. 88) também compartilha essa última posição no que se refere à variação do /λ/ ~ /l/. De acordo com o referido autor, nas línguas em que se perdeu o poder de distinção entre as palatais, desencadeou-se o processo de despalatização. Esse acontecimento é relativamente comum dentro das línguas neolatinas e germânicas e a perda de maior ou menor energia articulatória dos segmentos palatais está associado a causas extralinguísticas, de ordem histórica e socioeconômica das pessoas.

De acordo com Aragão (1996), há diferentes explicações para o entendimento da variação do /λ/ ~ /l/. Essa variação pode ser compreendida como um fenômeno fonético, ou como uma consequência de influência da fala africana² sob o português, ou ainda, como uma

¹ Aragão (op. cit.) utiliza tanto o termo iodizadas ou iodizadas para se referir ao processo de variação de [λ ~ j].

² Segundo Silva Neto (1977, *apud* ARAGÃO op. cit.) os negros se mostraram sempre incapazes de pronunciar o segmento /λ/.

mudança fonética do latim para o português e até como sendo um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema.

Aragão (2008), ao descrever e analisar os fenômenos de despalatização, iotização e apagamento das consoantes palatais em dados de fala das cidades de João Pessoa e Fortaleza, apresenta as seguintes tendências:

1. Uma permanência do /λ/ seguidos de quaisquer tipos de vogais³; e
Exemplos: [miλo], [meλora], [brincaλona].
2. Iotização do /λ/ em sílabas medial e final da palavra.
Exemplos: [milha ~ mja], [filho ~ fjo], [trabalhador ~ trabajador]

Nesse estudo, de acordo com Aragão (op. cit., p. 7), em número de ocorrências e seguido da permanência do segmento /λ/, acontece a iotização, em sílabas medial e final, como nos exemplos já mencionados. Ainda segundo a autora (op. cit., p. 7), as vogais abertas /a, ε, o/ posteriores ao segmento /λ/ parecem ter alguma influência sobre a permanência desse segmento.

Aragão (1999), em a “Variação fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste”, afirma que em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação, o /λ/ pode perder o traço palatal e passar a ser produzido como uma alveolar /l/, ou como iode /j/ ou sofrer apagamento, desaparecendo. Em suas palavras: “o fenômeno da despalatização, seguida ou não de iotização, é um caso típico de economia da linguagem muito frequente na linguagem popular e causado pela necessidade de facilidade de articulação (op. cit., p. 15).”

Neste trabalho, Aragão (op. cit., p. 16-18) apresenta os seguintes dados acerca da variação do /λ/ no Atlas Linguístico da Paraíba:

1. Permanência do /λ/: tanto em sílaba medial quanto em sílaba final:
 - a) Melhora
 - b) Brincalhona
 - c) Orlvalho
 - d) Zanolho

³ Mesmo a autora afirmando a permanência do segmento /λ/ diante de qualquer vogal, apenas exemplifica com a vogal /o/.

2. Iotização do /λ/: tanto em sílaba final quanto em sílaba medial:
 - g) Caraolho ~ caraojo
 - h) Malhação ~ majajção .

3. Despalatização simples⁴ do /λ/ ~ /l/:
 - a) Bilha ~ bila

4. Não ocorreu o apagamento do /λ/ em nenhuma posição⁵.

Oliveira e Mota (2007) realizam a análise das distintas realizações fônicas do fonema lateral /λ/ em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)⁶ em seis capitais nordestinas⁷ com base nos princípios teóricos e metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, correlacionando fatores linguísticos, geográficos e sociais. Os dados obtidos do *corpus* por elas estudado constataam que ocorre a predominância da manutenção da lateral palatal, visto que os fenômenos de iotização, despalatização e apagamento ocorrem de forma não expressiva nos dados analisados. As autoras constataam também que manutenção do segmento /λ/ se dá principalmente na fala de informantes do sexo feminino. Este estudo também evidenciou a relevância dos fatos sociolinguísticos para o fenômeno analisado pelas autoras.

Quadro 1: Ocorrências das variantes do /λ/ em inquéritos do ALIB (OLIVEIRA e MOTA, 2007, p. 207)

Variante	Ocorrências	Porcentagem
[λ]	2.041	91%
[l]	48	2%
[∅]	51	2%
[j]	109	5%
Total	2.249	100%

⁴ A despalatização simples, para a referida autora, consiste na variação do /λ/ ~ [l].

⁵ Não são apontados exemplos pela autora para essa afirmação.

⁶ Segundo Cardoso (2010, p. 167), o Projeto Atlas Linguístico do Brasil consiste no empreendimento que se junta à produção de atlas de cunho regional e que tem por finalidade a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa.

⁷ São elas, a saber: Aracaju-SE, João Pessoa-PB, Maceió-AL, Recife-PE, Salvador-BA e Teresina-PI.

O quadro 1 apresenta os resultados encontrados pelas autoras para todas seis capitais estudadas. De acordo com elas, os fenômenos de apagamento e de despalatização foram influenciados pela variável escolaridade, no grupo de fator nível fundamental, enquanto a permanência do segmento /λ/ foi influenciada pelo nível universitário. Este estudo evidencia, portanto, que a variação social mostrou-se um fato relevante para o fenômeno em questão.

Ainda segundo as autoras, no dialeto paraibano ocorreu maior manutenção do fonema lateral palatal do que as suas variantes, respectivamente, [l], [j] e [Ø]; e quanto às variáveis gênero e faixa etária, as variantes iotizadas e o apagamento do /λ/ são favorecidas entre os informantes masculinos que têm idade entre 18 a 30 anos de que os que estão entre 50 e 65 anos. O estudo confirma o que a literatura corrente tem apontado em relação ao comportamento dos informantes femininos, pois as mulheres tendem a preservar a variante considerada de prestígio, /λ/, em contraste com as demais variantes desse fonema.

Aragão (1994 e 1996) e Seraine (1985) mostram que a despalatização, a iotização e o apagamento das consoantes palatais ocorrem nas mais diversas localidades do Brasil, e constituem-se uma variação social, diastrática relacionada ao grau de escolaridade dos informantes. Essa afirmação também é corroborada por Ilari (2008, p. 250) ao escrever sobre o Português do Brasil, quando afirma que a alternância do /λ/ ~ /j/ constitui-se um dos fenômenos pan-brasileiros.

Castro (2006) realizou estudo com base nos dados do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) e no Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), analisando como se dá a iotização da lateral palatal em diferentes localidades desses Estados. Segundo esse autor (op. cit., p.135), os dados evidenciam a realização de três variantes concorrentes entre si: [λ], [l] e [j]. No que se refere aos dados do EALMG, a iotização demonstrou-se relevante nas palavras: *arco-da-velha* e *orvalho*, que apresentam contextos anteriores com segmentos vocálico coronal /e/ e vogal dorsal /a/, respectivamente, e contextos posteriores com vogal dorsal /a/ e vogal labial /o/, respectivamente. Os dados apresentados pelo autor também apontam que a realização da iotização apresenta discreta concentração no Triângulo Mineiro e a Sudoeste do Estado, já no eixo Central de Minas Gerais ocorre a realização da lateral palatal /λ/. Ressalta o autor que a iotização tem variação diversa em diferentes localidades do Estado de Minas Gerais (op. cit., 135-136).

Em relação ao ALPR, os vocábulos mais relevantes para a variação do /λ/ como /j/, segundo o autor (op. cit., p. 221), foram: *ilha*, *galho*, *folha*, *cangalha*, *silhão*, *piolho*, *piolho-de-cobra* e *milho*, totalizando 8 (oito) vocábulos. Percebe-se que os contextos mais

favorecedores do segmento /λ/, são, respectivamente, o anterior, com segmentos coronais e labiais, e o posterior, com dorsais e labiais.

Ainda de acordo com o autor, a iotização da lateral palatal é observada praticamente em todo o território paranaense e apenas em uma localidade a oeste do estado não se registrou ocorrências dessa variação, mas não é hegemônico, visto que também se atestam as ocorrências do /l/ seguida de iode nos dados coletados; e que o fator geográfico não se mostrou particularmente relevante para as diferentes realizações do /λ/ no Estado do Paraná (op. cit., p. 228).

Cagliari (1974, p.118), ao estudar a palatização do português do Brasil, especificamente do dialeto paulista⁸, afirma, ao propor a alternância de /λ/ ~ [j], que o enfraquecimento articulatorio se produz ao longo da linha média da língua, originando um canal de constrição, em vez de oclusão, e há pressão forte sobre os lados da boca, gerando o iode; e que é comum observar esta passagem em muitos dialetos brasileiros e mesmo em outras línguas.

1.2.2 Estudos do /λ/ na perspectiva sociolinguística

Chaves e Melo (2009) realizaram estudo sobre a variação do /λ/ em quatro bairros de Rio Branco (AC). Os dados foram obtidos por meio de aplicação de questionário fonético-lexical e de entrevistas de base sociolinguística. O *corpus* foi formado por 72 (setenta e dois) informantes distribuídos igualmente por sexo, faixa etária e escolaridade, e após codificação, foram realizadas rodadas no Varbrul (2000) para produzir os índices estatísticos e probabilísticos de variação. No estudo em questão foram analisados apenas os fatores linguísticos envolvidos na variação do /λ/.

Segundo as autoras, o processo de despalatização constitui-se um fenômeno fonético no qual o segmento lateral palatal perde sua característica palatal (op. cit., p. 84). A variação do /λ/ no Estado do Acre se reveste de grande importância, pois foi possível detectar as variantes utilizadas pelos informantes desse segmento, e ao mesmo tempo, evidenciar quais são as variáveis linguísticas responsáveis pelo condicionamento desse fenômeno no dialeto rio-branquense (op. cit., p. 84). De acordo com as referidas autoras, as variáveis contexto antecedente (fator vogais /ó, ô/) e contexto subsequente (fator vogais /ã, a/), com pesos relativos, respectivamente, (0,60) e (0,81) foram selecionadas como influenciadoras da regra

⁸ Quando Cagliari (1974) se refere ao dialeto paulista está considerando aquele falado por pessoas cultas do Estado de São Paulo.

por elas analisada; além dessas variáveis, a tonicidade da sílaba também foi controlada, e o fator sílaba tônica, com peso relativo de (0,60), mostrou-se relevante para permanência do segmento lateral palatal no dialeto rio-branquense. Ainda segundo as autoras, a despalatização do /ɲ/ ocorre com mais frequência entre falantes não escolarizados e oriundos de regiões não urbanas (op. cit., p. 85). Os dados da presente pesquisa podem ser examinados no quadro 2:

Quadro 2 : Variantes do /ɲ/ no dialeto rio-branquense (op. cit., p. 90)

Variantes	Ocorrências	Porcentagem
[ɲ]	1750	78,7%
[j]	22	1%
[l]	87	3,9%
[∅]	1	0%
[lj]	253	11,4%
[ɲj]	111	5%

Brandão (2007) realizou o estudo da variação do /ɲ/ na variedade popular de 13 (treze) comunidades do Estado do Rio de Janeiro sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. Nessa pesquisa, os 78 (setenta e oito) informantes são todos masculinos, residentes em áreas rurais ou semi-urbanizadas, analfabetos ou com no máximo 4 (quatro) de escolaridade e distribuídos por três faixas etárias. A referida amostra obteve os seguintes dados:

Quadro 3: Dados das ocorrências do /ɲ/ no dialeto fluminense (op. cit., p. 93)

Variantes	Ocorrências	Porcentagem
[ɲ]	2514	72%
[l]	181	5%
[j]	174	5%
[∅]	21	1%

De acordo com Brandão, as variáveis condicionantes das variantes são: do segmento /ɲ/, o contexto subsequente e a presença da nasal palatal no vocábulo; do /j/, o contexto

anterior, a localidade, a faixa etária e a tonicidade da sílaba. Ressalta a autora que foram essas as variáveis selecionadas pelo Goldvarb X (op. cit., p. 94).

Segundo Brandão, de acordo com a distribuição dos dados das variantes do /λ/ no dialeto fluminense do Norte e Noroeste do Rio de Janeiro, chega-se a dois padrões básicos de variação idioletal: o primeiro, não marcado socialmente, e o segundo, marcado socialmente, representados respectivamente pelas variantes [λ] e [l] quando seguidas de [i] e/ou [lj], e no segundo grupo, [j] e a [l] diante de vogais diferentes de [i].

Silva (1997) realizou pesquisa com falantes do município de Iguatu (CE), visando interpretar os processos fonológicos pertinentes à substituição da soante⁹ palatal /λ/, estabelecendo sua representação autosegmental, e ao mesmo tempo, adotando alguns dos princípios da Sociolinguística Quantitativa. Nessa pesquisa, a amostra de informantes foi constituída de 30 (trinta) informantes residentes no município acima mencionado, sendo metade da zona rural e metade da zona urbana e, para a coleta de dados, foi realizada uma sessão de entrevista, uma situação de produção oral estimulada por figuras e uma situação de leitura de uma listagem de palavras. Os dados das ocorrências, dessa pesquisa, estão distribuídos no quadro 4:

Quadro 4: Distribuição dos dados de ocorrências do segmento /λ/ em Silva (1997, p. 83)

Variantes	Ocorrências	Porcentagem
[λ]	3954	84,7%
[j]	346	7,4%
[l]	252	5,4%
[Ø]	116	2,5%

A partir do que apresenta o quadro 4, constata-se a predominância da manutenção do segmento /λ/ no dialeto investigado. Entende-se que esse possível favorecimento possa estar ocorrendo devido ao fato de esse segmento ser considerado a variante padrão.

⁹ Este som, no modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968), de acordo com Matzenauer (op. cit., p. 21), é oposto às obstruintes, e envolve as vogais, líquidas, glides e nasais. É um som produzido com o trato vocal no qual é possível a sonorização espontânea.

1.3 Trabalhos com o segmento /λ/ sob o enfoque da Aquisição da Linguagem

Ilha (1993, *apud* CRUZ, 2009, p. 52) considera a semivocalização do /λ/, durante a aquisição da linguagem, como sendo uma estratégia de reparo. De fato, durante o processo de aquisição da linguagem, a semivocalização do /λ/ é considerada como uma etapa natural de aquisição das líquidas, visto que a produção desses segmentos envolve certo grau de complexidade articulatória, pois a produção do /l/ exige que a lâmina da língua (articulador ativo) toque os alvéolos (articulador passivo), já o /λ/ requer que a parte média da língua (articulador ativo) toque a parte final do palato duro (articulador passivo) para que seja produzido. Assim, reconhece-se que tal caminho de produção demanda certa complexidade no que se refere aos aspectos articulatórios, sobretudo, de quem ainda está adquirindo os segmentos fonológicos de uma língua.

Freire (2009) realizou estudo da aquisição da lateral palatal /λ/ por crianças falantes do português do Brasil, dialeto paulista, com um *corpus* formado por 42 (quarenta e duas) crianças, sendo 21 (vinte e um) meninos e 21 (vinte e duas) meninas que estavam com idade entre 2:0 (dois anos e zero meses) e 4:2 (quatro anos e dois meses). Os dados para a referida pesquisa foram obtidos por meio da realização de contação de histórias (fala espontânea), nomeação de figuras, sessão de brincadeiras e testes de repetição de sintagmas. Cada sessão ocorria em um tempo médio de 15 (quinze) a 30 (trinta) minutos, dependendo do interesse da criança observada. Devido às estratégias de realização do segmento /λ/ pelas crianças envolvidas nesta pesquisa, preferiu-se agrupá-las por período de 2 (dois) meses de idade.

Nessa pesquisa, foi possível observar que, nas faixas etárias de 2:0 - 2:1 e 2:2 - 2:3, não há ocorrências do segmento /λ/ pelas crianças envolvidas na pesquisa, confirmando o que aponta estudos anteriormente realizados (MEZZOMO e RIBAS, 2004), isto é, o predomínio da presença do /l/, conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1: Ocorrências das faixas etárias 2:0 – 2:1 e 2:2 – 2:3

	[λ]	[j]	[l]
Ocorrências	-	-	11

A partir das faixas etárias 2:4 a 3:5, o segmento /λ/ passa a ser produzido, mas sendo também substituído pelos segmentos /l/ e /j/. Desse modo, fica demonstrado que o segmento /λ/ começa a ser adquirido ainda que de modo instável, implementando-se no inventário

fonológico das crianças pesquisadas. Os dados também evidenciam que a aquisição fonológica do português ocorre dentro de um processo que obedece a etapas. Entre as faixas etárias 3:6 – 3:11 ocorre algo interessante: a produção do /λ/ é registrada nos dados, mas não foi substituído pelo segmento lateral /l/, e sim, pelo segmento semivocalizado /j/¹⁰. Os resultados estão nas tabelas 2 e 3:

Tabela 2: Ocorrências das faixas etárias 2:4 a 3:5

	[λ]	[j]	[l]
Ocorrências	68	8	31

Tabela 3: Ocorrências das faixas etárias 3:6 – 3:11

	[λ]	[j]	[l]
Ocorrências	44	11	-

Nas faixas etárias de 4:00 – 4:02 passa a ocorrer o segmento /λ/ de forma recorrente e predominante, e deixa de ser substituído por [l] ou [j]. Isso confirma o que Hernandorena e Lamprecht (1997) e Rigatti (2000) apontaram: o segmento /λ/ é dominado de forma tardia pelas crianças. As ocorrências estão na tabela 4:

Tabela 4: Ocorrências das FE 4:00 – 4:02

	[λ]	[j]	[l]
Ocorrências	37	-	-

A partir desses estudos em aquisição da linguagem, reconhece-se que as alternâncias ocorridas entre o segmento /λ/ e suas variantes, respectivamente, [l], [j] e [Ø], constituem-se estratégias de reparo¹¹ utilizadas pelas crianças enquanto não implementam definitivamente a lateral palatal no seu inventário fonológico. Esses estudos, também, têm evidenciado que o processo de despalatização ocorre primeiro, seguido, então, do processo de iotização,

¹⁰ Mota (1996, *apud* ESPIGA, op. cit., p. 161), ao estudar 25 sujeitos em período de aquisição, apresenta dados que apontam altas ocorrências de substituições de líquidas por glides [w] e [j], principalmente pelo segmento [j].

¹¹ Espiga (op. cit., p. 162), baseando-se em Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991) aponta essas estratégias como estratégias simplificadoras porque pretendem reduzir as dificuldades articulatórias das crianças sem prejudicar demasiadamente a inteligibilidade da fala.

diferentemente do que ocorreu durante a passagem do latim para o português conforme afirma Cruz (2009, p. 56).

1.4 Conclusões do capítulo

Percebe-se que o processo de variação do /λ/ constitui-se um fato tão recorrente na língua que é possível analisá-lo por diferentes perspectivas linguísticas, sejam elas na área de Aquisição da Linguagem, de Variação linguística, de Geolinguística. Assim, é possível obter resultados que enriquecem a compreensão desse fenômeno existente nas línguas naturais. Referimo-nos às línguas naturais porque esse fato não é uma exclusividade do português do Brasil, como observa Schane (1975, p. 39):

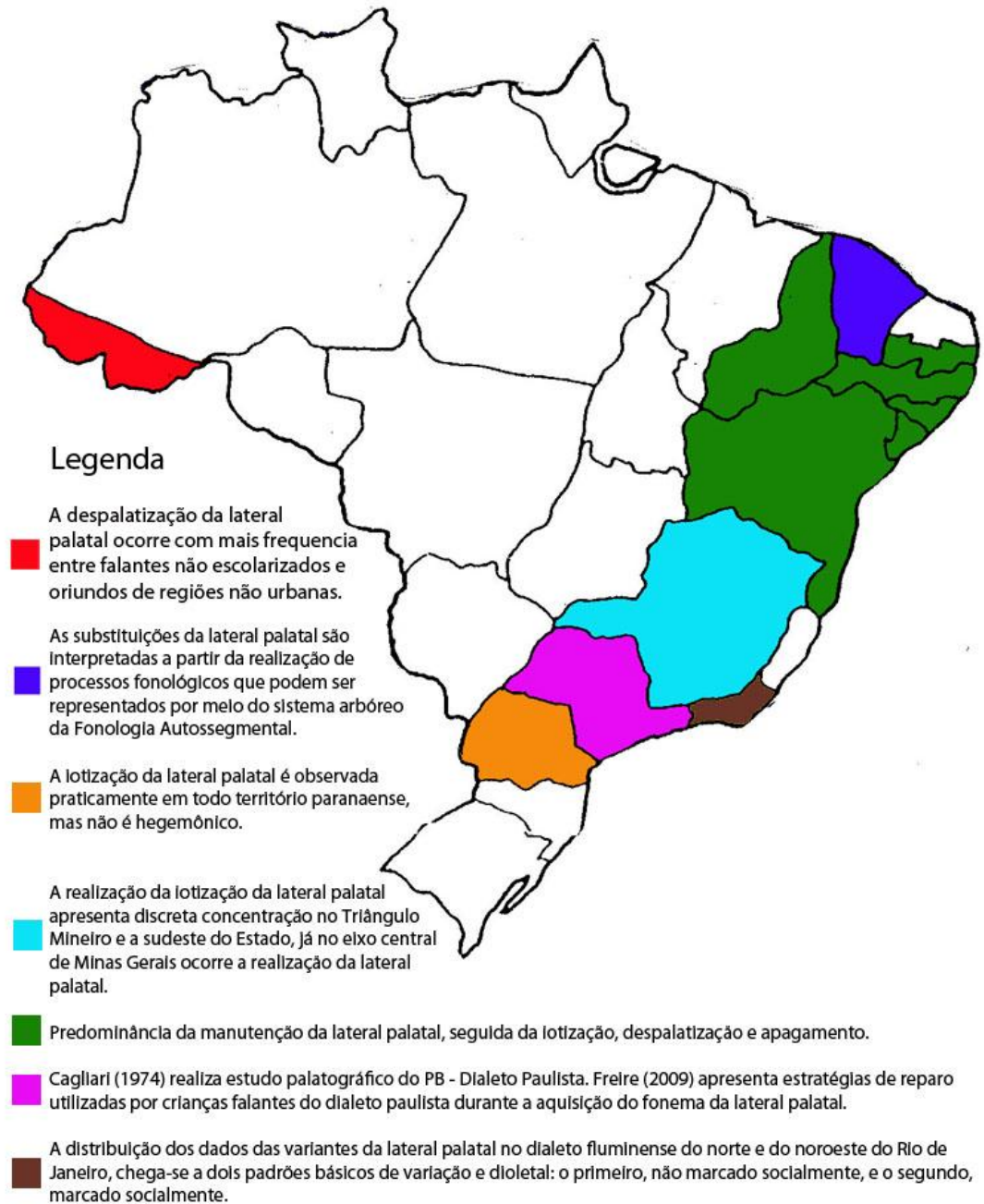
Quase todas as línguas possuem um /l/ dental (ou alveolar). Um /λ/ palatoalveolar, geralmente denominado /l/ dental (ou alveolar) encontrado em italiano (como na palavra *figlia*¹²) e assim como também em alguns dialetos do espanhol e do Francês. (Em outros dialetos este som foi substituído por /j/.

Segundo Cagliari (1974, p. 97-98), o processo de iotização do /λ/ também ocorre no italiano. Percebe-se, então, que o segmento /λ/ apresenta um comportamento bastante variável em diferentes línguas, figurando-se como um possível fato universal.

Reconhece-se, a partir do que foi resenhado acima, que a variação do /λ/ pode ser concebida como variação social (diatrática), ou como regional (diatópica) e ainda como simples estratégia de reparo durante a aquisição desse fonema. O mapa a seguir ajuda-nos a visualizar a distribuição da realização de alguns estudos já realizados com a lateral palatal no PB.

¹² Palavra que equivale a *filha* em PB.

Mapa 1: Distribuição de alguns estudos do /ɺ/ por Estados



Percebe-se, a partir do que apresenta o mapa 1, certa descrição de estudos acerca da variação da lateral palatal no dialeto brasileiro. Entende-se que são estudos que se revestem de grande importância porque possibilitam a descrição do português falado em diferentes regiões do Brasil. Neste sentido, esses estudos permitem que se faça a sistematização descritiva das

particularidades da fala no que se refere ao uso do segmento /λ/ e de suas respectivas variantes.

Nos capítulos seguintes (II e III), apresentam-se as bases teóricas que fundamentarão a presente pesquisa.

CAPÍTULO II: Fundamentação Teórica

Pretende-se no presente capítulo apresentar uma introdução do que sejam as perspectivas estruturalista e gerativista, bem como os princípios teóricos que governam a Teoria da Variação de origem laboviana, realizando uma síntese de algumas reflexões propostas por Labov e outros teóricos para essa área da Linguística.

Acredita-se que o conhecimento oriundo, tanto da Teoria da Variação quanto o da Geometria de Traços (que será discutido no capítulo III), possibilitará uma melhor compreensão do processo de variação da lateral palatal na comunidade de Jacaraú (Paraíba) e nos textos do século XIX.

2.1 Estruturalismo

O Estruturalismo na Linguística iniciou-se no começo do século XX com o lançamento do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure em 1916. Para Saussure (2006 [1916]), a língua é um sistema de signos, homogêneo, social (compartilhado), abstrato, ideal e que não sofre interferência do falante. Dentro dessa perspectiva, os estudos linguísticos se dão em sincronia ou diacronia. Saussure optou por desenvolver seus estudos apenas na perspectiva sincrônica, já que a língua, neste nível, é concebida como sistema estático, homogêneo e regular, enquanto que no nível diacrônico, ela é vista como um elemento que pode sofrer mudanças. Para os estruturalistas (SAUSSURE, 2006 [1916]), elementos estruturais são invariáveis (fonemas, morfemas). Ao realizar tal opção, Saussure deixou em segundo plano uma gama de fenômenos linguísticos fora de análise, principalmente aqueles ligados às manifestações orais e de uso da língua.

Entende-se que o livro *Cours de Linguistique Générale* contém o pensamento de Saussure, embora tenha sido editado por dois dos seus ex-alunos de Saussure a partir de registro de notas das aulas ministradas pelo próprio Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra.

Além das dicotomias apresentadas e discutidas no *Cours*, de acordo com Ilari (2005, p. 57): “Saussure elegeu como noção central para compreensão dos fenômenos linguísticos a noção de valor.” Percebe-se que, com essa noção, Saussure pretende evidenciar a natureza opositiva do signo linguístico, ou seja, com essa noção fica evidente que um signo linguístico é o que o outro não é. Por exemplo, os signos *ódio*, *raiva*, *rancor* e *ira*, apesar de estarem em

um campo semântico muito próximos, a língua os coloca em contraste quando são utilizados em uma determinada situação. A noção de valor, de acordo com Carboni (2008) já tinha sido discutida pelo gramático Panini, e esta noção foi responsável “por propor um novo enfoque sobre o objeto estudado” (ILARI, op. cit., 63), e, ao mesmo tempo, provocou efervescência de novos estudos na Linguística.

De acordo com Gil (1999, p. 15), “a concepção de língua de Saussure é mentalista porque supõe que a língua existe em todos e em cada membro da comunidade linguística.” Essa concepção aponta na direção de estudar a língua como um sistema orgânico de signos que o falante compartilha dentro da comunidade na qual está inserido.

Conceitos como os de convencionalidade e arbitrariedade do signo linguístico ou os de significado e significante, linearidade do significante, imutabilidade do signo compõem o cenário de estudo denominado de estruturalista saussuriano. Desse modo, conhecer o pensamento do linguista genebrino faz-se necessário para compreender a interação existente entre estas noções e as dicotomias apresentadas pelo *Cours de Linguistique Générale*.

Ainda segundo Carboni (op. cit., p. 37), “a Linguística Estruturalista se caracteriza pela sua abstração e pela sua generalidade, opondo-se à busca do concreto e do particular, objetivo central de grande parte da Linguística tradicional.”

Os estudos estruturalistas ganham repercussão, também, no continente americano, adquirindo destaque ao se dedicar ao estudo das línguas indígenas e, em particular, às línguas ágrafas. Esses estudos se desenvolveram, sobretudo, sob as orientações de Fraz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield.

2.2 Gerativismo

A partir de 1950, o cenário dos estudos linguísticos é marcado pela proposta do gerativismo chomskyano. Com *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1957) são lançadas as primeiras ideias acerca dessa corrente que serão difundidas nas décadas seguintes e ganharam força na comunidade acadêmica do mundo inteiro, e assim, criarão bases para implementação do gerativismo na Linguística.

O gerativismo (CHOMSKY, 1950 *apud* BORGES NETO, 2005) aponta que há formas subjacentes invariáveis que se realizam em estruturas superficiais distintas. A língua era compreendida como um conjunto de estruturas sintáticas que já está organizada na mente do

falante. Chomsky também estabeleceu a dicotomia competência-desempenho¹³. De acordo com Petter (2007, p. 15), a competência consiste no conhecimento internalizado do sistema linguístico que todo falante tem de sua própria língua e que lhe possibilita produzir sentenças, enunciados ou regras sempre gramaticais, bem como de distinguir as agramaticais¹⁴; já o desempenho está relacionado ao uso desse conhecimento manifestado por meio do comportamento linguístico do falante. Além disso, o desempenho também está sujeito a fatores não linguísticos. Por exemplo: se o falante diz *broco* ao invés de *bloco*, para o gerativismo isso ocorre devido a atitudes emocionais do falante, descuidos, etc., e está relacionado ao desempenho do falante.

Nos estudos gerativistas, o foco é dado sobre a competência do falante ao usar uma língua. Postula-se uma concepção de cunho inatista. Percebe-se também nos postulados do gerativismo uma oposição aos estudos comportamentalistas (SKINNER, 1957) de descrição dos fatos da linguagem. Chomsky procurou demonstrar em seus trabalhos que o ser humano é portador de uma capacidade de produzir enunciados dinâmica e criativamente, mesmo sem antes tê-los ouvido. Desse modo, ele rejeita o modelo de aquisição de língua baseado na tríade estímulo - reforço - resposta, apontando, assim, para a pobreza do ambiente linguístico como um dos argumentos para oposição à concepção behaviorista.

De acordo com Carboni (op. cit.), o gerativismo surge em oposição à linguística distribucional ao propor a noção de transformação. Além disso, rejeita a concepção behaviorista da linguagem, ao defender que a linguagem é uma propriedade cognitiva humana (CARNIE, 2002). A linguagem é uma capacidade específica apenas do ser humano.

Carnie (2002) aponta que o gerativismo busca representar, a partir de modelo computacional, a linguagem, ou seja, demonstrar por meio de regras o mecanismo computacional capaz de representar o conhecimento linguístico de um falante de uma língua natural ao postular que a linguagem é inata ao ser humano.

Segundo Carboni (op. cit., p. 59),

A Linguística Estruturalista do *Cours de Linguistique Générale* e o Gerativismo chomskyano trabalham a língua como objeto científico, isolado

¹³ Pode-se reconhecer certas semelhanças entre a dicotomia saussuriana (langue x parole) e a chomskiana (competência x desempenho). Esta se constitui “como uma possível reformulação da dicotomia saussuriana.” (HORA, 2004, p. 17)

¹⁴ Reporta-se aos conceitos de gramatical e agramatical não àqueles relacionados à gramática tradicional (certo x errado), mas sim aos oriundos do sistema de categorias lexicais defendidos pelo gerativismo que visa interpretar as intuições linguísticas do falante, e ao mesmo tempo, afirma-se que esse falante é capaz de produzir enunciados e sentenças dinâmica e criativamente (CARNIE, 2002).

do social, das situações concretas, sociológicas e psicológicas, pressupondo um locutor desistoricizado e descontextualizado.

Neste sentido, reconhece-se que os estudos linguísticos realizados sob a ótica estruturalista ou gerativista tomavam a linguagem como componente da mente humana, e, desse modo, não mantém relação com os fatores sociais no que se refere ao condicionamento linguístico, como faz a Teoria da Variação, objeto da seção seguinte.

2.3 Teoria da Variação (Sociolinguística Variacionista)

Foi a partir dos trabalhos de William Labov (1963, 1966) sobre o inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard*, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos) e sobre o estudo do inglês vernacular falado em Nova Iorque que os estudos variacionistas ganharam impulso. Em 1968, Weinreich et al. lançam a proposta de fundamentação teórica de uma nova perspectiva, que ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista ou a Teoria da Variação¹⁵, que visa descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, ao mesmo tempo em que rejeita a concepção homogênea de língua e incorpora a relação língua/sociedade, considerando que a variação linguística está associada ao sistema. A Sociolinguística Variacionista surge no cenário linguístico como reação ao modelo gerativista (CHOMSKY, 1950).

De acordo com Chambers (2003, *apud* TAGLIAMONTE, 2006, p. 3), a Sociolinguística Variacionista é: “the correlation of dependent linguistic variables with independent social variables¹⁶.” Neste sentido, este modelo de estudo linguístico busca incorporar à sua análise restrições de natureza extralinguística, apontando para o condicionamento linguístico de fatores sociais, visto que podem desempenhar papel decisivo na explicação da variação linguística de uma determinada comunidade de fala.

A Sociolinguística Variacionista toma como objeto de estudo a língua falada por uma determinada comunidade de fala. Essa língua corresponde às produções linguísticas feitas em diferentes situações reais de uso. Desse modo, a análise variacionista tomará a linguagem enquanto fenômeno social. Bright (1966, *apud* ALKMIM, 2001, p. 28) afirma que o objeto da Sociolinguística é a diversidade linguística. O modelo variacionista introduz a perspectiva da

¹⁵ Ressalta-se que, neste trabalho, tomam-se os termos Sociolinguística Variacionista e Teoria da Variação como sinônimos.

¹⁶ “A correlação de variáveis linguísticas dependentes com variáveis sociais independentes.” (todas as traduções que figuram nesta pesquisa são de nossa responsabilidade).

heterogeneidade linguística em detrimento do axioma da homogeneidade linguística, pois de acordo com Weinreich et al. (1968, p. 100-1):

The key to a rational conception of language change – indeed, of language itself – is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community...It is absence of structural heterogeneity that would be dysfunctional.¹⁷

Neste sentido, a variação linguística ordenada é uma característica inerente a qualquer língua natural. De fato, a língua é um sistema que evolui permanentemente e busca organizar as mutações desencadeadas por diferentes fenômenos linguísticos e por diversos parâmetros (MARQUILHAS, 1996).

Ainda de acordo com Bright (1966, *apud* ALKMIM, 2001, p. 28), o objetivo da Sociolinguística Variacionista consiste em: “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social.” Percebe-se, portanto, que a Teoria da Variação, ao tomar a produção de fala espontânea como objeto de estudo, possibilita encontrar padrões em meio à fala natural, evidenciando a importância de se descrever sociolinguisticamente as comunidades de fala, ao mesmo tempo em que aponta para a heterogeneidade sistemática, regular e previsível, controlada por variáveis estruturais e sociais.

A Teoria Variacionista introduz nos estudos linguísticos o conceito de regra variável, em oposição ao conceito de regra categórica, defendida pelo paradigma gerativista. A concepção de regra variável opõe-se ao longo caminho central percorrido pela teoria linguística. Com os neogramáticos (PAUL, 1966), a mudança fonética era concebida como fato categórico. Foi a primeira perspectiva linguística a observar a regularidade na mudança do som. Para esses estudiosos, a mudança linguística se dava de forma regular, ou seja, quando ocorria em determinado contexto, afetaria todos os outros contextos semelhantes. Os princípios fundamentais postulados pelos neogramáticos são dois, a saber: as leis fonéticas e a analogia. Segundo Faraco (2005, p. 52), “as mudanças fonéticas tinham um caráter de absoluta regularidade e, portanto, deveriam ser entendidas como leis que não admitiam exceções (as chamadas leis fonéticas). As aparentes exceções eram atribuídas à intervenção de um processo gramatical chamado analogia.” Mas este mesmo autor aponta que tais princípios não se sustentam à análise quando se compara dados da língua, pois haveria, assim se

¹⁷ “A chave para uma concepção racional da mudança linguística – na verdade, da língua em si mesmo – é a possibilidade de descrever diferenciação ordenadamente em uma língua que serve a uma comunidade. É a ausência da heterogeneidade estrutural que seria disfuncional.”

percebe, uma espécie de paradoxo: a mudança fônica, que é regular, pode gerar irregularidades gramaticais; e a analogia, que é irregular (isto é, não aplica em todos os casos em que poderia), gera regularidade (FARACO, op. cit., p. 52).

Para os estudos variacionistas, a relação entre língua e sociedade é indispensável e não mero recurso interdisciplinar de análise. Língua e sociedade constituem também instâncias inseparáveis. É por meio da língua, que os falantes realizam situações comunicativas concretas na vida social. Além disso, a língua possibilita ao indivíduo se situar na sociedade e realizar diferentes processos comunicativos com outros falantes. Essa relação também fica evidente quando se observa aspectos relacionados, por exemplo, às exigências atuais do mercado de trabalho, quando se percebe que a mulher, geralmente por questões culturais, exerce o papel de principal educadora do lar ou quando se associa língua com fatos ligados a idade, jargões de classes específicas ou a um determinado tipo de discurso político.

Neste sentido, percebe-se que a Teoria Variacionista adota em suas análises o componente social como elemento de condicionamento linguístico, dando conta de vários fenômenos linguísticos que se realizam nas comunidades de fala, diferentemente dos enfoques estruturalista e gerativista. O contexto social é capaz de fornecer elementos que possibilitam compreender e explicar como ocorre a variação linguística em uma determinada comunidade. De acordo com Hora (2004, p. 18), a Teoria da Variação:

Situa-se em relação ao conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição sociolinguística.

A Sociolinguística Variacionista tem demonstrado que a língua de uma comunidade de fala apresenta marcas que identificam os seus falantes. Essas marcas, sejam elas de sexo, nível de escolaridade, classe social, etnia, evidenciam que o falante utiliza formas diferentes de falar porque o sistema linguístico o possibilita realizar escolhas. Desse modo, de acordo com Weinreich et al. (1968), o conceito de regra variável contradiz o paradigma de categoricidade.

Os postulados da Teoria da Variação concebem a língua como sistema heterogêneo e variável. A língua, desse modo, oferece ao falante diferentes possibilidades de se expressar e de fazer referência a um dado objeto, fenômeno ou fato da situação social em que esteja inserido. E cada uma dessas possibilidades é portadora de um valor e desempenha alguma

função durante a realização do processo comunicativo na interação social. De acordo com Tagliamonte (op. cit., p.5-6):

The essence of variationist Sociolinguistics depends on three facts about language that are often ignored in the field of Linguistics. First, the notion of ‘orderly’ heterogeneity (LABOV et al, 1968, p. 100), as Labov (1982, p. 17) refers to as ‘normal’ heterogeneity; second, the fact that language changes perpetually; and third, that language conveys more than simply the meaning of its words.¹⁸

Para a Sociolinguística Variacionista, é durante a produção da fala do tipo espontânea, sem monitoramento, diária, informal que ocorrem diferentes fenômenos de variação linguística. É o tipo de fala que a literatura denomina vernáculo (TAGLIAMONTE, op. cit.), que se distancia da norma idealizada e permite a realização de processos de escolhas, de opções. Para Labov (1969), a escolha é um processo sistemático dentro da heterogeneidade linguística, evidenciando-se, assim, a natureza variável do sistema linguístico. Corrobora as ideias ventiladas até aqui, a afirmação de Tarallo (2004 [1985], p.19): “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão dos fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação”.

De acordo com Weinreich et al. (1968), dois são os princípios básicos para o estudo da língua no campo da Sociolinguística Variacionista: (i) deixar de identificar estrutura linguística como homogeneidade e conceber como opção racional a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade; (ii) entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Conceitos como os de variação estável e mudança em progresso fazem parte do cenário de estudos sociolinguísticos. Segundo Hora (op. cit., p. 27) “em casos de variação estável, os jovens e idosos apresentam o mesmo comportamento, contrastando com a população de meia-idade.”

¹⁸ “A essência da sociolinguística variacionista depende de três fatos sobre a língua que são ignorados frequentemente no campo da Linguística. O primeiro, a noção de ‘heterogeneidade ordenada’ (LABOV et. al., 1968, p. 100), à qual Labov (1982, p. 17) se refere como heterogeneidade ‘normal’; o segundo, o fato de que a língua muda continuamente; e o terceiro, que a língua transmite mais do que simplesmente o significado de suas palavras.”

Tarallo (1990, p. 63) afirma que o processo de variação estável pode ser caracterizado pela coexistência de pelo menos duas formas rivais que estabelecem uma relação de contemporaneização, graças à estabilidade das adversárias.

Entende-se que o fenômeno de variação estável pode ser caracterizado por indicar o emprego das formas de prestígio sendo utilizadas por parte de falantes que tenham mais anos de escolarização. Além disso, os falantes do sexo feminino tendem a fazer uso da forma considerada padrão e o fator idade (com gradação etária) pode demonstrar o uso de variantes pelo uso de formas linguísticas de prestígio mais frequente nas faixas etárias intermediárias (gráfico curvilíneo) e com gradação etária identificado pelo uso de variantes de prestígio distribuído de forma plana entre as camadas etárias de forma semelhante.

Diferentemente, ocorre o processo de mudança. De acordo com Weinreich et al. (op. cit., p. 125) “a mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.”

Neste sentido, a distribuição de falantes por faixas etárias pode permitir a visualização desse processo, por exemplo, se em uma extremidade tem-se os jovens como os que mais usam a variante inovadora, então, na outra extremidade, poderá estar os mais idosos como os que mais utilizam a forma variante considerada conservadora. Entende-se que esse processo pode caracterizar o fenômeno de mudança em progresso em uma comunidade de fala.

Desse modo, esse modelo teórico-metodológico tem possibilitado uma maior compreensão dos fenômenos linguísticos, visto que elimina os falantes ideais e, conseqüentemente, a comunidade linguística homogênea. Percebe-se, assim, que a regra variável é sensível ao contexto de sua realização, condicionado linguística e extralinguisticamente. Além disso, tem-se evidenciado que a variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis da gramática, tais como o lexical, o fonológico, o morfológico, o sintático, o discursivo/pragmático (TAGLIAMONTE, op. cit.).

A Sociolinguística Variacionista tem fornecido todo um suporte teórico-metodológico com aparato estatístico como ferramenta de análise e quantificação dos dados linguísticos, sobretudo ao fazer a análise multivariada e a quantificação de opções do sistema linguístico pelo programa computacional Goldvarb X.

A partir do que propõe a Sociolinguística Variacionista, aceita-se que a realidade linguística é variável: há variação dialetal e social dentro do indivíduo. A gramática do falante de uma língua natural apresenta processos opcionais por condicionamentos. Além disso, a análise sociolinguística tem considerado não apenas o dado linguístico, mas tem incorporado

dados à sua análise, como a identidade social do emissor (falante) e a do receptor (ouvinte), o contexto social.

Neste sentido, constata-se que os parâmetros da variação linguística são diversos e que só a análise dos dados linguísticos pode revelar as motivações linguísticas e não-linguísticas que condicionam os fenômenos linguísticos existentes em uma determinada comunidade de fala. Este trabalho de pesquisa também entende que a descrição de uso de formas da língua pode ser comprovada a partir da competência do falante, daí a necessidade de se adotar uma teoria de origem gerativista para auxiliar na explicação do fenômeno ora analisado.

2.4 Conclusões do capítulo

O percurso que se fez até aqui vem evidenciar que os estudos linguísticos são construídos historicamente, percorrem diferentes caminhos e estão vinculados aos princípios teóricos postulados por seus idealizadores.

Buscou-se apresentar uma introdução do que sejam os paradigmas estruturalista e gerativista.

Procurou-se, também, destacar a maneira como a Teoria da Variação compreende o processo de variação linguística, entendendo-se que esse fato está condicionado por fatores internos e externos à língua. Nesse sentido, pode-se afirmar que a Teoria da Variação consegue ir além das perspectivas estruturalista e gerativista no que se refere à variação, pois, entende-se que a Teoria da Variação, ao incorporar restrições sociais como elementos condicionadores de variação linguística, consegue explicar, satisfatoriamente, a existência de fenômenos variáveis em uma língua natural.

No próximo capítulo, serão apresentados alguns dos postulados teóricos da Fonologia Autossegmental.

CAPÍTULO III: Teoria Fonológica

Neste capítulo pretende-se apresentar, de forma introdutória, alguns dos principais postulados teóricos da Fonologia Autossegmental, especificamente a da Geometria de Traços (CLEMENTS, 1991; CLEMENTS e HUME, 1995).

Entende-se que o conhecimento advindo da teoria fonológica pode fornecer elementos para se compreender o fenômeno de variação do segmento /λ/.

3.1. Fonologia Autossegmental

A língua constitui um sistema organizado por níveis (lexical, fonológico, morfológico, sintático, semântico-discursivo) e utilizado naturalmente pelos falantes/ouvintes de uma comunidade. Esse sistema possibilita ao usuário, uma vez que possui uma capacidade linguística internalizada, a interação em diferentes situações comunicativas e sociais por meio da língua.

Ao se estudar qualquer língua, pode se fazer uma descrição fonética e uma descrição fonológica do sistema linguístico em análise. De acordo com Cagliari e Massini-Cagliari (2001, p. 105):

A principal preocupação da Fonética é descrever os sons da fala. Por exemplo, são afirmações típicas desta ciência dizer que o som [b] é articulado com uma corrente de ar pulmonar, com vibração das cordas vocais, com uma obstrução do fluxo de ar seguida de uma explosão.

Ao se estudar a história das teorias fonológicas, é possível destacar três momentos distintos de análise fonológica dos sistemas linguísticos. São eles, a saber: o Círculo Linguístico de Praga, o Gerativismo Clássico e a Fonologia Autossegmental.

Os membros do Círculo Linguístico de Praga, surgido em 1926, adotaram em parte o ponto de vista saussuriano de tomar a língua como estrutura de signos. De acordo com Fontaine (1978, p. 59): “A contribuição mais importante do Círculo de Praga ao pensamento

teórico linguístico é, sem contestação, a Fonologia. Foi no domínio fonológico que se escreveu o maior número de artigos nos Trabalhos.” Os conhecimentos fonético-fonológicos oriundos do Círculo Linguístico de Praga lançam bases para se poder compreender e explicar, nas décadas seguintes, a existência de diferentes processos linguísticos relacionados à Fonética e à Fonologia.

Ainda de acordo com Fontaine (op. cit.), os princípios da Fonologia praguense foram elaborados a partir da descrição de sistemas fonológicos de diversas línguas, e, para seus membros, a unidade fonológica mínima era o fonema. Os estudos fonológicos ganharam significativo avanço com “as teses de 1929” produzidas pelos fonólogos e/ou foneticistas associados ao Círculo Linguístico de Praga, como Mathesius, Makarovsky, Vachek, Troubetzkoy, Jakobson e Karcevsky.

Em 1968, Chomsky e Halle publicam a obra *The Sound Pattern of English* (SPE), contendo as linhas gerais da teoria fonológica gerativa, que contempla a definição de traços fonológicos como binários e expressa as generalizações linguísticas através do conceito de classe natural. Segundo Matzenauer (2005, p. 18), para Chomsky e Halle:

Os traços fonéticos constituem escalas fonéticas físicas universais, ou seja, um conjunto fixo e restrito, independente de qualquer língua. Nesse sentido, pode-se concluir que a totalidade dos traços fonéticos representam as capacidades de produção de fala do aparato vocal humano.

Nesse sentido, percebe-se que os traços fonológicos possibilitam a realização dos sons de uma língua e, ao mesmo tempo, permitem que se diferenciem entre si dentro de um sistema linguístico. A partir desse momento, a teoria fonológica reconhece que são os traços fonológicos os responsáveis em demonstrar a naturalidade das regras e dos processos linguísticos existentes em uma língua.

Os estudos fonológicos gerativistas, de acordo com Matzenauer (op. cit.), são enquadrados dentro de uma abordagem linear e tomam a realização dos processos linguísticos baseada em regras. Segundo Clements (1995, *apud* SILVA, 1997, p. 32): “Uma representação fonológica é LINEAR se puder ser exaustivamente analisada numa sequência ordenada de unidades que não apresentam nenhuma subparte ordenada (*destaque do autor*).”

O modelo de análise fonológica de Chomsky e Halle (1968), no final da década de 1970, começa a receber críticas e passa a demonstrar problemas em seu arcabouço teórico. Segundo Matzenauer (op. cit), os dois maiores problemas foram: não poder relacionar

segmentos consonantais labiais como [p, b, m] com consoantes labializadas como [t^w] e [k^w], e não mostrar a relação entre consoantes labiais e vogais arredondadas. Essa situação foi solucionada com a proposição de Hyman (1975) ao criar o traço [labial], permitindo a identificação comum entres esses elementos.

Este modelo também recebeu severas críticas dos estudiosos da área, sobretudo no que diz respeito à caracterização dos segmentos como colunas de traços distintos desordenados e à relação de bijetividade entre o segmento e a matriz de traços que o identifica. Nesse sentido, tinha-se como consequência a não demonstração da naturalidade do fenômeno linguístico existente em uma língua.

O modelo fonológico do gerativismo representava os segmentos em matrizes de traços. Nessa abordagem, os segmentos [d] e [a], por exemplo, apresentam, nas matrizes (com redundância)¹⁹, os seguintes traços:

Tabela 5: Matriz de traços fonológicos dos segmentos [d] e [a]

d	a
- soante - silábico + consonantal + coronal + anterior - alto - baixo - posterior - arredondado - nasal - lateral - contínuo - metástase retardada + sonoro - estridente	+ soante + silábico - consonantal - coronal - anterior - alto + baixo + posterior - arredondado - nasal - lateral + contínuo + tenso + sonoro - estridente

(MATZENAUER, op. cit., p. 25)

Segundo esse modelo, entende-se que o apagamento de um traço pode provocar o desaparecimento de toda matriz fonológica, pois o modelo do SPE consegue demonstrar que as regras fonológicas são aplicadas a classes de sons e não somente a sons individuais.

Percebe-se, portanto, que, a partir dos estudos gerativistas, a concepção de traço distintivo se tornou imprescindível à análise fonológica, sendo capaz de permitir que a teoria

¹⁹ Uma matriz de traços fonológicos com traços redundantes consiste na sequência de traços que indica certas informações em relação às propriedades fonológicas que são dispensáveis. O traço [contínuo], por exemplo, é redundante para os segmentos vocálicos. Como também, em PB, o traço [metástase retardada] é redundante, pois é previsível, visto que só ocorre diante de [tΣ] e [dZ].

fonológica dê conta do fenômeno linguístico e auxilie no entendimento das relações existentes entre os níveis fonético e fonológico das línguas.

Reconhece-se que logo após o período de predominância dos estudos fonológicos sob a direção da perspectiva gerativa, surge a Fonologia Autossegmental. As teorias fonológicas que estão sob o rótulo de Fonologia Autossegmental têm início com os trabalhos de Goldsmith (1976), com a obra *Autosegmental Phonology*. Podem ser agrupadas neste bloco de análise e descrição fonológica as Teorias da Sílabas, Fonologia Métrica, Fonologia Prosódica e Fonologia Lexical.

A Fonologia Autossegmental trabalha não somente com segmentos e com matrizes, mas com autossegmentos (partes dos sons das línguas). Ela é capaz de mostrar a organização interna dos segmentos, apontando em direção à hierarquia dos traços fonológicos. Além disso, pode demonstrar que um traço pode se espalhar e o apagamento de um segmento não implicam necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Segundo Matzenauer (op. cit., p.61), na Fonologia Autossegmental:

Os segmentos deixam de ser entendidos como conjuntos desordenados de traços para passar a ser representados por uma estrutura hierarquizada, constituída de traços organizados hierarquicamente, dispostos em diferentes *tiers*²⁰, ligados por linhas de associação.

Em Sagey (1990, *apud* SILVA, op. cit., p. 20-22), estão indicados os requisitos teóricos da Fonologia Autossegmental. São condições que essa teoria fonológica requer para atender ao princípio de funcionamento natural que há nas línguas. Os requisitos são: representar só e somente só formas e processos possíveis nas línguas humanas, refletir a naturalidade ou frequência de ocorrência de um processo ou forma e evidenciar a eliminação de descrições arbitrárias dos fatos pela teoria analisada.

A Fonologia Autossegmental, portanto, é capaz de, por meio de representações, indicar o funcionamento das línguas naturais, uma vez que é possível entender a realização de diferentes fenômenos linguísticos, “pela desassociação e associação de linhas que ligam os autossegmentos na estrutura hierárquica em que estão dispostos.” (HERNANDORENA, 1996, p. 18).

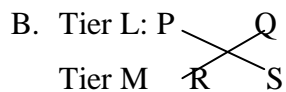
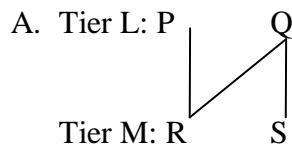
²⁰ Preferiu-se conservar o termo original *tier* por não existir no português um mais apropriado e que consiga dar conta do seu significado. Pode-se traduzi-lo por camada. Pode-se entender *tier* como níveis utilizados para a especificação adequada de traços, tom, regras, etc., em processos fonológicos.

De acordo com Matzenauer (op. cit.), a proposição dos segmentos divididos em traços distintivos indicou um significativo avanço nos estudos relacionados à fonologia das línguas e, ao mesmo tempo, foi responsável em explicitar a relevância desses traços para análise e descrição das línguas.

A Fonologia Autossegmental adota três princípios que são responsáveis pela imposição de limites à aplicação de regras, uma vez que as regras fonológicas, para serem consideradas naturais, devem constituir-se em apenas uma única operação. Os princípios básicos são:

1º Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação (*Prohibition on Crossing Association Lines*, GOLDSMITH, 1976, CLEMENTS e HUME, 1995): esse princípio é responsável pela condição de boa formação das regras fonológicas existentes nas línguas naturais. Por esse princípio, a realização da regra fonológica, ligada por dois elementos dos *tier* L a dois elementos do *tier* M não podem cruzar linhas, e torna a representação A possível, e a representação B impossível:

Gráfico 1: Representação do Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação



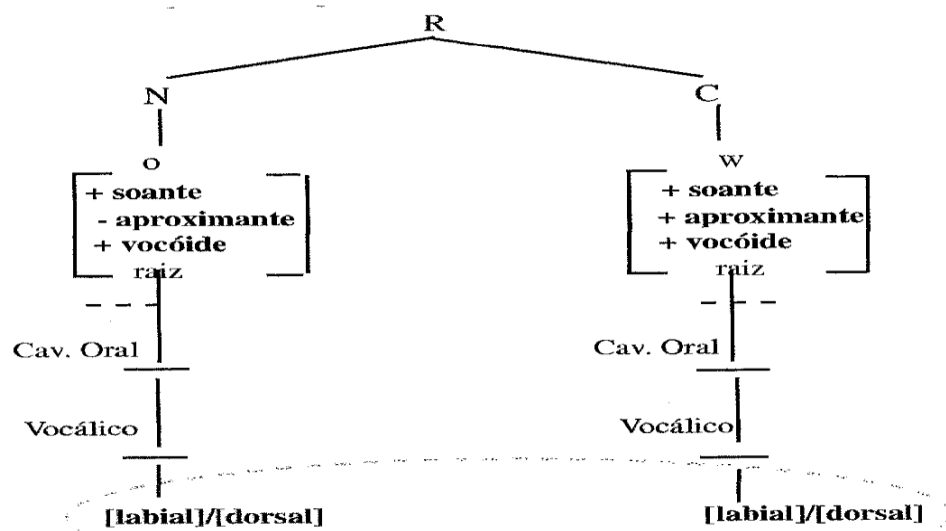
(Adaptação de MATZENAUER, op. cit., p. 65)

2º Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle – OCP*, McCARTHY, 1986): de acordo com esse princípio, é proibida a existência de elementos com adjacência idêntica.

De acordo com Soares e Damulakis (2007)²¹, a natureza do OCP está relacionada com uma propriedade de articulação e percepção existente nas línguas naturais que proíbe a existência de elementos idênticos em sequência (como sílaba, raiz, traço, tom, etc.).

Ainda de acordo com Soares e Damulakis (op. cit., p. 243-245), a realização de [ej] > [e] e [ow] > [o] e a de [s] > [Σ] estão relacionadas, respectivamente, à atuação do OCP no que se refere ao efeito dissimilatório desse princípio e sob a determinação do ponto de articulação da sibilante pós-vocálica, conforme se exemplifica o diagrama arbóreo da alternância de [ow] > [o]:

Figura 1: Contexto de atuação do OCP na redução [ow] > [o]



(SOARES e DAMULAKIS, op. cit., p. 245)

De acordo com a representação arbórea exibida na figura acima, reconhece-se que os segmentos [o] e [w] apresentam traços fonológicos idênticos, respectivamente, [labial] e [dorsal], e desse modo, compartilham uma configuração fonológica semelhante, o que provoca, conseqüentemente, o efeito do OCP e favorece a realização de [ow] > [o].

²¹ O estudo de Soares e Damulakis (2007) refere-se à análise feita acerca do efeito do OCP sobre três línguas indígenas brasileiras (tikuna, kaingásg e parkatêjê) no qual afirmam que a natureza do OCP está vinculada a uma propriedade de articulação e percepção.

Sendo assim, reconhece-se que o efeito do OCP ocorre sobre a produção de diferentes regras fonológicas existentes no português do Brasil²², ao mesmo tempo em que está vinculado à realização de diversos fenômenos em algumas variedades linguísticas (SOARES & DAMULAKIS, op. cit., p. 245).

3º Restrição de Ligação (*Linking Constraint*, HAYES, 1986). Esse princípio possibilita a correta descrição estrutural e aplicação de regras com mais de um *tier*, permitindo que linhas de associação em descrições estruturais sejam interpretadas exaustivamente em análise.

Bisol (1998) realiza estudo aplicando o princípio de *linking constraint* à realização de ditongos nasais do PB, evidenciando o efeito desse princípio ao proibir vogal ligada ao *tier* [nasal] por uma só linha de associação, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 2: Aplicação do princípio de *Linking Constraint* ao português do Brasil



(BISOL, 1998, p. 8)

Percebe-se que esse três princípios utilizados pela fonologia constituem-se em restrições que são impostas à língua para que sejam criadas as devidas condições de realização de diferentes processos fonológicos.

A análise realizada neste trabalho utilizará também os pressupostos teóricos da Fonologia Autossegmental associada ao método de representação em sistema arbóreo definida na concepção de Clements e Hume (1995)²³. A Geometria de Traços pretende mostrar como os traços fonológicos e os *nós* estão relacionados na produção da fala. Adotou-se a Geometria de Traços²⁴ nesta pesquisa, porque se entende que essa teoria possibilita um novo

²² Segundo Hernandorena (1995a, *apud* SILVA, op. cit., p. 97) a variação do [$\lambda \sim l$] em que o segmento posterior a / λ / é [i], deve-se a uma consequência do efeito de OCP.

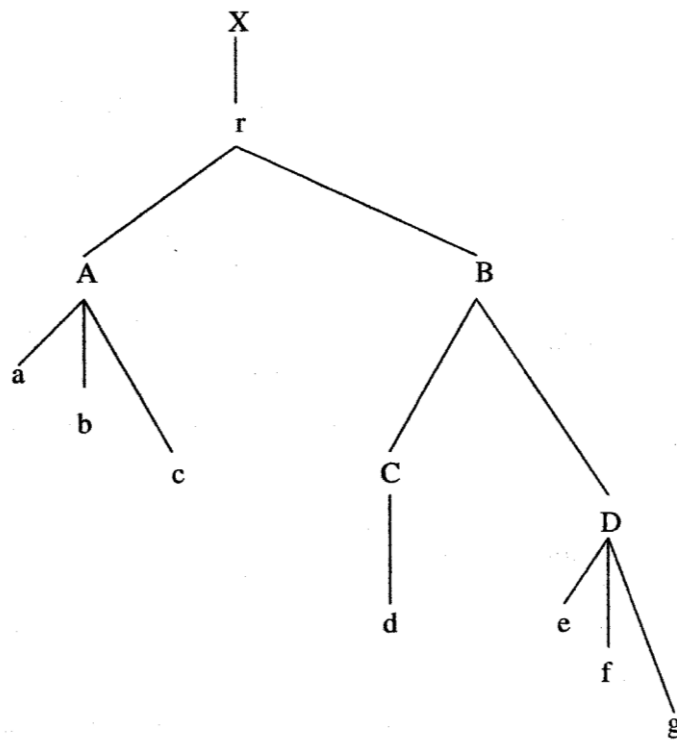
²³ Xavier (2004) realiza estudo acerca de processos fonológicos de línguas africanas, em relação à adaptação de empréstimos durante o contato com o português do Brasil, sob os princípios da Geometria de Traços. Em seu trabalho, o autor aponta a variação de *folha* ~ *foia*, *molha* ~ *móia* relacionada ao contato do PB com línguas africanas.

²⁴ Ainda segundo Xavier (op. cit., p. 07), a Fonologia Autossegmental (Geometria de Traços) foi além do SPE, pois conseguiu mostrar que os traços podem se estender sobre domínios maiores que o do segmento, e assim, demonstrou maior poder explicativo e descritivo que as teorias anteriores a ela.

entendimento da organização interna dos traços, e ao mesmo tempo, permite a representação, a partir de um sistema arbóreo, de um fenômeno variável em termos de traços fonológicos, fornecendo, assim, indicações específicas ao nível de uma representação abstrata acerca de um processo variável.

A diagramação arbórea de Clements e Hume (1995) pretende evidenciar que os segmentos fonológicos são representados por uma organização interna que se configura em *nós* hierarquicamente ordenados, em que os *nós* terminais são concebidos como traços fonológicos, e *nós* intermediários, classes de traços. A seguir, apresenta-se o modelo do diagrama arbóreo segundo esses autores:

Figura 3: Modelo de Sistema Arbóreo de Clements e Hume (1995)



(MATZENAUER, op. cit., p.48)

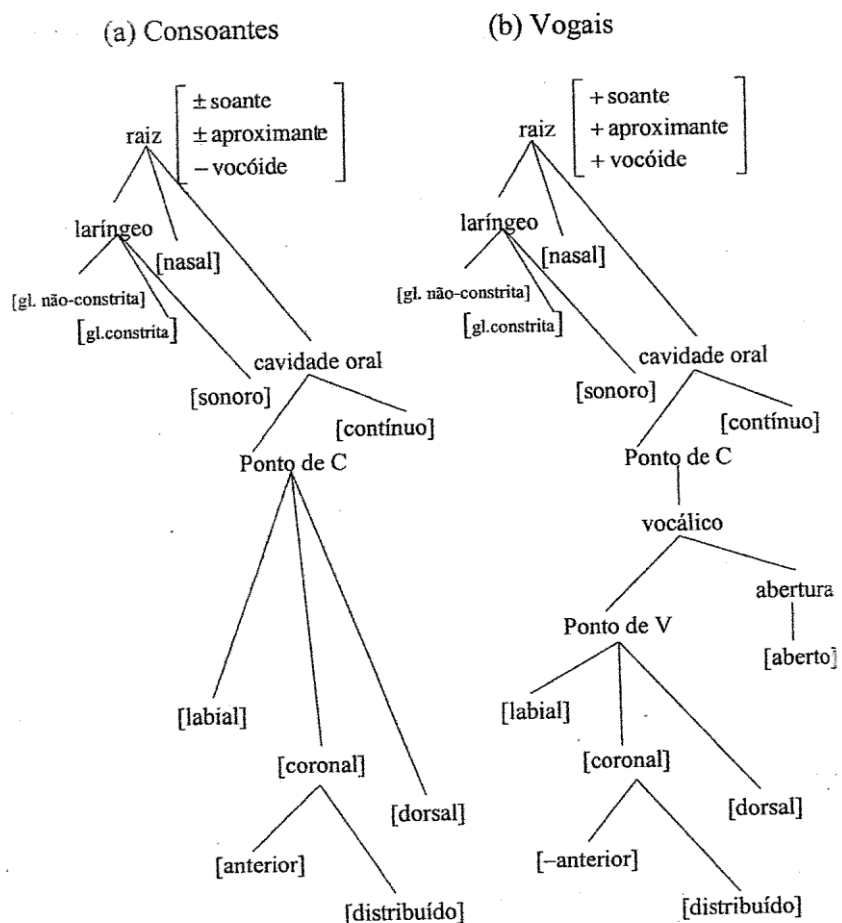
De acordo com esta Geometria de Traços, os *nós* (representados pelas letras A, B, C e D) e traços (representados pelas letras a, b, c, d, e, f, g) estão organizados hierarquicamente e obedecem a critérios específicos. Os traços estão organizados em *tiers* (camadas) e estão unidos em *nós* de classes. Os *nós* dependem diretamente da raiz (ponto em que os traços

ocuparão no topo da representação do esqueleto) que é identificada como unidade abstrata de tempo, conforme representado na figura acima.

Esta configuração demonstra a estrutura interna que há em um segmento e reflete em sua exibição uma base fonética, uma vez que está vinculada aos aspectos articulatorios, auditivos e/ou perceptivos de produção dos segmentos. Desse modo, a Fonologia Autossegmental adota esta representação para explicar e descrever os diferentes fenômenos fonológicos que podem ocorrer numa dada língua.

Segundo Clements e Hume (1995, *apud* MATZENAUER, op. cit., p. 49), a representação arbórea dos traços hierárquicos dos segmentos consonantais e vocálicos é a seguinte:

Figura 4: Representação arbórea dos segmentos consonantais e vocálicos segundo Clements e Hume (1995)



(MATZENAUER, op. cit., p.50)

Da raiz dependem imediatamente o traço de modo de articulação que pode ser ([lateral] ou [nasal]) e dois *nós* de classes ligados ao vozeamento e ao ponto de articulação (laríngeo e cavidade oral). Esses *nós* podem espriar-se ou desligar-se do segmento; do nó laríngeo depende o traço [\pm vozeado]²⁵, e do nó cavidade oral dependem o traço [\pm contínuo] e os três *nós* de classes de ponto de articulação: o [labial] com ou sem [arredondamento], dependendo se se trata de V ou C (vogal ou consoante), o [coronal] de que depende os traços [anterior] e [distribuído], e o [dorsal] de que depende o traço [recuado]. Nos segmentos vocálicos existe por cima do ponto de articulação de vogais um nó vocálico que dominará os traços [labial], [coronal], [dorsal] e [abertura]. Este nó abertura dominará os traços referentes à altura da vogal.

Percebe-se pela representação acima que o mesmo conjunto de traços que é atribuído às vogais é também atribuído às consoantes e que são definidos com base nos articuladores ativados para a realização dos segmentos. A aplicação do sistema de representação arbórea representou um avanço no que se refere à compreensão dos diversos fenômenos linguísticos que envolvem os segmentos, sejam tomados individualmente e/ou conjuntamente na realização de regras fonológicas. Além disso, esse modelo de representação possibilitou tornar visível a existência de regras por meio do possível desligamento e de espriamento de traços distintivos (XAVIER, 2004, p. 08).

A estrutura arbórea, usada pela Geometria de Traços (CLEMENTS e HUME, 1995), indica que há uma relação direta entre a raiz e os traços de modo e os de articulação. O nó de raiz, com os traços [\pm vocálico], [\pm aproximante] e [\pm soante], é responsável em dividir os segmentos nas grandes classes: obstruintes, nasais, líquidas e vocóides (vogais e glides), e também pela definição da escala de sonoridade desses segmentos, conforme se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 6: Escala de sonoridade de segmentos fonológicos

Segmentos	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	Escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2

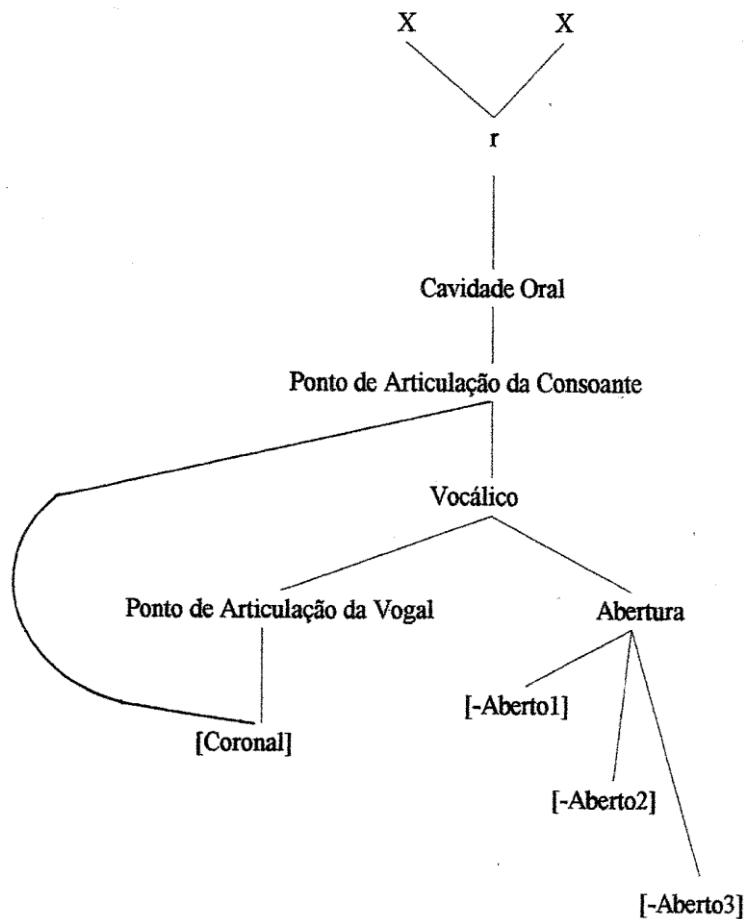
²⁵ Ressalta-se que os outros traços [gl. Não-constrita] e [gl. Constrita] não são relevantes para a fonologia do português, pois a constrição da glote não ocorre no sistema fonológico do PB (SILVA, op. cit., p. 46).

Vogal	+	+	+	3
-------	---	---	---	---

(MATZENAUER, op. cit., p. 53)

Ao tomar esse modelo de representação, o segmento lateral palatal terá a seguinte demonstração arbórea:

Figura 5: Representação do segmento /ɺ/ pela Geometria de Traços Clements e Hume (1995)



(SILVA, op. cit., p. 28)²⁶

De acordo com a representação geométrica acima, reconhece-se que o segmento /ɺ/ constitui-se como uma consoante geminada, visto que apresenta duas unidades de tempo,

²⁶ O autor omite, originalmente, especificações de traços considerados redundantes.

representadas na árvore acima pela existência de dois ‘x’ na posição esquelética que se vincula à raiz do referido segmento. Além disso, apresenta um traço que expressa articulação maior [nó ponto de articulação de consoante] e uma articulação menor [nó vocálico] na abordagem de Wetzels (1996).

É possível perceber que a estrutura arbórea evidencia a naturalidade dos processos fonológicos e os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos isolados. Um fenômeno linguístico pode ocorrer em determinado *tier* [nasal] ou no *tier* [contínuo], uma vez que uma regra fonológica analisada sob a perspectiva da Geometria de Traços (op. cit.) não pode afetar traços que estão sob *nós* diferentes, pois isso necessitaria de mais de uma operação o que tornaria a regra não-natural. Desse modo, reconhece-se que os traços fonológicos são independentes e podem gerar regras sobre outro traço e não só sobre os demais que estão juntos sob o mesmo nó, evidenciando a hierarquia entre os traços em análise.

Costa (2006, p. 48), ao realizar estudo do rotacismo utilizando os pressupostos da Teoria da Geometria de Traços, afirma que:

A teoria dos traços fonológicos é exitosa por sua capacidade de explicar e representar a naturalidade dos processos e fenômenos fonológicos que ocorrem nas línguas humanas através da hierarquia e da relação entre os traços distintivos que compõem os segmentos.

Neste sentido, entende-se que os resultados que serão alcançados, nesta pesquisa, a partir dos princípios teóricos da Geometria de Traços, serão importantes para se compreender o fenômeno de variação da lateral palatal em Jacaraú (Paraíba). Além disso, acredita-se que é necessário reconhecer a que classificação o segmento fonológico está vinculado. É o que se passa a fazer na próxima seção.

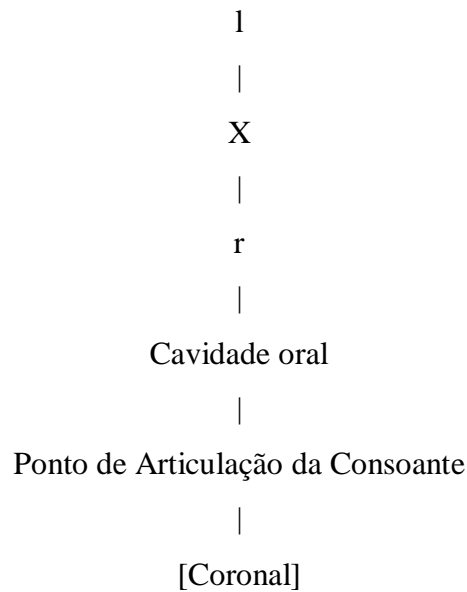
3.2 Tipos de Segmentos

Os sistemas fonológicos das línguas naturais são compostos por segmentos produzidos naturalmente pela capacidade e condições que há no trato vocal humano. Produzem-se aqueles que realmente são possíveis.

De acordo com Matzenauer (op. cit.), a partir dos pressupostos teóricos fornecidos pela Fonologia Autossegmental, os segmentos são classificados em simples, compostos e de

contornos. A autora ainda afirma que (op. cit., p. 52): “segmento simples é aquele que apresenta somente um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral.” Constitui-se, no português, um segmento simples a consoante /l/²⁷ apresentado em 6:

Figura 6: Representação geométrica simplificada do segmento /l/

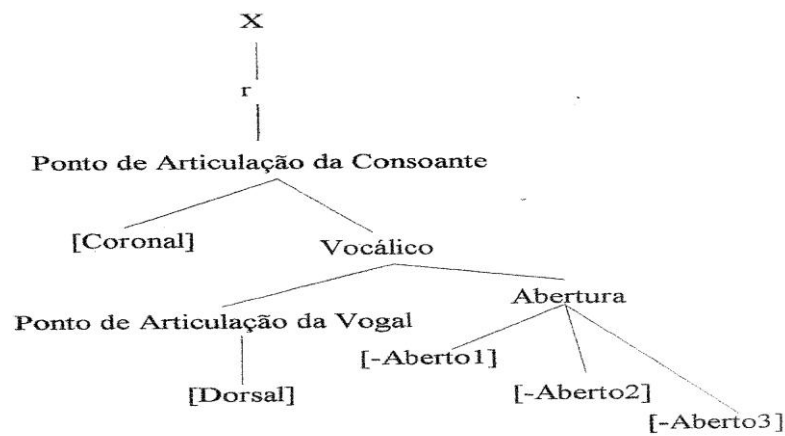


(SILVA, op. cit., p. 98)

O segmento complexo “é aquele que apresenta somente um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, dois traços de articulação oral.” (MATZENAUER, op. cit., p. 63). A lateral pós-vocalica /l/ registrada na variedade dialetal do sul do Brasil (HERNANDORENA, 1996) constitui-se em um exemplo de segmento composto. Também constitui-se outro exemplo o segmento lateral palatal na abordagem de Wetzels (1996).

²⁷ Dickey (1997, p. 65) propõe que a essa representação se acrescente, abaixo do traço [coronal], o traço [dorsal], visto que, segundo a referida autora, há evidências de que os segmentos laterais são complexos articulatoriamente.

Figura 7: Representação da lateral pós-vocalica /ʎ/ de acordo com Geometria de Traços



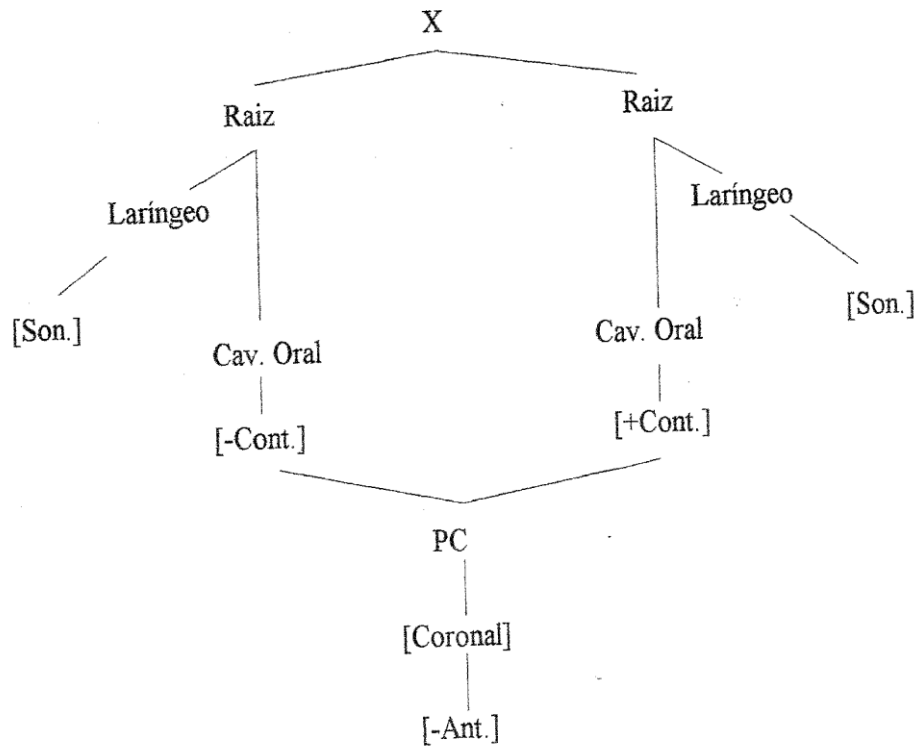
(SILVA, op. cit., p. 36)

Já os segmentos de contorno,

São os que apresentam efeito de borda, opondo-se uma à outra em termos de (\pm). Os candidatos naturais para esse tipo de segmento são as consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas. A representação desses segmentos pode ser feita através de dois *nós* de raiz sob uma única posição no esqueleto (MATZENAUER, op. cit., p. 64).

As oclusivas dentais palatizadas [pot Σ i] constituem exemplos de segmento de contorno no português do Brasil (HORA, 1990 e 1993), conforme se apresenta em 8:

Figura 8: Representação de segmento de contorno em PB



(HORA, 1990 e 1993)

Percebe-se que o conhecimento acerca da classificação dos segmentos ajuda a entender como ocorre seu funcionamento em diferentes processos fonológicos, bem como evidencia a existência de um sistema fonológico que se realiza de forma abstrata, mas pode ser previsto por uma teoria fonológica que busca compreender e explicar o funcionamento da língua.

3.3 Conclusões do capítulo

Este capítulo buscou apresentar uma introdução de alguns dos princípios da Fonologia Autossegmental (Geometria de Traços). Procurou-se, também, evidenciar a maneira como a Geometria de Traços pode representar um processo de variação linguística.

Compreende-se que a Geometria de Traços, de base gerativista, adotada nesta pesquisa, pode fornecer elementos por meio das representações arbóreas que possibilitam compreender o conhecimento internalizado que há nos falantes de uma língua.

No próximo capítulo, apresentam-se os diversos aspectos relacionados aos

procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

CAPÍTULO IV: Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo, objetiva-se expor a metodologia utilizada durante a realização do presente estudo, descrevendo a amostra e sua estratificação, as variáveis dependente e independentes do processo de variação aqui analisado, bem como os diversos aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos. Também são apresentados alguns dados relacionados à contextualização do *corpus* diacrônico e à comunidade investigada (Jacaraú).

4.1. A coleta de dados

Os dados da presente pesquisa foram obtidos seguindo o aparato teórico-metodológico utilizado nos estudos de perspectiva variacionista. Para tanto, foi montado um *corpus* com dados obtidos de fala natural, constituído de 36 (trinta e seis) informantes naturais da cidade de Jacaraú (Paraíba), selecionados após a aplicação de 100 (cem) questionários na comunidade. A aplicação do questionário foi o primeiro instrumento de contato com os informantes desta pesquisa. Com ele pretendia-se obter as primeiras informações acerca dos possíveis informantes selecionados: nome e endereço completos, nível de escolaridade, sexo, se era de origem jacarauense ou não e se se disponibilizava, caso fosse selecionado, a dar uma entrevista.

A coleta foi realizada no período de abril de 2009 a maio de 2010 na área urbana e/ou rural do município de Jacaraú (Paraíba).

4.2. Seleção dos informantes

Utilizou-se a técnica de amostra aleatória para a seleção dos 36 (trinta e seis) informantes, em número de 2 (dois) para cada célula do *corpus*, sendo observados os critérios:

- a) Ser natural de Jacaraú (Paraíba) ou morar nessa comunidade desde os cinco anos de idade;
- b) Nunca ter-se ausentado de Jacaraú por mais de dois anos consecutivos.

A partir desses critérios, a amostra foi assim estratificada:

1 Sexo

- a) Masculino → 18 (dezoito) informantes;
- b) Feminino → 18 (dezoito) informantes.

2 Faixa etária

- b) 15 a 25 anos → 12 (doze) informantes;
- c) 26 a 49 anos → 12 (doze) informantes;
- d) Mais de 49 anos → 12 (doze) informantes;

Entende-se que os informantes que estão na primeira faixa etária são os falantes mais jovens e podem possibilitar a identificação de possíveis inovações no uso da língua. Já os da segunda faixa etária, em tese, são os que exibem formas linguísticas consideradas de uso estável. E, finalmente, os dados da terceira faixa etária podem revelar as formas linguísticas que poderiam evidenciar um processo de desuso na comunidade de fala.

3 Anos de Escolarização

- a) Nenhuma → 12 (doze) informantes;
- b) 1 a 8 anos → 12 (doze) informantes;
- c) Mais de 8 anos → 12 (doze) informantes.

Quadro 5: Descrição da amostra – Informantes masculinos

Informantes	Idade	Anos de Escolarização
EJA ²⁸	15 a 25 anos	Analfabeto
FLN	15 a 25 anos	Analfabeto
ABS	26 a 49 anos	Analfabeto

²⁸ Essas letras, nos quadros 5 e 6, correspondem às iniciais dos nomes dos informantes que fazem parte do *corpus* sincrônico aqui analisado.

LCS	26 a 49 anos	Analfabeto
JFO	+ de 49 anos	Analfabeto
JAN	+ de 49 anos	Analfabeto
RPA	15 a 25 anos	1 a 8 anos
RMM	15 a 25 anos	1 a 8 anos
JGS	26 a 49 anos	1 a 8 anos
JAO	26 a 49 anos	1 a 8 anos
FGS	+ de 49 anos	1 a 8 anos
ABS	+ de 49 anos	1 a 8 anos
JRJS	15 a 25 anos	+ de 8 anos
CSS	15 a 25 anos	+ de 8 anos
JASJ	26 a 49 anos	+ de 8 anos
LPC	26 a 49 anos	+ de 8 anos
JSS	+ de 49 anos	+ de 8 anos
JQN	+ de 49 anos	+ de 8 anos

Quadro 6: Descrição da amostra – Informantes femininos

Informantes	Idade	Anos de Escolarização
VSM	15 a 25 anos	Analfabeto
SN	15 a 25 anos	Analfabeto
MLS	26 a 49 anos	Analfabeto
MNSB	26 A 49 anos	Analfabeto
JS	+ de 49 anos	Analfabeto
MBOS	+ de 49anos	Analfabeto
TS	15 a 25 anos	1 a 8 anos
MSN	15 a 25 anos	1 a 8 anos
ELIENE	26 a 49 anos	1 a 8 anos
DALUZ	26 a 49 anos	1 a 8 anos
MLSG	+ de 49 anos	1 a 8 anos
MSGR	+ de 49 anos	1 a 8 anos

VPS	15 a 25 anos	+ de 8 anos
RSF	15 a 25 anos	+ de 8 anos
LAS	26 a 49 anos	+ de 8 anos
LS	26 a 49 anos	+ de 8 anos
DSS	+ de 49 anos	+ de 8 anos
AOF	+ de 49 anos	+ de 8 anos

4.3. Instrumento de coleta (entrevista pessoal)

Após a aplicação de uma ficha social (documento que forneceu informações socioculturais acerca dos informantes), foi realizada uma entrevista que serviu de base para a coleta de dados espontâneos da fala utilizados nesta pesquisa.

Cada entrevista teve uma duração de 1 (uma) hora, gravada em minigravador digital, módulo WAV 4 bit, modelo RR-US430. Em seguida, as entrevistas foram transcritas e armazenadas eletronicamente.

As entrevistas foram, em sua maioria, realizadas após agendamento com os informantes selecionados, e aconteceram nas casas dos próprios informantes, possibilitando maior conforto e bem estar aos envolvidos no processo de coleta de dados. Foi garantida durante todas as entrevistas a posse da palavra ao entrevistado, evitando-se as interferências do entrevistador e os diversos ruídos que podem causar problema de controle de qualidade, e assim produzir entrevistas inaudíveis. Neste sentido, procurou-se, durante a realização das entrevistas, evitar ambientes barulhentos ou situações que não favorecessem a qualidade técnica e sociolinguística das entrevistas.

As questões utilizadas durante a realização das entrevistas foram previamente elaboradas e organizadas em módulos, de forma a possibilitar o envolvimento do informante durante a realização da gravação. Alguns dos módulos utilizados nesta pesquisa foram: infância, brincadeiras, família, religião, escola, esportes, política, perspectivas acerca do futuro, medo de morte, avaliação de usos da língua, dentre outros. Cada módulo era constituído de perguntas que davam sequência umas às outras. A seguir, apresenta-se, a título de exemplo, um dos módulos utilizados nesta pesquisa durante a realização das entrevistas:

Quadro 7: Exemplo de módulo: infância

Módulo Infância	a. Como foi sua infância?
	b. Quais as brincadeiras de que você mais gostava?
	c. Há alguma história marcante de sua infância? Conte para nós.
	d. Quando você era criança gostava de alguma estória? Qual? Por quê?
	e. Como eram (são) seus pais?
	f. Você acha que atualmente os pais têm mais ou menos paciência com os filhos? Por quê?
	g. O que você lembra dos seus amigos de sua infância?
	h. Se você frequentou a escola, o que mais gostava?

Após as entrevistas, realizou-se a transcrição das ocorrências do objeto de estudo analisado nesta pesquisa. Os dados foram transcritos e, logo em seguida, codificados. Foi estabelecida uma sequência de códigos correspondentes a cada grupo de fator a ser controlado. Esses códigos serão as informações fornecidas ao programa Goldvarb X para a realização das rodadas, e assim, obter os índices estatísticos e probabilísticos que serão utilizados para explicação do fenômeno linguístico analisado nesta dissertação.

4.4. Variáveis controladas

4.4.1. Dependente

A lateral palatal está incluída em um grupo de segmentos (as líquidas)²⁹ que aparece tardiamente no sistema fonológico dos falantes devido ao seu caráter bastante complexo, tanto do ponto de vista articulatorio quanto fonológico (MEZZOMO e RIBAS, 2004).

Para que haja a produção das líquidas é necessária uma oclusão da corrente de ar na cavidade oral, causada pela língua. Esse fechamento é parcial e possibilita que o ar saia pelos lados da boca, produzindo, assim, o segmento lateral palatal (MEZZOMO e RIBAS, op. cit.). Já segundo Silva (2005, p. 34), para que as laterais sejam produzidas, é necessário que o articulador ativo (parte média da língua) toque o articulador passivo (parte média do palato duro) e a corrente de ar seja obstruída na linha central do trato vocal. O ar é expelido, então, pelos lados desta obstrução, gerando os segmentos laterais.

O segmento lateral palatal é considerado geminado fonologicamente (WETZELS, 2000), constituído de dois tempos para ser produzido. Além disso, apresenta um traço que expressa articulação maior [Nó Ponto de Articulação de Consoante] e uma articulação menor [Nó Vocálico]. Por ser um segmento geminado fonologicamente, o /λ/ apresenta as seguintes características:

- 1) É limitado à posição intervocálica³⁰ das palavras:
 - a) Bauni/λ/a
 - b) Te/λ/a
- 2) Não pode ser precedido por uma rima ramificada, nem por vogais nasais:
 - a) Faú/λ/a
- 3) A vogal que imediatamente o precede é sempre acentuada³¹:
 - a) Té/λ/a
 - b) Má/λ/a

A lateral alveolar é outra variante do segmento /λ/ aqui controlado. De acordo com Silva (2005, p. 65), a realização de [λ ~ l] constitui-se a segunda alternativa³² articulatória daquele segmento, e para que ocorra tal processo é necessário que o falante levante a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes incisivos superiores, para a corrente de ar escapar lateralmente³³. Cagliari (1974, p. 80) também afirma que em português o segmento

²⁹ Segundo Dickey (1997, p. 1), “quase todas as línguas do mundo têm uma líquida”.

³⁰ Esta visão também é compartilhada por Cagliari (1974, p. 112) ao afirmar que a lateral palatal sempre começa sílaba e só se realiza nessa posição. Exceto para alguns clíticos como *lhe(s), lhas, lho e de lhama*, empréstimo do espanhol *llama*.

³¹ Exceto para os vocábulos classificados como verbos, uma vez que o acento desses vocábulos é condicionado pela morfologia.

³² A primeira alternativa articulatória, segundo a autora, é a realizada como consoante lateral palatal.

³³ Câmara Jr (1988, *apud* ESPIGA, op. cit., p. 122) descreve a articulação do /l/ semelhante à descrição feita por Silva (2005).

/λ/ tende a ser realizado com /l/³⁴ e se localiza sempre na parte pré-palatal.

A semivocalização do /λ/³⁵ também será controlada neste trabalho, como no exemplo [mu/λ/er ~ mu/j/er]. De acordo com Cagliari (op. cit., p. 93-94), esse processo de variação, de ordem sociolinguística, é corrente entre falantes de classe social baixa e de pouca escolaridade, e até atestado em diferentes dialetos. Ainda segundo Cagliari (op. cit., p. 117), outra causa das mudanças das palatais, como [λ ~ j³⁶], está no enfraquecimento articulatorio pelo qual passa esse segmento ao ser produzido. Cruz (2009, p. 53) compreende esse processo de variação como um fato puramente fonético, e Coutinho (1976, *apud* CRUZ, 2009, p. 53) o entende como sendo um fenômeno de metaplasmo por permuta.

Cardoso (2010, p. 59-60), ao apresentar dados do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai, aponta a existência da iotização da lateral palatal no espanhol uruguaio de informantes da classe baixa e pertencentes à segunda faixa etária, em três tipos de situação: leitura de texto, resposta ao questionário e conversação espontânea.

A última variante linguística da lateral palatal a ser examinada nesta pesquisa é sua realização como zero fonético, como nos exemplos [mu/λ/er ~ mué; fi/λ/o ~ fio]. Essa variação, já atestada em Silva (1997), evidencia que a lateral palatal pode sofrer apagamento total, desaparecendo-se dos níveis métricos e melódicos do segmento.

4.4.2. Variáveis independentes

4.4.2.1 Variáveis extralinguísticas

As variáveis independentes constituem os diversos grupos de fatores de ordem interna e de ordem externa à língua, consideradas como possíveis influenciadoras da aplicação de uma regra variável. Nesta pesquisa serão consideradas as que estão relacionadas a seguir:

4.4.2.1.1 Sexo

A variável sexo tem sido examinada como um fator que aponta para o condicionamento linguístico entre a fala de homens e de mulheres (FISCHER, 1958; SCHERRE, 1996; LABERGE, 1977). Os trabalhos de Fischer (1958) foram referência na

³⁴ Segundo Cagliari (op. cit., p. 144), esse processo ocorre mais quando se tem a vogal palatal /i/ tônica precedendo a lateral palatal, como no exemplo: mi/λ/a ~ mi/l/a. Cagliari também observa que o pronome *lhe* realiza-se mais frequentemente como /l/e. (op. cit., p. 144).

³⁵ Segundo Cagliari (op. cit., p.118) esse processo costuma também ser chamado de ieísmo ou tendência ieisante.

³⁶ Cagliari (op. cit., p. 73) apresenta o segmento /j/ classificado como sendo segmento pré-palatal.

relação existente entre uso da língua e a influência da variável sexo. Labov (1972) também atestou que o sexo é um fator importante nos estudos sociolinguísticos. Nesse estudo, Labov constatou que a pronúncia do /r/ pós-vocálico em Nova York, na fala de informantes do sexo feminino, é proporcional ao aumento do nível de formalidade do discurso utilizado.

Mollica & Paiva (1989), ao estudarem a supressão da vibrante nos grupos consonantais do dialeto carioca, constataram que as mulheres usam mais a forma padrão (sem a supressão da vibrante) do que os homens. Outro exemplo vem do estudo realizado por Scherre (1996, p. 254) ao trabalhar com a variável morfossintática de concordância nominal, no qual a variante mais prestigiada é mais produzida por falantes do sexo feminino, com índice estatístico de (0,58) de favorecimento de aplicação da regra variável.

Na análise do segmento lateral palatal em Jacaraú, foram selecionados 18 informantes do sexo masculino e 18 informantes do sexo feminino. Entende-se que a variável sexo, ao ser controlada em uma análise, pode evidenciar diferenças no comportamento linguístico entre a fala de homens e mulheres, indicando quais podem ser as formas linguísticas mais usadas por falantes de um determinado sexo e revelando que as diferenças entre a fala de homens e mulheres são sociais e não biológicas.

4.4.2.1.2. Faixa etária

Para fins de análise e para observar a relevância desta variável em pesquisas variacionistas, estratificou-se os informantes em três grupos:

- a) Informantes de 15 a 25 anos;
- b) Informantes de 26 a 49 anos; e
- c) Informantes de mais de 49 anos.

Preferiu-se, nesta pesquisa, essa estratificação por acreditar que a realização de certos fenômenos linguísticos variáveis estão justamente relacionados ao fator idade do falante.

Silva (2004, p. 228), ao estudar a variação ter/haver na fala pessoense, evidencia o papel decisivo que tem a variável faixa etária nos estudos sociolinguísticos. No estudo em questão, a autora demonstra que os mais idosos são os que se mostram menos influentes ao fenômeno estudado.

4.4.2.1.3. Escolarização

Esta variável compreende o seguinte grupo:

- a) Nenhum ano de escolarização;
- b) 1 a 8 anos de escolarização; e
- c) Mais de 8 anos de escolarização.

Ao estratificar essa variável, partiu-se do princípio de que a escola pode ser uma instituição que gera mudanças na fala e na escrita de quem a frequenta. Tem-se percebido que ela é responsável pelo processo de padronização. O frequentador de uma comunidade escolar pode apresentar maior domínio das formas de registro da língua. Assim, os informantes foram agrupados considerando o nível de escolarização que cada um tem.

No estudo realizado por Lucena (2004, p. 94) sobre a preposição *para* no dialeto pessoense, percebe-se que a variável escolarização demonstrou ser decisiva na escolha das variantes pelos informantes constitutivos do *corpus*, revelando que os universitários utilizam menos a variante inovadora *pa* (0,30) do que os analfabetos (0,66).

4.4.2.2 Variáveis linguísticas

4.4.2.2.1 Contexto fonológico seguinte

Em relação a essa variável, foram analisados os seguintes contextos:

- a) Vogal labial
Exemplos: trabalho, melhor, filho
- b) Vogal coronal
Exemplos: acolhida, mulher, trabalhei
- c) Vogal dorsal
Exemplos: palha, palhaço, quadrilha

Estudos anteriores (VOTRE, 1978; BISOL, 1981) têm evidenciado que essa variável pode ter papel de destaque no processo de variação. Neste sentido, reconhece-se que os segmentos que ocupam a posição seguinte ao fenômeno em análise pode exercer influência no uso variável. Neste estudo, propõe-se a verificar, através da observação do contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente, o favorecimento que a vogal possa

exercer sobre a realização da lateral palatal e suas variantes.

4.4.2.2.2 Contexto fonológico precedente

Os segmentos fonológicos precedentes ao /λ/ foram classificados e analisados como:

- a) Vogal labial
Exemplos: mulheres, colher, olhar
- b) Vogal coronal
Exemplos: vermelho, velho, bilhetinho
- c) Vogal dorsal
Exemplos: trabalhar, palhaço, trabalhando

Muitos trabalhos, sobretudo na área da Sociolinguística Quantitativa, como o de Martins (2004), têm controlado a variável contexto fonológico precedente visando a identificar se as vogais que estão em contexto imediatamente anterior ao fenômeno analisado exercem condicionamento linguístico.

4.4.2.2.3 Tonicidade

Acreditando-se que a sílaba tônica pode favorecer a variação do segmento /λ/, controlou-se esta variável da seguinte forma:

- a) Segmento em sílaba tônica
Exemplos: mulher, trabalhando, aconselhar
- b) Segmento em sílaba átona
Exemplos: filho, telhas, evangelho

Segundo estudo realizado por Aquino (2004, p. 47) sobre o uso variável do ditongo em contexto sibilante no dialeto pessoense, os resultados evidenciaram que a tonicidade da sílaba onde se desenvolve o glide é o fator mais influente no processo de ditongação. Essa afirmação é corroborada pelo estudo de Silva (2004) acerca do processo de monotongação em João Pessoa, ao evidenciar que a variável tonicidade da sílaba constitui-se como variável condicionadora do processo por ela analisado.

4.4.2.2.4 Classe de palavra

Com o objetivo de verificar a relação existente entre a presença do /λ/ e a classe de palavra, essa variável foi analisada como:

a) Nome³⁷

Exemplos: espelho, acolhedora, telha

b) Verbo

Exemplos: trabalhei, compartilhar, humilhar

Viegas e Oliveira (2008), ao estudarem o apagamento da vogal átona final no dialeto itaunense (MG), propõem a inserção da variável classe de palavra, partindo da hipótese de que a variação poderia ocorrer de forma diferenciada com relação a diferentes classes de palavras, figurando-se como um processo de atuação morfossintática.

4.4.2.2.5 Número de sílabas do vocábulo

Reconhecendo que o número de sílabas pode exercer alguma influência no processo de variação do segmento /λ/, controlou-se esta variável da seguinte forma:

a. Vocábulo monossílabos e dissílabos³⁸;

Exemplos: *lhe*, filhos, mulher

b. Vocábulo trissílabos;

Exemplos: manilha, conselho, trabalho

c. Vocábulo polissílabos.

Exemplos: maravilhosa, esmagalhar, trabalhadeira

Martins (op. cit.), ao estudar o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala de João Pessoa (Paraíba), também controlou em seu estudo essa variável que foi denominada “extensão do vocábulo”, também subdividindo-a em três categorias: dissílabo³⁹, trissílabo e polissílabo. Esse estudo revelou que itens lexicais com mais de duas sílabas

³⁷ Ressalta-se que as ocorrências do pronome *lhe* foram incorporadas a este fator, visto que ele tem estreita relação morfológica com a classe dos nomes.

³⁸ Nesta pesquisa, devido à pouca ocorrência de vocábulos monossílabos que têm a presença do segmento /λ/, preferiu-se juntá-los aos vocábulos dissílabos em um único grupo de fator.

³⁹ Ressalta-se que, em nossa análise, por características próprias do fenômeno aqui analisado, este fator é acrescido de itens monossílabos, diferenciando-se da divisão de Martins (op. cit.).

favorecem a aplicação da regra variável com relação ao fenômeno estudado pela autora.

Em suma, as variáveis que serão controladas, com seus respectivos códigos, na análise da lateral palatal são:

1. Variável dependente:
 - a) Lateral palatal [λ] - 1
 - b) Lateral alveolar [l] - 2
 - c) Semivocalização [j] - 3
 - d) Zero fonético [Ø] - 4
2. Variáveis linguísticas
 - a) Contexto Fonológico Precedente
 - Vogal labial: [ô, ó, u] -5
 - Vogal coronal: [ê, é, i] - 6
 - Vogal dorsal: [a] - 8
 - b) Contexto Fonológico Seguinte
 - Vogal labial: [ô, ó, u] - 1
 - Vogal coronal: [ê, é, i] - c
 - Vogal dorsal: [a] - d
 - c) Tonicidade
 - Segmento em sílaba tônica - t
 - Segmento em sílaba átona - a
 - d) Classe de palavra
 - Nomes - N
 - Verbos- V
 - e) Número de sílabas do vocábulo
 - Monossílabos e dissílabos -D
 - Trissílabos - T
 - Polissílabos - P
3. Variáveis extralinguísticas
 - a) Sexo
 - Masculino - m
 - Feminino - f
 - b) Faixa etária

- 15 a 25 anos – w
- 26 a 49 anos - y
- Mais de 49 anos - z
- c) Escolaridade
 - Analfabetos - A
 - 1 a 8 anos - F
 - Mais de 8 anos - S

4.5 Programa computacional estatístico (Goldvarb X)

Nesta pesquisa, para obtenção dos resultados estatísticos, fez-se uso do software Goldvarb X⁴⁰ (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Uma vez que se parte do princípio de que a língua é um sistema de possibilidades e que o falante tem essa consciência, quantificou-se, estatisticamente, essas possibilidades com auxílio de programa de computador.

De acordo com Tagliamonte (2006, p.129), o Goldvarb X possibilita a combinação de diferentes fatores linguísticos ou extralinguísticos através de rodadas, oferecendo ao pesquisador condições auxiliares para interpretar os índices estatísticos obtidos, e ao mesmo tempo, permite compreender a noção de regra variável aplicada aos estudos sociolinguísticos. Assim, o Goldvarb X (op. cit.) constitui-se em um instrumento para obtenção de índices estatísticos e probabilísticos que fornecem significado matemático para os resultados encontrados durante a realização de uma pesquisa sociolinguística.

Para que o referido software funcione adequadamente, é necessário, inicialmente, criar o arquivo de ocorrências, o arquivo de especificação de fatores, o arquivo de condições, o arquivo de células e o arquivo de resultados. O Goldvarb X, sendo um software que mede fenômenos variáveis, está organizado do seguinte modo, por sequência de execução de tarefas:

Arquivo de ocorrências: registra as ocorrências da regra variável em análise a partir de uma sequência de dígitos (códigos) escolhidos pelo pesquisador para representar os dados da pesquisa.

Arquivo de especificação de fatores: consiste no grupo de fatores (variável dependente e variáveis independentes) e os códigos utilizados para categoria considerada na análise do

⁴⁰ Segundo Quednau (1993, p. 38), a primeira versão do Pacote de Programas VARBRUL foi desenvolvido na University of Pennsylvania em 1984 e descrito por Sankoff (1986) e é responsável em medir fenômenos variáveis. Atualmente há o Goldvarb X criado para o ambiente Windows.

fenômeno variável em estudo.

Comando *check tokens*: compara os arquivos de ocorrências e os de especificação de fatores, para identificar possíveis erros realizados pelo pesquisador ao preparar o arquivo de ocorrências.

Comando *No Recode*: instrui o programa a rodar os dados tal qual foi registrado no arquivo de especificação de fatores.

Arquivo de condições: cria as condições necessárias para o Programa Goldvarb X ler os códigos em uma ordem pré-estabelecida.

Arquivo de células: possibilita o cálculo dos pesos relativos a partir do fornecimento e percentagens de aplicação para cada grupo de fatores.

Arquivo de resultados: apresenta as percentagens de aplicação e não aplicação à regra variável em análise para cada fator considerado condicionador do fenômeno variável analisado.

Rodada binomial *Stepup* e *Stepdown*: realiza comparação, em termos de uma análise multivariada, entre os diversos fatores, indicando quais são as variáveis mais importantes. Na rodada *Stepup*, são indicadas as variáveis mais relevantes para aplicação da regra variável; já na rodada *Stepdown*, o software apresenta as variáveis menos importantes para aplicação da regra variável em estudo.

Durante a análise, os resultados obtidos nesta pesquisa serão considerados favorecedores da regra de aplicação quando se aproximarem do peso relativo 1,00; consideram-se neutros os que se aproximarem do peso relativo 0,50 e desfavorecedores da aplicação da regra variável os que estiverem próximos de 0,00. (TAGLIAMONTE, op. cit.).

Scherre (1992, p. 1) ressalta que “aos programas existentes cabe quantificar os dados recebidos e produzir resultados estatísticos para os quais foram preparados.” Neste sentido, o pesquisador será o responsável em atribuir sentido aos dados matemáticos fornecidos pelo Goldvarb X interpretando-os à luz da teoria adotada.

4.6. Contextualização do *corpus* diacrônico

Ressalta-se que se optou por um *corpus* diacrônico não de origem paraibana por dois motivos:

a) Devido à relevância do trabalho de Oliveira (2006), inédito na área. Além disso, os textos analisados por Oliveira (op. cit.) apresentam aspectos diversos da língua oral, o que tem estreita relação com fenômeno analisado nesta dissertação. Acredita-se que, apesar do *corpus*

ser escrito, pois é constituído por cartas pessoais e atas, esses gêneros textuais possam revelar aspectos da oralidade dos falantes, tendo em vista que foram escritos por pessoas de pouca instrução.

b) E por não existir um *corpus* diacrônico na Paraíba de natureza oral,⁴¹ que nos remeta ao século XVIII.

A Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), da qual se utilizam os textos que formam o *corpus* diacrônico desta pesquisa, foi fundada em 10/09/1832 e funcionava como uma espécie de agência que dava assistência aos negros e/ou aos seus familiares que ainda permaneciam presos como escravos. Esse agrupamento foi organizado por negros alforriados ou livres. Exigia-se essa condição, pois assim podiam pagar a taxa de sócio, “as jóias”, e desse modo cuidar das viúvas, órfãos, doentes e necessitados (OLIVEIRA, op. cit.).

Os textos da Salvador oitocentista, aqui analisados, foram produzidos por uma população ligada ao escravismo e que estava relacionada a um tipo de economia de mercado. Essa população era formada por indivíduos que não tinham voz, não tinham direito a manifestar-se, constituindo-se em uma massa uniforme e possibilitando a sua comercialização nas feiras.

São esses indivíduos, uma propriedade da força do trabalho e subordinados ao sistema escravocrata de interesse dos grandes fazendeiros brasileiros (OLIVEIRA, op. cit.), que produziram os textos que compõem o *corpus* diacrônico desta pesquisa.

O trabalho principal desses negros estava relacionado aos serviços domésticos, da lavoura ou com pequenos ofícios para os quais não se necessitava de especialização (OLIVEIRA, op. cit.). Eram pessoas sem expectativas e com contato restrito a uma família ou povoados da redondeza onde estavam localizados.

Com relação às atividades econômicas praticadas pelos negros baianos, destacam-se a agricultura e a criação de animais. Práticas que necessariamente não exigem alto nível de escolarização ou domínio de conhecimentos específicos. Assim, cada vez mais, o negro era afastado de mundo escolarizado, perdendo a chance de ingressar no mundo da escrita e de adquirir habilidades que seriam úteis para a produção de textos.

O presente estudo utilizará 290 (duzentos e noventa) textos pertencentes ao gênero textual ata, que correspondem ao registro das sessões realizadas pela Sociedade Protetora dos

⁴¹ Ressalta-se que há o trabalho de Fonseca (2005), que aborda fatos dos séculos XVIII e XIX, mas que não atende aos propósitos da presente pesquisa, uma vez que trabalha com textos oficiais de caráter administrativo relacionados à Paraíba.

Desvalidos (SPD), e 14 (quatorze) cartas pessoais produzidas por escravos aos seus familiares ou senhores.

A amostra aqui usada faz parte do trabalho de Oliveira (op. cit.), inserido no PROHPOR - Programa para História da Língua Portuguesa, que é voltado para os estudos de *corpora* do português brasileiro. O Programa trabalha com dados diacrônicos da língua, ao mesmo tempo em que evidencia a história da escrita do português brasileiro a partir do estudo de cartas e atas produzidos a partir do século XVIII.

Os textos aqui estudados receberão apenas um tratamento linguístico e não entraremos em outros tipos de análises como realizou Oliveira (op. cit.)⁴², visto que o objetivo desta pesquisa é demonstrar o comportamento variável do segmento lateral palatal /ʎ/ no *corpus* diacrônico em questão.

O *corpus* é constituído por textos que apresentam traços ou marcas da oralidade. Mesmo não tendo acesso ao mundo escolar, havia, entre os autores, um pequeno e seletivo grupo que sabia ler e escrever, adquirindo uma espécie de alfabetização rudimentar e produzindo textos com predominância de uma grafia fônica. Neste caso, reconhece-se que esses escravos foram aqueles que desempenhavam alguma função mais próxima às casas dos senhores de escravos e, desse modo, tinham essa competência. Esses escravos estão enquadrados no que Marquilhas (2000, p. 238 *apud* OLIVEIRA, op. cit.) chama de “mãos inábeis” ao estudar os textos setecentistas portugueses: textos que apresentam traçado inseguro, uso de módulos grandes, hipo e hipersegmentação⁴³ e recurso a letras do alfabeto maiúsculo no interior das palavras.

O *corpus* aqui adotado revela aspectos linguísticos e textuais próprios do lugar, de seus produtores, de sua finalidade comunicativa e de outros fatores aos quais estão relacionados, apontando em direção a uma escrita que se apoia na soletração, no que se refere às cartas pessoais analisadas, ao mesmo tempo em que revela uma insegurança na representação gráfica por parte de quem está escrevendo.

⁴² Reconhece-se que Oliveira além de realizar um estudo propriamente linguístico também dá um tratamento filológico, antropológico e sócio-cultural aos textos por ele analisados.

⁴³ Uma grafia hipo e hipersegmentada consiste em uma escrita *lenta, difícil e penosa*, constituindo-se em uma hipótese de que os textos produzidos por quem realiza essa prática podem ter sido produzidos por quem não tem certa habilidade com a escrita e ao mesmo tempo está acostumado com ela.

No que se refere às características da escrita oitocentista, Oliveira (op. cit., p. 296) apresenta uma série de exemplos que identificam a escrita utilizada pelos produtores dos textos aqui em discussão⁴⁴. Para ilustrar, citam-se exemplos do fenômeno da despalatização:

- a) Lhe → le
- b) Azilho → azilo

De acordo com o referido autor, a existência dos fenômenos gráficos existentes nos textos em análise pode indicar que os produtores dos textos não tinham noção do princípio de escrita que rege a escrita do português do Brasil, pois se percebe que eles procuravam manter uma relação biunívoca entre som e letra (LEMLE, 2000, p. 40, *apud* OLIVEIRA, op. cit., p. 325).

Reconhece-se que diferentes marcas de oralidade migraram para a escrita. Esses fenômenos, segundo Oliveira (op. cit., p. 492), podem ser explicados pelo condicionamento linguístico, como, por exemplo, o espriamento de traço fonológico entre segmentos. Ainda de acordo com o autor, os fenômenos mais predominantes foram:

1. **Elevação de vogais médias em pretônicas.** Exemplos: absoluta ~ absoluta, costume ~ custume, antecipado ~ anticipado, Felipe ~ Filipe (p. 360)
2. **Elevação de vogais médias em monossílabos.** Exemplos: de ~ dí, e ~ hi, ao ~ au, do ~ du (p. 370)
3. **Redução de ditongos.** Exemplos: abaixo ~ abaxo, Raimundo ~ Ramundo, Claudemir ~ Clademir, banheiro ~ banhero, dourada ~ dorada, Amácio ~ Amanco, cuida ~ cuda, incumbência ~ encubença (p. 388-403)

Já os fenômenos menos recorrentes foram:

1. **Próteses** (apenas 13 dados). Exemplos: levantou ~ alevantou, nomear ~ anomear (p. 330)

⁴⁴ Oliveira (op. cit.) apresenta uma extensa relação dos diversos fenômenos que caracterizam a escrita dos produtores dos textos oitocentistas em Salvador. Não os retomamos porque não apresentam relação direta com o nosso objeto de estudo.

2. **Paragoges** (apenas 13 dados). Exemplos: concordee ~ comcordioo, possee ~ posia (p. 348)
3. **Posteriorizações das vogais** (apenas 22 dados). Exemplos: acarretamento ~ ocaretaremos, segurança ~ sugurança, dedicar ~ dodicar, balaustre ~ balausto (p. 383)

Após a leitura dos textos do século XVIII, serão retiradas as ocorrências do segmento em análise para posterior quantificação e análise.

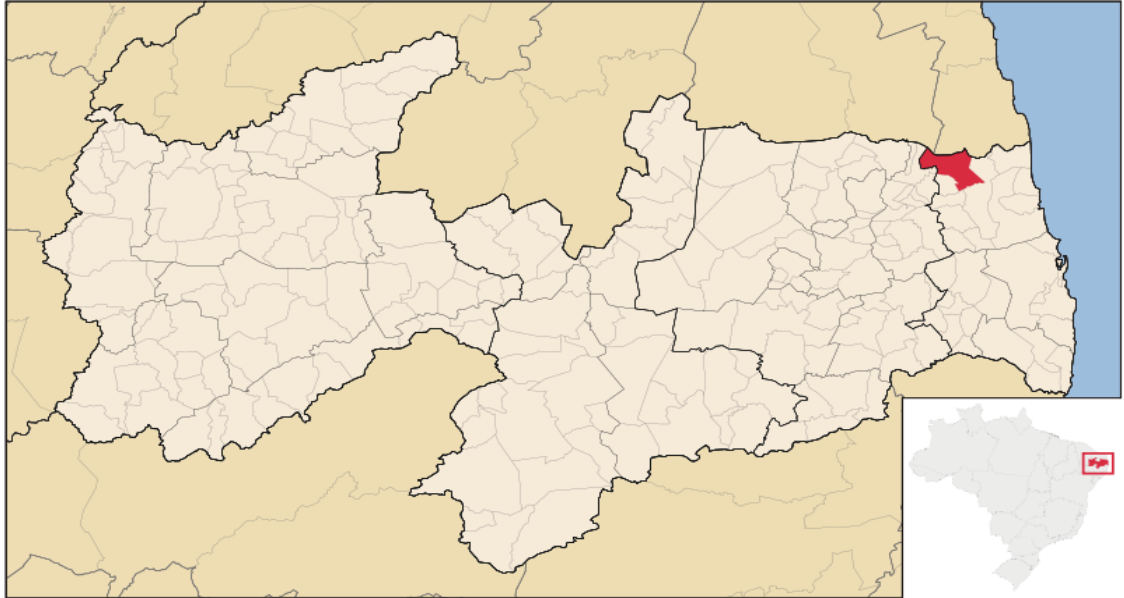
4.7 Aspectos geo-históricos da comunidade investigada

A comunidade de fala envolvida nesta pesquisa está localizada na mesorregião da Mata Paraibana, litoral norte do Estado da Paraíba, atualmente com 13.952 habitantes: 6.954 homens e 7.028 mulheres, que correspondem, respectivamente, a 49,63% e 59,37%.⁴⁵. Segundo o IBGE, 57,64% população reside na zona urbana e 42,36% na zona rural desse município. A densidade demográfica da zona urbana é de 113 habitantes por km². Jacaraú tem uma área de 253,21 km² e fica a aproximadamente 96 km de distância da capital - João Pessoa. Limita-se ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte, ao leste e sul com Curral de Cima (Paraíba) e a oeste com Pedro Regis e Caiçara (Paraíba). Foi elevada a condição de município pela lei estadual nº 2604, de 01.12.1961 e constituída distrito sede em 28.01.1962.

O primeiro núcleo populacional de Jacaraú surge às margens de uma lagoa existente na cidade e que servia de parada para os tropeiros que negociavam de Mamanguape (Paraíba) a Nova Cruz (Rio Grande do Norte). Segundo os dados do IBGE (2000), 59,1% da população jacarauense vive da agropecuária com destaque para a prática da agricultura familiar. É fato importante a ser mencionado que a cidade de Jacaraú fica na divisa do Estado da Paraíba e o Estado do Rio Grande do Norte, conforme mostra o mapa 2:

⁴⁵ Dados publicados pelo Diário Oficial da União em 04/11/2010 e conferidos no site www.ibge.gov.br em 06/11/2010.

Mapa 2: Mapa do Estado da Paraíba com destaque para localização da cidade de Jacaraú



(Fonte: Wikipédia)

4.8 Conclusões do capítulo

Neste capítulo, procurou-se descrever os diferentes aspectos relacionados à metodologia utilizada nessa pesquisa. Neste sentido, expôs-se como foi constituída a amostra e sua estratificação, as variáveis dependente e independentes consideradas nessa análise, bem como o software Goldvarb X, utilizado para se obter os índices matemáticos da regra variável em estudo.

Também se buscou apresentar alguns dados geo-históricos relacionados à comunidade de fala utilizada para composição do *corpus* sincrônico da presente pesquisa.

Capítulo V: Discussão dos Resultados Estatísticos

Neste capítulo, serão apresentadas a descrição dos dados do *corpus* diacrônico e do sincrônico e sua discussão. A análise do *corpus* sincrônico será feita a partir da análise quantitativa fornecida pelo programa computacional Goldvarb X. Além disso, pretende-se demonstrar as representações arbóreas das variantes da lateral palatal /λ/, respectivamente a lateral alveolar [l], a semivogal [j] e zero fonético [Ø], a partir do sistema arbóreo da Geometria de Traços.

Com relação ao *corpus* diacrônico será feita apenas uma análise quantitativa dos dados devido ao baixo número de ocorrências das variantes encontradas.

Do levantamento dos dados aqui utilizados, uma vez descritos e tabulados, objetiva-se chegar a uma compreensão do processo de variação do segmento /λ/ na cidade de Jacaraú, indicando as forças que atuam como condicionadoras de variação linguística.

Ressalta-se que serão analisadas apenas as variáveis linguísticas e extralinguísticas que foram selecionadas pelo Goldvarb X como variáveis que contribuem para aplicação da regra variável aqui estudada.

5.1 Comportamento da variável /λ/ nos textos oitocentistas da SPD

A análise da variável /λ/ realizada com a amostra dos textos oitocentistas da SPD revelou o seguinte quadro de ocorrências:

Quadro 8: A variável /λ/ em 314 textos da SPD

Variantes	Ocorrências	Percentual	Exemplo
[λ]	335	93%	[ˈolo]
[l]	24	6%	[le]
[j]	2	1%	[verˈmejo]
Total	360	100%	

Percebe-se que as variedades consideradas populares, [l] e [j], apresentam baixo índice de frequência 7% (26 ocorrências) e constata-se o predomínio da variante [λ], com um índice de 93%.

No que se refere aos contextos antecedente e seguinte que favorecem a variante [l], percebe-se que são diversos e é o vocábulo *lhe* o mais produtivo neste fenômeno:

- a) “Homem le disse...” (documento 27, p. 618).
- b) “Presidente le mandasse... (documento 26, p. 615).
- c) “Tesoureiro le havia ...(documento 25, p. 612).
- d) “Dando le a mais... (documento 25, p. 612).
- e) “Que le tinha... (documento 25, p. 612).
- f) “Eu le disse... (documento 22, p. 603).

A variante [j] ocorreu apenas em dois vocábulos:

- a) Verme[j]a (op. cit., 95);
- b) Nava[j]a (op. cit., p. 95).

Os dados aqui exibidos podem ser comparados aos de Brandão (2007) em que a variante [λ] é a mais produtiva (90%) no estudo realizado na fala do Norte e do Nordeste fluminense com informantes, todos do sexo masculino, analfabetos e com, no máximo, 4 (quatro) anos de escolaridade, distribuídos em 3 faixas etárias (18-35 anos; 35-55 anos; mais de 56 anos).

Embora se obtendo um número restrito das variantes [j] e [l], respectivamente 1% e 6%, percebe-se que a variável [λ], na comunidade de produtores dos textos da SPD, convive com um processo de variação. Os resultados com relação à variação de [λ ~ l], sobretudo em pronomes, é confirmada por Cagliari (1974, p. 147) ao dizer que “tem-se observado que o pronome ‘*lhe*’ realiza-se mais frequentemente com [l] do que como lateral palatal.” Entende-se que essa realização é favorecida pelo aspecto articulatorio, uma vez que /lj/ é articulatoriamente próximo de /λe/ (BRANDÃO, op. cit., p. 95).

Os processos de variação que envolvem as variantes linguísticas da variável /λ/ nos remete ao passado. Segundo Cagliari (op. cit., p. 55), o latim só conhecia o iode como articulação consonântica palatal. Essa afirmação é confirmada por Dickey (1997, p. 81), ao dizer que o /j/ era o único segmento palatal do latim. Neste sentido, a variação de [λ ~ j]

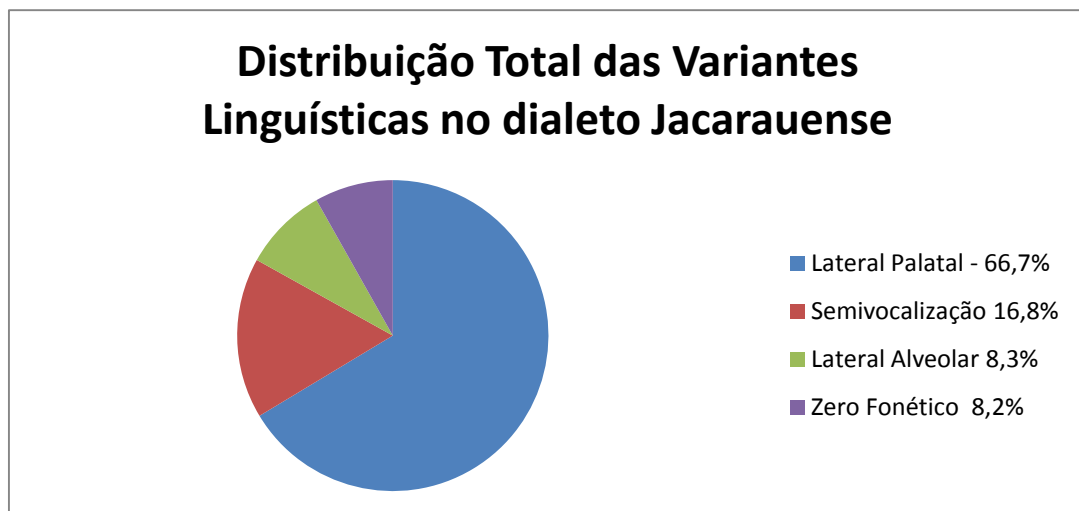
parece estar seguindo um caminho comum percorrido pela língua⁴⁶. Ainda segundo Cagliari (op. cit., p. 96), baseando-se em fatos históricos, é comum o /l/ palatizar-se facilmente. Entende o referido autor que os fatos da vida social de um povo têm influência na língua e até inclusive no nível articulatorio dos segmentos.

Ressalta-se que a variante [Ø] não foi encontrada nos textos do século XVIII por nós analisados. Nesse sentido, reconhece-se que os produtores desses textos tinham, possivelmente, consciência de que mesmo não usando o segmento /λ/ outro ficaria no lugar, respectivamente, as variantes [l] ou [j], conforme foi registrado pela ortografia dos textos analisados.

5.2 Distribuição geral dos dados sincrônicos

Uma vez submetidos os dados ao Goldvarb X, foram registradas 1463 ocorrências, sendo que 976 são de aplicação da variante lateral palatal /λ/, o que dá um total de 66,7% de aplicações, contra as 487 não aplicações restantes, respectivamente, 33,3%.

Gráfico 2: Distribuição total das variantes linguísticas no dialeto jacarauense



⁴⁶ Silva (2010) realizou um experimento de produção de fala com crianças de 8 a 9 anos e de 13 a 14 anos lendo um pequeno texto narrativo com palavras que tinham a lateral palatal e lateral alveolar. Após realizar análise acústica dos dados e observando os formantes dos segmentos analisados, os dados parecem indicar que haveria uma lateral palatizada no PB e não uma lateral palatal, sugerindo uma possível revisão da descrição fonológica do PB em relação à ocorrência de um segmento lateral palatal.

Foram realizadas 4 (quatro) rodadas, alternando o valor de aplicação com cada variável linguística considerada nesta pesquisa. Na análise que se segue abaixo, apresentam-se os resultados da rodada com aplicação de valor da variável /λ/ confrontando com as demais variantes. Salienta-se que, durante todas as rodadas, realizadas com qualquer um dos quatro valores de aplicação, não se registrou nenhum knockout, ou seja, falta de índices probabilísticos de variação correspondentes a uma frequência de 0% ou 100% em determinado momento da análise (GUY e ZILLES, 2007, p. 158).

A distribuição das variantes no *corpus* coletado no município de Jacaraú, de acordo com o gráfico 2, corresponde aos seguintes valores numéricos, em termos de ocorrências:

- a) **Lateral palatal:** 976 ocorrências – 66,7% (em palavras como: “*milho*”, “*trabalhando*”, “*melhor*” [mi/λ/o, traba/λ/ando, me/λ/or];
- b) **Semivocalização:** 251 ocorrências – 16,8% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “*trabalhar*”, “*molho*”, “*velho*” [traba/j/ar, mo/j/o, ve/j/o];
- c) **Lateral alveolar:** 121 ocorrências – 8,3% (em palavras como: “*mulher*”, “*olhe*”, “*folhinha*” [mu/l/er, o/l/e, fo/l/inha];
- d) **Zero fonético:** 115 ocorrências – 8,2% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “*filho*”, “*filha*”, “*milho*” [fi/Ø/o, fi/Ø/a, mi/Ø/o].

Com os achados da presente pesquisa, em número de ocorrências, é possível estabelecer comparação com os estudos de Aragão (1996), ressaltando-se possíveis semelhanças e divergências. De acordo com Aragão (op. cit.), em termos de sequência, os processos de variação encontrados foram: permanência do /λ/, seguida da iotização e despalatização simples do /λ/. Em nosso estudo, essa sequência se dá, mas acrescida do processo de apagamento do fonema /λ/, que matematicamente, obteve quase os mesmos índices do processo de despalatização simples, respectivamente 8,2% e 8,3% de ocorrência. Além disso, a maior ocorrência da variante [λ] em detrimento das outras variantes vem confirmar nossa hipótese inicialmente levantada para esta pesquisa: a variante considerada padrão tenderia a ser a mais recorrente no *corpus* aqui analisado. Essa informação é corroborada pelo índice de 66,7% de ocorrências.

Os fatores selecionados pelo Goldvarb X como condicionadores para aplicação da regra variável aqui estudada, por ordem de relevância, foram:

1. Sexo;

2. Escolaridade;
3. Faixa etária;
4. Contexto Fonológico Seguinte;
5. Contexto Fonológico Precedente; e
6. Número de Sílabas do Vocábulo.

Os resultados detalhados de cada uma das variáveis selecionadas, neste trabalho, encontram-se descritos nas seções a seguir. Buscou-se, a partir do resultado estatístico fornecido pelo Goldvarb X, montar tabelas que visam facilitar a visualização, compreensão e comparação dos índices obtidos para a variante em estudo.

5.3 Variáveis extralinguísticas

5.3.1 Sexo

A variável sexo foi a primeira variável extralinguística a ser selecionada pelo Goldvarb X como favorecedora de aplicação da regra em análise, conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 7: Efeito da variável *sexo* sobre a variação da lateral palatal / λ /

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Masculino	514/889 = 57%	0,41
Feminino	462/574 = 80%	0,63
Total	976/1463 = 66%	

Input 0.72

Significância: 0.285

Percebe-se nessa tabela que a variável sexo exerce significativo condicionamento sobre o uso variável da lateral palatal / λ /, contando-se alguma vantagem por parte das mulheres em relação à aplicação da regra.

A variável sexo vem confirmar a hipótese de que os falantes femininos têm maior consciência do status social das formas linguísticas consideradas de prestígio (SCHERRE,

1996; LABOV, 1966)⁴⁷, como já atestada em outros trabalhos, e assim, fazem uso delas. Como se percebe no trabalho de Trudgill (1972, *apud* WARDHAUGH, 2010, p. 207), devido a diferentes circunstâncias sociais, a mulher está, geralmente, inserida em situações que requerem um maior uso da língua do que o homem e não demonstra receio em ter sua imagem associada ao uso da língua padrão. Pelo contrário, partindo dessa consciência, busca ocupar um lugar na sociedade e reconhece que esse lugar passa pelo uso da língua. Nesse sentido, as diferenças entre a fala de homem e de mulher são antes sociais do que biológicas (SPOLSKY, 2008, p. 37).

Os resultados encontrados nesta pesquisa, com relação à variável sexo, ratificam os resultados encontrados pelo estudo de Oliveira e Mota (2007) sobre a lateral palatal /λ/ em inquiridos do Projeto ALIB nos quais há a preferência pela manutenção do /λ/, fato revelado principalmente na fala das mulheres. Bem como o que afirma Chambers (1995, p. 7), ao se referir às características sociais que influenciam o uso da língua, apontando o sexo como determinante.

Os índices estatísticos exibidos na tabela 7 vêm confirmar o que aponta Pop (1950, *apud* CARDOSO, 2010, p. 52), ao comparar a fala de homens e mulheres. Segundo o autor, a mulher, geralmente, está mais associada aos cuidados da casa, à educação dos filhos, e o homem, por sua vez, está mais relacionado ao trabalho para prover as necessidades da família. Desse modo, entende-se que essas atitudes podem exercer significativa influência nos usos linguísticos feitos por homens e mulheres.

Entretanto, ressalta-se que esse panorama tem atualmente sofrido mudanças, pois cada vez mais os homens também estão presentes na vida dos filhos, sentindo-se responsáveis pela sua educação. Já as mulheres têm ocupado diferentes espaços fora de casa na sociedade contemporânea, exercendo diferentes cargos e funções.

Desse modo, pode-se reconhecer que a língua constitui-se um sistema em que o falante marca o seu lugar, e em Jacaraú, os falantes do sexo feminino fazem isso usando a lateral palatal /λ/ plena em diferentes vocábulos.

5.3.2 Escolaridade

O fator social Escolaridade foi o segundo fator selecionado pelo Goldvarb X como relevante para a aplicação da variante /λ/

⁴⁷ Labov (1972) admite que a variável sexo exerça influência sobre o uso de uma regra variável, mas ela deve interagir com outros fatores sociais (QUEDNAU, 1993, p. 49).

Tabela 8: Efeito da variável *escolaridade* sobre o uso variável da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Analfabetos	187/510 = 36%	0,16
1 a 8 anos de escolaridade	538/634 = 84%	0,73
+ de 8 anos de escolaridade	251/319 = 78%	0,62
Total	976/1493 = 66%	

Input 0.72

Significância: 0.285

De acordo com a tabela 8, os informantes sem nenhuma escolaridade são os que menos realizam o segmento lateral palatal /λ/, informação confirmada pelo índice (0,16), que expressa o não favorecimento da aplicação da regra. Essa informação corrobora a hipótese levantada para esta pesquisa, como também a análise de Chaves e Melo (2009, p. 85) acerca da despalatização de /λ/ na fala urbana de Rio Branco. No estudo em questão, as autoras afirmam que a realização da variante /λ/ como lateral alveolar /l/, como semivogal /j/ ou como zero fonético /Ø/ é mais frequente entre falantes não escolarizados e oriundos de regiões não urbanas. Essa afirmação também ratifica o estudo de Aragão (1996) e Seraine (1985), ao evidenciar que a variação do segmento /λ/ constitui-se um processo de variação social.

Os índices da tabela 8 nos revelam dados significativos. Geralmente, o não uso da lateral palatal /λ/ está associado a falas estigmatizadas, “descuidos”, enfraquecimento articulatorio e/ou a pessoas de baixa escolaridade e de origem social humilde. Reconhece-se que as formas linguísticas utilizadas no vernáculo caracterizam os falantes em relação aos lugares sociais que eles ocupam na sociedade e na língua (PAGOTTO, 2001, p. 56). Nesse sentido, os índices estatísticos presentes na tabela 8 indicam e caracterizam o segmento na sociedade jacarauense.

Entende-se que a escola atua como força de standardização da língua e a sua ação configura-se como institucionalizadora no sentido de exercer controle dos processos variáveis existentes na língua. Pelos resultados encontrados nesta presente pesquisa, com relação à variável escolaridade, pode-se reconhecer que ela está funcionando como o gatilho de

controle, visto que todos os informantes escolarizados são os que mais produzem o segmento considerado padrão, o fonema / λ /, em oposição aos informantes analfabetos que realizam mais as variantes consideradas não-padrão, respectivamente, [l], [j] e [Ø].

Os resultados encontrados para essa variável podem ser comparados aos de Oliveira e Mota (2007), ressaltando as devidas semelhanças e diferenças. No que se refere às semelhanças, pode-se constatar que nos dois estudos, os universitários são os que mais favorecem a permanência do uso do segmento / λ /; já com relação às diferenças, em Oliveira e Mota (op. cit.), os informantes de nível escolar fundamental são os que mais realizam o apagamento e a despalatização do fonema / λ / (no nosso estudo, os informantes desse mesmo nível favorecem a permanência do segmento / λ / com índice de (0,73) de aplicação de realização da regra em análise).

Os índices estatísticos exibidos na tabela acima, com relação ao fator *analfabetos*, vêm ratificar os estudos de Aragão (op. cit.) e Seraine (op. cit.), que mostram que os processos de despalatização, a iotização e o apagamentos das consoantes palatais estão relacionadas ao grau e escolaridade dos informantes, e desse modo, constitui-se um fenômeno de variação social. Essa afirmação também é corroborada pelos achados de Chaves e Melo (2009), ao estudarem a variação do / λ / no dialeto rio-branquense, que evidenciam que a despalatização desse fonema ocorre mais frequentemente entre falantes não escolarizados.

5.3.3 Faixa etária

A faixa etária foi a última das variáveis extralinguísticas selecionadas como importantes para o condicionamento linguístico da regra variável em análise. Eis os dados na tabela 9 para visualização e entendimento dos resultados.

Tabela 9: Efeito da variável *faixa etária* sobre a variação da lateral palatal / λ /

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
15 a 25 anos	279/366 = 76%	0,70
26 a 49 anos	240/302 = 79%	0,61
+ de 49 anos	457/795 = 57%	0,36
Total	976/1463 = 66%	

Input 0.72

Significância: 0.285

Nessa tabela, podemos observar que o uso do segmento lateral palatal /λ/ é bem mais elevado nos falantes de faixas etárias entre 15 a 25 anos e de 26 a 49 anos e decresce significativamente entre os falantes com mais de 50 anos (0,36). Pode-se supor: primeiro, os falantes dessas duas faixas etárias indicadas anteriormente são os que estão ingressando no mercado de trabalho ou são os que já ingressaram e pretendem permanecer nele. Assim, as exigências do atual mercado de trabalho se fazem sentir no uso da variedade linguística considerada padrão que, no caso desta pesquisa, consiste no uso da lateral palatal /λ/; segundo, os informantes com mais de 50 anos são aqueles que já estão no final de uma carreira de trabalho, e assim, se sentem menos preocupados com o uso da língua padrão.

Os resultados obtidos mostram que os informantes da faixa etária de 15 a 25 anos são, também, os que recebem significativa influência da escola, pois são alunos do final do ensino médio ou estão ingressando em uma faculdade (aplicação de 0,70). Sabe-se que a escola privilegia a língua escrita em detrimento da língua oral e exerce significativo controle da variação linguística, evitando-a ou apontando-a como erro ou desvio da “boa regra”.

Alguns trabalhos (LUCENA, 2004; SILVA, 2004) têm atestado que a variável faixa etária exerce influência no uso da língua. Nesse sentido, pode-se reconhecer que as formas variantes ganham significado social por serem representantes de um determinado segmento social (WARDHAUGH, 2010, p. 07). A nosso ver, a relação de identidade constitui-se uma relação vital na vida dos jacarauenses, que ocupam um lugar na língua para caracterizar-se e isso também se realiza por meio da variação da lateral palatal /λ/, ora se realizando como lateral alveolar [l], ora como semivogal [j] ou apagando-se totalmente [Ø]. Entende-se que os falantes do dialeto investigado parecem não demonstrar receio ao usarem essas formas linguísticas consideradas não-padrão; essas alternativas linguísticas constituem-se um meio de comunicação e interação entre os diversos membros da comunidade de fala aqui investigada.

A relação faixa etária e uso linguístico é uma preocupação bastante antiga e recorrente nos estudos da língua. De acordo com Pop (1950, *apud* CARDOSO, op. cit., p. 50), “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto e origem.” Entende-se que esse conhecimento possibilita determinar se um processo de variação se encontra no estágio de fenômeno estável ou indica uma situação de mudança em progresso.

Compreende-se que o processo de variação da lateral palatal /λ/ no dialeto jacarauense evidencia que as escolhas linguísticas são fundamentalmente determinadas pela

identidade social e pela experiência linguística vivenciada pelos falantes daquela comunidade (GUY e ZILLES, op. cit., p. 75).

5.4 Variáveis Linguísticas

5.4.1 Contexto Fonológico Seguinte

O Contexto Fonológico Seguinte foi o primeiro fator linguístico a ser selecionado pelo Goldvarb X como favorecedor de aplicação da regra.

Tabela 10: Efeito da variável *contexto fonológico seguinte* sob a variação da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Vogal coronal	155/286 = 54%	0,34
Vogal dorsal	318/503 = 63%	0,44
Vogal labial	503/674 = 74%	0,61
Total	976/1463 = 66%	

Input 0.72

Significância: 0.285

Os índices apresentados na tabela acima indicam que a aplicação da regra variável decresce em contexto seguido por vogal labial, vogal dorsal e vogal coronal, respectivamente. Esses mesmos índices estatísticos confirmam a hipótese de que o segmento /λ/ entre contextos vocálicos dorsais, coronais e labiais varia significativamente.

Entende-se que o favorecimento das vogais labiais para permanência do segmento /λ/ pode estar associado à ação de OCP, visto que de acordo com Dickey (1997, p. 13), os segmentos laterais são articulados especificamente com os traços [coronal] e [dorsal], e desse modo, a língua, sob o princípio e efeito de OCP, tenderia a distanciar segmentos que apresentam uma configuração fonológica semelhante.

A partir do que está exposto na tabela acima e na seguinte (tabela 11), observa-se que os contextos estão sendo definidos pelas variantes [l, j] e seus respectivos traços fonológicos. Com relação ao contexto fonológico seguinte, o traço [labial] das vogais favorece a manutenção da lateral palatal em detrimento dos traços [coronal] e [dorsal] que apresentam índices que indicam não aplicação da regra variável em estudo. Já com relação ao contexto

fonológico precedente, ocorre o contrário: os traços [coronal] e [dorsal] expressam favorecimento para manutenção do segmento /λ/ e o traço [labial] (apresentando-se como fator desfavorecedor da permanência do segmento em análise).

Os achados dessa pesquisa, no que se refere à variável contexto fonológico seguinte, vêm ratificar o estudo Aragão (2008). Ao indicar quais segmentos vocálicos parecem ter alguma influência sobre a permanência do fonema /λ/, a referida autora aponta como um dos favorecedores a vogal aberta /o/. Em nossa análise, esse segmento foi controlado como vogal labial e o peso relativo produzido para esse segmento apresenta índice que indica o favorecimento de aplicação da regra (0,61). Esse mesmo resultado, no entanto, vai ao encontro do resultado obtido por Chaves e Melo (2009). Para essas autoras, as vogais baixas oral e nasal [a, ã] são favorecedoras da permanência do segmento /λ/ na fala dos informantes por elas examinados, ao apresentarem peso relativo de (0,81) para aplicação da regra.

Os nossos resultados corroboram a análise de Castro (2006) com falantes de Minas Gerais, na qual a iotização da lateral palatal /λ/ demonstrou-se relevante entre contexto com segmento coronal [e] e entre vogal dorsal [a] e entre dorsal [a] e coronal [i], respectivamente.

5.4.3 Contexto Fonológico Precedente

O Contexto Fonológico Precedente foi a segunda variável linguística selecionada como influenciadora do fenômeno variável em análise, conforme exhibe os índices abaixo:

Tabela 11: Efeito da variável *contexto fonológico precedente* sob a variação da lateral /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Vogal labial	136/249 = 54%	0,34
Vogal coronal	430/528 = 68%	0,54
Vogal dorsal	410/586 = 70%	0,51
Total	976/1463 = 66	

Input 0.72

Significância: 0.285

Os índices probabilísticos exibidos na tabela acima mostram uma ligeira tendência da presença das vogais coronal (*brilhante, melhor, filhos, orelha*) e dorsal (*trabalhando, trabalhar, esmagalhar*) no contexto fonológico precedente como favorecedora do uso do

segmento /λ/, embora os pesos relativos tenham ficado bastante próximos do ponto neutro, respectivamente, (0,54) e (0,51). Os achados de Brandão (2007, p. 94) também indicam que o contexto fonológico precedente, especificamente o fator vogal alta com peso relativo 0,62, foi selecionado pelo Goldvarb X como fator que exerce influência sobre o uso da regra aqui estudada.

Os resultados apresentados na tabela 11 mantém estreita relação com os resultados encontrados acerca da variável contexto fonológico seguinte (tabela 10). Os fatores que na tabela 10 eram inibidores da aplicação da regra variável tornaram-se favorecedores à realização da regra em análise.

Esses resultados diferem mais uma vez dos de Chaves e Melo (2009), que registram o favorecimento das vogais labiais [ô, ó], com peso relativo (0,60), para permanência da manutenção do segmento /λ/ no dialeto rio-branquense.

Os achados neste estudo com relação às variáveis contextos fonológicos seguinte e precedente vêm evidenciar que os segmentos vocálicos podem ter distribuição e comportamento diferentes (TORRE, 2003, p. 26-28). Entende-se, desse modo, que a língua pode ter seus próprios princípios e regras que a permite ser utilizada em dada comunidade de fala mantendo a comunicação entre quem faz uso dela.

5.4.3 Número de Sílabas do Vocábulo

A variável Número de Sílabas do Vocábulo foi a última variável linguística selecionada pelo programa Goldvarb X como favorecedora da aplicação da lateral palatal /λ/ em Jacaraú.

Tabela 12: Efeito da variável *número de sílabas* do vocábulo sob a variação da lateral /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
Monossílabo e dissílabo	374/623 = 60%	0,42
Polissílabo	140/224 = 62%	0,48
Trissílabo	462/616 = 75%	0,58
Total	976/1463 = 66%	

Input 0.72

Significância: 0.285

Os dados obtidos e mostrados pelos índices estatísticos da tabela 12 indicam que os falantes jacarauenses preferem realizar a lateral palatal /λ/ com maior predominância em vocábulos que tenham três sílabas (*espelho, malhação, quadrilha, pavilhão*) em detrimento das palavras monossílabas, dissílabas e polissílabas. Essa afirmação é corroborada pelo índice bem maior dos vocábulos trissílabos (0,58) em relação ao dos outros dois fatores que se mostram abaixo do ponto neutro para aplicação da regra, apresentando índices inibidores de aplicação.

Os resultados da variável número de sílabas do vocábulo revelam que itens lexicais com três sílabas (aplicação de 0,58), como [conselo, mulheres], favorecem a aplicação da regra em análise, ao contrário de itens monossílabos e dissílabos (aplicação de 0,42) e polissílabos (aplicação de 0,48) que desfavorecem a realização do processo de variação em estudo.

Esses resultados, assim, confirmam nossa hipótese evidenciando que há correlação entre o número de sílabas do vocábulo e a realização do fenômeno de variação do /λ/ na comunidade investigada.

Ressalta-se que do presente estudo duas hipóteses não foram confirmadas, pois seus índices estatísticos se mostraram inexpressivos para o condicionamento na aplicação da regra variável da lateral palatal /λ/: a primeira, que se tinha aventado a possibilidade de vocábulos classificados como verbo favorecessem a variação da lateral palatal /λ/ mais de que os nomes (substantivos e adjetivos); e a segunda, de que o segmento lateral palatal /λ/ em sílabas tônicas poderia variar mais do que em sílabas átonas, já que o acento tônico de uma sílaba exige mais esforço do que uma sílaba átona, e assim, condicionaria a realização da lateral palatal /λ/.

Neste sentido, o presente estudo diferencia-se daquele realizado por Brandão (2007), visto que nesse referido estudo as variáveis classe do vocábulo (com o fator nomes) e tonicidade (com o fator postônica) foram selecionadas como relevantes para aplicação da regra variável, cada um com peso relativo, respectivamente, de 0,52 e 0,66. Os resultados encontrados no presente estudo concernentes à variável tonicidade do vocábulo também vão de encontro aos achados obtidos por Chaves e Melo (2009) ao estudarem a variação da lateral palatal no dialeto rio-branquense. Segundo essas autoras, a variável tonicidade da sílaba (com o fator sílaba tônica), com índice de favorecimento de 0,60 para aplicação da regra, mostrou-se relevante, o que se diferencia da presente análise.

Por fim, reconhece-se que os dados obtidos e mostrados pelos índices matemáticos utilizados nesta pesquisa são as várias vozes enunciando a identidade linguística dos falantes

de Jacaraú. As variantes da lateral palatal /λ/, na comunidade investigada, constituem-se em elementos identitários desses falantes, são marcas linguísticas que expressam e demarcam o lugar onde estão inseridos. Neste sentido, confirma-se o que afirma Sapir (1929, *apud* CHAMBERS, 1995, p. 1) “Language is primarily a cultural or social product and must be understood as such.”⁴⁸ Desse modo, os estudos sociolinguísticos podem revelar o significado social da variação linguística.

5.5 Representação fonológica

A presente pesquisa revelou que, na comunidade de Jacaraú, existem três variantes do fonema lateral palatal co-ocorrendo, constituindo-se, assim, um processo de variação linguística. As três variantes são a lateral alveolar [l], a semivogal [j] e o zero fonético [Ø].

À luz da Fonologia Autossegmental, com o suporte da Geometria de Traços, esse processos são representados graficamente por meio de linhas de desassociação ou de associação. Segundo Silva (1997, p. 91)

A desassociação ou desligamento de linhas é indicado pelo sinal = sobre a linha do autossegmento, enquanto que a associação ou espraimento é formalizado por uma linha tracejada ligando o autossegmento espraiado a um autossegmento de nível mais alto.

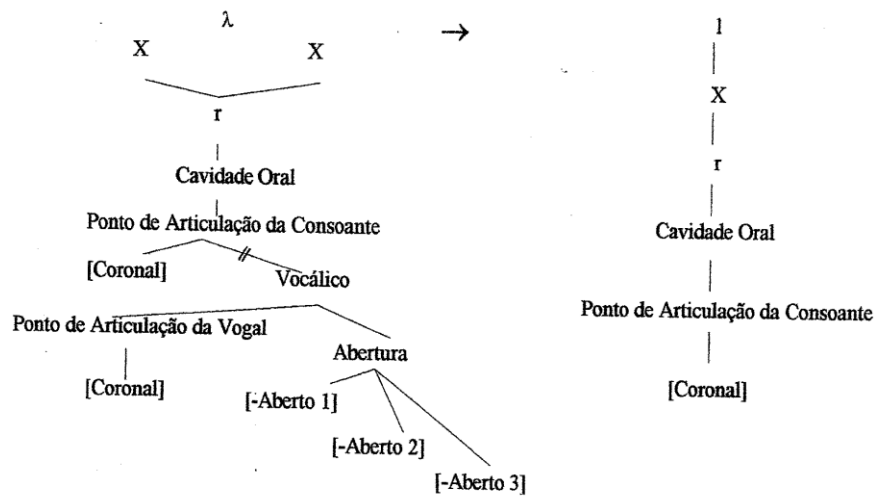
Nesta última seção deste capítulo, pretende-se demonstrar, a partir do sistema arbóreo da Geometria dos Traços, a representação dessas variantes linguísticas, visto que a Fonologia Autossegmental evidencia a naturalidade existente nos processos fonológicos⁴⁹.

5.5.1 Representação do [λ ~ l]

Gráfico 3: Representação do [λ ~ l]

⁴⁸ “A língua é principalmente um produto cultural e social e deve ser compreendido como tal.”

⁴⁹ Na seção 2.4 do 2º capítulo dessa dissertação há a representação da lateral palatal /λ/ segundo a Geometria dos Traços.

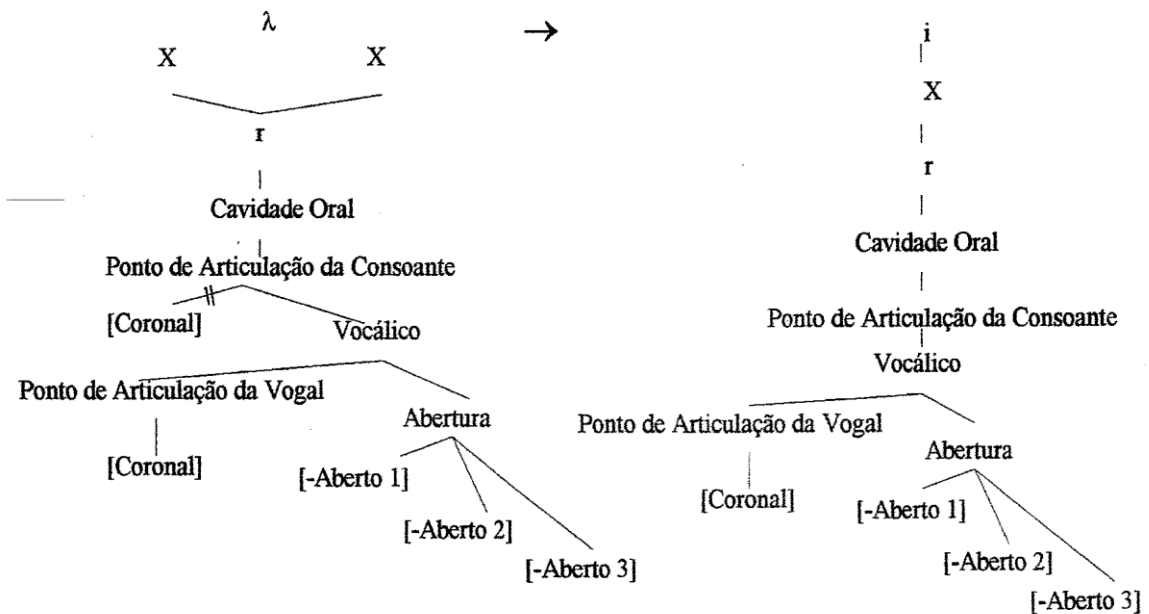


(SILVA, 1997, p. 96)

A representação de tal processo indica que houve o desligamento da articulação menor (nó vocálico) do /λ/, seguido do cancelamento de uma das unidades de tempo desse segmento, e posteriormente, a criação do segmento simples /l/.

5.5.2 Representação do [λ ~ j]

Gráfico 4: Representação do [λ ~ j]



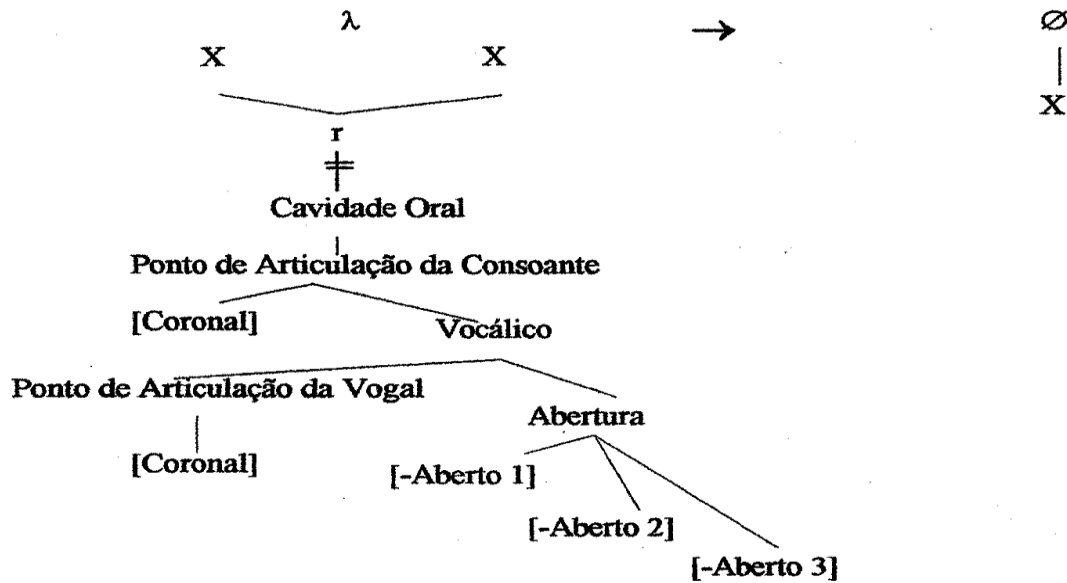
(SILVA, 1997, p. 98)

Percebe-se que para que a lateral palatal /λ/ se realize como semivogal [j] é necessário, como demonstra a representação arbórea acima, que ocorra durante a produção desse processo o desligamento da articulação maior do /λ/ do [traço coronal], também seguido do cancelamento de uma das unidades de tempo do /λ/ e a produção do segmento simples /i/, que, posteriormente, na ressilabificação, será caracterizado como um glide [j]⁵⁰.

5.5.3 Representação do [λ ~ Ø]

Gráfico 5: Representação do [λ ~ Ø]

⁵⁰ Com relação a esse processo de ressilabificação, de que não trataremos aqui, pode ser consultado Silva (1997, pp. 97-98) para uma visão introdutória.



(SILVA, 1997, p. 95)

A representação desse processo de alternância se caracteriza a partir do desligamento de toda a raiz da lateral palatal /λ/, seguido do cancelamento das duas unidades de tempo desse segmento e sua conseqüente perda nos níveis melódico e métrico existentes.

Pode-se perceber que as representações arbóreas, acima exibidas, estão plenamente de acordo com o que postula a teoria da Geometria dos Traços, uma vez que os processos por elas representados se constituem em uma única operação: o desligamento de uma linha de associação, apontando para o que afirmam Matzenauer e Miranda (2009, p. 52) “os processos que integram a fonologia do PB implicam fundamentalmente o desligamento de traços.”

Segundo Xavier (2004, p. 07) a teoria autosegmental está preocupada em descrever os processos fonológicos das línguas, mostrando suas especificidades ao nível de uma representação abstrata, não tendo o objetivo de explicar *o como*, o que condiciona esse processo. Desse modo, entende-se, nesta presente pesquisa, que *o como* se dá esse processo é fornecido pela Teoria da Variação, daí optar por essas duas teorias para se entender o fenômeno da variação da lateral palatal na comunidade aqui investigada.

Neste sentido, entende-se que a teoria da Geometria de Traços (CLEMETS & HUME, 1995) conseguiu evidenciar que o processo em análise é natural (MATZENAUER, 2006, p. 52). Além disso, os traços fonológicos que compõem o segmento /λ/ revelam a motivação fonética ou a naturalidade que há na variação desse fonema, visto que as variantes

linguísticas desse segmento mantêm estreita relação entre si: são palatais, [λ] e [j], e laterais [λ] e [l]. Essa última afirmação é corroborada por Silva (op. cit., p. 92).

Ressalta-se que também se preferiu demonstrar as representações das variantes linguísticas da lateral palatal /λ/, nesta pesquisa, a partir dos pressupostos teóricos da Fonologia Autossegmental, especificamente da Geometria dos Traços (Cf. Capítulo 2, seção 2.4), porque essa abordagem fonológica é capaz de mostrar a organização interna de um segmento por meio dos traços fonológicos, bem como de evidenciar o espraimento de um traço para outro segmento e até mesmo de demonstrar que o apagamento de um segmento não significa necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Outrossim, reconhece-se que a variação fonológica é fundamentalmente determinada pelo sistema fonológico da língua. O sistema fonológico possibilita a realização de processos variáveis. Matzenauer (2006, p. 175) afirma:

A existência de formas variantes em um sistema linguístico não depende apenas do contexto; na verdade, precisa ser licenciado pela fonologia, ou seja, pelo sistema de contraste em oposição naquela língua.

Desse modo, pode-se afirmar, então, que o sistema linguístico será responsável em determinar quais são os traços distintivos e quais vão co-ocorrer com outros para possibilitar a variação linguística. Desse modo, variação e sistema linguístico estão bem relacionados, e as representações fonológicas apresentadas na seção anterior confirmam essa afirmação.

Entende-se, na perspectiva de estudo adotada nesta pesquisa, que sistema e uso estão inter-relacionados, visto que, de acordo com Gil (1999, p. 49), “o uso, então, dá sentido ao sistema. Por outro lado, deve-se estudar o sistema para entender como funciona o uso. Esta correlação sistema/uso destaca o caráter essencialmente criativo da linguagem.” Na presente dissertação, entende-se que essa inter-relação foi possível por meio da realização da análise feita com a teoria de base gerativa, a Geometria de Traços (CLEMENTS & HUME, 1995), e com a Sociolinguística Quantitativa (LABOV et. al., 1968; LABOV, 1972 e 1975) que por sua vez pauta-se na perspectiva do uso linguístico pelo falante.

Enfim, reconhece-se, portanto, que as variantes linguísticas da lateral palatal /λ/ encontradas no dialeto jacarauense, respectivamente a lateral palatal [λ], a lateral alveolar [l], a semivogal [j] e o zero fonético [Ø], evidenciam processos fonológicos naturais que, além de estarem condicionados por fatores internos e externos como se demonstrou na seção 5.1, são processos autorizados pela fonologia do português do Brasil.

5.6 Conclusões do capítulo

Da análise que se fez até aqui, pode-se apontar algumas considerações:

1. Com relação ao *corpus* diacrônico, pôde-se perceber que a variação do segmento /λ/ esteve restrita à realização de determinadas variantes, respectivamente, [l] e [j], sinalizando que possivelmente esse processo de variação tenha-se originado já no século XIX na língua portuguesa.
2. Na comunidade de fala investigada, o fonema lateral palatal apresentou quatro variantes: [λ], [l], [j] e [Ø].
3. Pode-se constatar a predominância da manutenção da lateral palatal, pois 66,7% são ocorrências desse segmento.
4. A relevância dos fatores sociolinguísticos para o fenômeno estudado, pois todos os fatores sociais que foram considerados durante a análise foram selecionados como influenciadores da variação do segmento /λ/ na comunidade investigada.
5. O processo de variação da lateral palatal em Jacaraú também está condicionado por fatores linguísticos: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e número de sílabas do vocábulo.
6. As representações arbóreas das variantes linguísticas do fenômeno aqui investigado demonstram a naturalidade existente nesse processo de variação.

Considerações Finais

O presente estudo visou demonstrar como ocorre o processo de variação da lateral palatal à luz da Teoria da Variação a partir de dois *corpora*: um corpus sincrônico (coletado na cidade de Jacaraú (Paraíba)) e um diacrônico, com textos do século XVIII. Além disso, procurou-se apresentar as representações arbóreas das variantes linguísticas de acordo com Geometria de Traços (CLEMENTS & HUME, 1995).

Com relação ao corpus diacrônico, atestou-se a existência de um processo de variação dos segmentos laterais [λ ~ l] e [λ ~ j] desde o século XVIII na língua portuguesa. Também foi observada a manutenção do segmento /λ/ no *corpus* em questão, perfazendo um total de 93% das ocorrências.

A nossa primeira constatação geral do trabalho é que ocorre a manutenção da lateral palatal em Jacaraú, seguidos dos processos de semivocalização, lateralização alveolar e apagamento do segmento. Pode-se relacionar essa constatação geral aos resultados encontrados nos trabalhos de Aragão (1996), Oliveira e Mota (2007) e Chaves e Melo (2009), dentre outros, que evidenciam que o segmento /λ/ faz parte do inventário fonológico dos informantes pesquisados.

De acordo com os dados analisados no *corpus* sincrônico, a preferência pela manutenção da variante [λ] se dá principalmente na fala dos informantes femininos, fato revelado pelo peso relativo como favorecedor de aplicação da regra variável em análise (0,63).

Outro achado, que confirma nossa hipótese, é que os informantes analfabetos são os que mais realizam as variantes lateral alveolar [l], a semivogal [j] e o apagamento [Ø]. Ao mesmo tempo, são os informantes mais escolarizados os que mais produzem a lateral palatal [λ], respectivamente 0,73 e 0,62 para os informantes de 1 a 8 anos de escolaridade e para os com mais de 8 anos de escolaridade. Pôde-se constatar que a escola funciona como o gatilho no controle da variação linguística do fenômeno aqui estudado. Essa afirmação é corroborada pelos índices estatísticos expressos pelos três fatores controlados nessa variável.

Além disso, os resultados encontrados revelam que os informantes com mais de 50 anos de idade são os que mais realizam as variantes consideradas não-padrão, e que os informantes mais jovens dão preferência à lateral palatal.

Com relação às variáveis linguísticas que podem exercer influência no uso variável da lateral palatal, foram selecionadas pelo programa computacional Goldvarb X: Contexto

Fonológico Seguinte, Contexto Fonológico Precedente e Número de Sílabas do Vocábulo. No que se refere ao Contexto Fonológico Seguinte, o fator que mais favorece a aplicação da regra é a vogal labial, com peso relativo 0,61; no caso do Contexto Fonológico Precedente, dois fatores se mostraram importantes para o condicionamento linguístico: vogais coronais (0,54) e dorsais (0,51); a terceira variável selecionada foi Número de Sílabas do Vocábulo, com o fator *trissílabos* com o índice que mais contribui para a variação aqui em estudo.

Pode-se, então, determinar que o condicionamento linguístico da lateral palatal na comunidade jacarauense são, por ordem hierárquica selecionadas pelo Goldvarb X, as variáveis sociais *Sexo*, *Escolaridade* e *Faixa Etária*, seguidos das variáveis linguísticas *Contexto Fonológico Seguinte*, *Contexto Fonológico Precedente* e *Número de Sílabas do Vocábulo*, como é possível observar no quadro 9 a seguir:

Quadro 9: Restrições linguísticas e sociais determinantes da variação da lateral palatal com seus respectivos fatores mais influenciadores

Variação da lateral palatal	
Restrições Sociais	Restrições Linguísticas
Sexo [Feminino] Escolaridade [1 a 8 anos] Faixa etária [15 a 25 anos]	Contexto Fonológico Seguinte [Vogal labial] Contexto Fonológico Precedente [Vogal coronal] Número de Sílabas do vocábulo [Trissílabos]

Pode-se determinar com segurança, baseando-se na evidência dos dados sincrônicos apresentados nesta pesquisa, que a variação da lateral palatal no dialeto jacarauense constitui-se um processo de variação social (diastrática), uma vez que todas as variáveis sociais consideradas para análise foram selecionadas como condicionadoras de aplicação da regra variável em estudo.

Quanto aos aspectos abordados pela Geometria de Traços, constatou-se que o fenômeno de variação da lateral palatal pode ser entendido:

- a) [$\lambda \sim l$] → como o desligamento da articulação menor (nó vocálico) do segmento / λ /, com cancelamento de um tempo e a criação do segmento simples /l/;

- b) [$\lambda \sim j$] → como desligamento da articulação maior do / λ / do traço [coronal], também com o cancelamento de uma das unidades de tempo do fonema / λ / e, posteriormente, a criação do segmento simples /i/ que no processo de ressilabificação será caracterizado como [j];
- c) [$\lambda \sim \emptyset$] → como desligamento da raiz, com o cancelamento das duas unidades de tempo existentes no segmento na lateral palatal, e conseqüentemente, seu desaparecimento nos níveis melódico e métrico.

Procurou-se demonstrar, ao se tomar os pressupostos de duas teorias linguísticas que inicial e aparentemente estão em campos opostos, que a descrição do uso linguístico pode ser comprovada na competência do falante. Assim, ao final deste trabalho, pode-se constatar a proposição inicial referente à articulação teórica entre a Teoria da Variação e a Geometria de Traços, visto que foi possível apresentar a variação do segmento / λ / em termos de traços fonológicos na linha de Clements & Hume (1995) e ao mesmo tempo identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas na variação em estudo.

Entende-se, após as leituras dos trabalhos aqui discutidos e a partir da pesquisa das variantes da lateral palatal, que o fenômeno de variação de [$\lambda \sim l$], [$\lambda \sim j$] e [$\lambda \sim \emptyset$] constitui-se um fato fonético, visto que esse processo está diretamente vinculado ao modo como é articulado ou produzido o segmento / λ /, revelando suas propriedades físicas de produção. Além disso, reconhece-se que as variantes que substituem o / λ / não implicam em mudança de significado no dialeto em estudo, e que essas variantes constituem variação de um mesmo fonema, variação que por sua vez está condicionada por fatores sociolinguísticos e linguísticos. Também entendem o fenômeno de variação da lateral palatal como fato fonético, dentre outros autores, Bergo (1986), Aragão (2008), Chaves e Melo (2009) e Cruz (2009).

Os achados da presente pesquisa podem confirmar que o processo de identidade governa o processo de variação linguística (PAGOTTO, 2001, p. 109), uma vez que se reconhece que o falante do dialeto jacarauense se apropria da língua para marcar o seu lugar na sociedade onde está inserido. Os resultados revelam que o uso da variante padrão está associado a grupos da comunidade investigada (informantes do sexo feminino, escolarizados ou falantes mais novos), e o das variantes não-padrão, a outros segmentos dessa mesma sociedade (informantes masculinos, analfabetos ou falantes mais velhos).

A investigação que resultou neste presente trabalho evidencia que a Teoria da Variação contribui significativamente para o entendimento de processos e fenômenos linguísticos existentes na língua, oferecendo suporte teórico e metodológico para se

compreender a existência de processos variáveis. Enfim, a Teoria da Variação ajuda a elucidar o processo natural de variação que ocorre em qualquer língua natural.

Ressalta-se que o presente estudo pode também contribuir para efeitos de comparação com outros estudos de língua falada.

Por fim, acredita-se que os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados, bem como foram testadas as hipóteses lançadas para direcioná-la.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística**. In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras, V. 1. MUSSALIM & BENTES (orgs.). – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.
- AQUINO, Maria de Fátima. **Uso variável do ditongo em contexto sibilante**. In: Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. **A despalatalização e a iotização no falar paraibano**. I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. *Resumos*. Salvador: UFBA, 1994.
- _____. **A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza**. XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE. *Resumos*. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.
- _____. **A variação fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste**. Revista do GELNE. Ano 1, Número 2, 1999.
- _____. **Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). (Org.). Estudos Geolinguísticos e Dialectais Sobre o Português: Brasil/Portugal. Campo Grande - MS: ED. da UFMS, v., p. 181-200, 2008.
- BERGO, Vitorio. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BISOL, Leda. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Linguística) _ Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- _____. **A Nasalidade, um Velho Tema**. DELTA [online], v. 14, n. spe. PP.00-00. ISSN 0120-4450, 1998
- _____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. - ver. Amp. – Porto Alegre: EDIPURS, 2005.
- BORGES NETO, José. **Empreendimento Gerativo**. In: Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. MUSSALIM & BENTES (Orgs.) - 2. ed. - São Paulo: Cortez: 2005.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal**. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, setembro de 2007.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. (dissertação de Mestrado) - Campinas, SP: [s.n.], 1974.

- _____; MASSINI-GLARIARI, G. **Fonética**. IN: MUSSALIM, F; BENTES, A.C. **Introdução á linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. – São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. – 37 Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005 [1972].
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985 [1979].
- CARBONI, Florence. **Introdução à Linguística**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARNIE, Andrew. **Syntax: a Geretative Introduction**. Blackweel Publishers, 2002.
- CASTRO, Vandersi Sant' Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira: um estudo com base em Atlas linguísticos regionais brasileiros**. (Tese de Doutorado) - Campinas, SP: [s.n.], 2006.
- CHAMBERS, H. J. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. **A despalatização /λ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC)**. Cadernos dos Anais do XIII do CNFL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965.
- _____; HALLE, Morris. **The Sound Pattern f English**. New York: Harper e Row, 1968.
- CLEMENTS, George N. **The geometry of phonological features**. Phonology Year-book, London, n 2, 1985.
- _____; (1991a no Handbook) **Place of articulation in consonants and vowels: a Unified Theory**. Apresentado na North east Linguistic Society 21, UQAM, Montreal. In: Working Papers of the Cornell Phonetic Laboratory 5: 77-123, 1991.
- _____; HUME, Elizabeth V. The **internal organization of speech sounds**. In: GOLDSMITH, John (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.
- COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas**. (Dissertação de Mestrado) – UFRS, 2006.
- COWPER, William. In: WARDHAGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistic**, 2010.
- CRUZ, Gabriel Fontana Abs da. **O processo de semivocalização de líquidas em posição pré-vocálica: uma revisão teórica**. Letrônica, V. 2, n. 2, p. 48 – dezembro de 2009.
- DICKEY, Laura Walsh. **The Phonology of Liquids**. University of Masschustts Amherts, 1997.

- ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. **Influência do Espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português de fronteira**. (Dissertação de Mestrado), 1997.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FISCHER, J. L. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. *Word*, 14:47-56, 1958.
- FONTAINE, Jacqueline. **O Círculo Linguístico de Praga**. Tradução de João Pedro Mendes. – São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **A escrita oficial: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX**. – Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.
- FREIRE, Josenildo Barbosa. **Aquisição da lateral palatal: um estudo piloto**. II Simpósio Nacional: Linguagens e Gêneros Textuais. Campina Grande: 2009 (Anais).
- GOLDSMITH, Jonh. **Autosegmental Phonology**. Tese (doutorado, PhD) _ Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.
- GIL, José María. **Introducción a las teorías lingüísticas Del siglo XX**. Editorial Melusina, 1999.
- GUY, Gregory Riordan & ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HAYES, Bruce. **Inalterability in CV phonology**. *Language*, Baltimore, MD, v. 62, n. 2, p. 321-352, 1986.
- HORA, Demerval da. **A Palatização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear**. Tese (doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.
- _____. **A Palatização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear**. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 175-193, 1993.
- _____. (Org.) **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Pallotti, 2004.
- HERNANDORENA, Carmem. **Relações implicacionais na aquisição da fonologia**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 67-76, 1996.
- _____; LAMPRECHET, Regina. **Aquisição das consoantes líquidas do Português**. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 32, n. 4, 1997.
- HYMAN, Larry M. **Phonology: Theory and analysis**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

ILARI, Rodolfo. **O Estruturalismo Linguístico: alguns Caminhos**. In: **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. MASSULIM& BENTES (Orgs.) - 2. ed. - São Paulo: Cortez: 2005.

_____. **Linguística Românica**. 8. ed. – São Paulo: Editora Ática, 2008.

LABERGE, S. **Étude de la variation des pronoms définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal**. Université de Montréal. Tese de Doutorado, 1977, ms.

LABOV, W. **The social motivation of sound change**. Word, n. 19, p. 273-307, 1963.

_____. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistics patters**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

LUCENA, Rubens Marques de. **Comportamento Sociolinguístico da preposição para na Paraíba**. In: **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.

_____. **Busca por Padrões silábicos não marcados no português brasileiro: uma abordagem baseada em restrições**. Tese (Doutorado em Linguística), 2007.

MARQUILHAS, Rita. **Mudança Linguística**. In: FARIA, Isabel et al., (org.) **Introdução à linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

MARTINS, Iara Ferreira e Melo. **Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica**. In: **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa; RIBAS, Letícia Pacheco. **Sobre a aquisição das líquidas**. In: LAMPRECHT (org.). **Aquisição Fonológica do Português – perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto alegre: Artmed, 2004.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. **Introdução à Teoria Fonológica**. In: BISOL (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. – 4. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. **O espaço fonológico da variação**. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmruhi (orgs.). **Sociolinguística e Ensino: Contribuições para formação do professor de língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

_____; & MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **Traços Distintivos e a aquisição das vogais do PB**. In: HORA (org.). **Vogais: no ponto mais Oriental das Américas**. João Pessoa: Ideia, 2009.

- McCARTHY, Jonh. **OCP effects: Gemination and antigemination**. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 17, n. 2, p. 207-263, 1986.
- MOLLICA & PAIVA, M. Da C. De & PINTO, I. I. **Relações entre [l] [r] e [r] e [o] em grupos consonantais em português**. In: Relatório Final do Projeto Mecanismos funcionais do Uso Linguístico. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.
- OLIVEIRA, Dijeane de Almeida Lima de; MOTA, Jacyra Andrade. **As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)**. III Seminário de pesquisa em Estudos Linguísticos e do III Seminário de Pesquisa em análise de Discurso. Anais. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007.
- OLIVEIRA, Klebson. **Negros e Escrita no Brasil do Século XIX: Sócio-História, Edição Filológica de Documentos e Estudos Linguísticos**. Tese (Doutorado em Letras), 2006.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e (é) identidade**. – Campinas, SP: [s.n.]. Tese (Doutorado em Linguística), 2001.
- PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais de história da língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Trad. de Maria Luisa Schemann, 1966.
- PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. 5. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2007.
- QUEDNAU, Laura Rosane. **A lateral Pós-Vocálica no Português Gaúcho: Análise Variacionista e Representação Não-Linear**. Dissertação de Mestrado, 1993.
- ROMAINE, Suzanne. **Language in Society an Introduction to sociolinguistics**. 2 ed. Oxford, 2000.
- RIGATTI, A. P. **Aquisição das líquidas em crianças normais de 2 anos e 6 meses a 5 anos no dialeto de Joaçaba – SC e regiões próximas: o caso especial dos róticos**, 2000. Trabalho de conclusão do curso de Fonoaudiologia. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2000.
- SANKOFF, David. VARBRUL programs. 33 p. mimeo. 1986.
- _____; TAGLIAMONTE, Sali e SMITH, Eric. **Goldvarb X**. Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto, Canadá. [HTTP://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm](http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm), 2005.
- SASSURE. Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blisksteim. – 27. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SCHANE, Sanford A. **Fonologia Gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao VARBRUL versão 1988, 1992**. Mimeo.
- _____. **Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal**. In: OLIVEIRA

- & SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 239-264, 1996.
- SERAINÉ, Florival. **Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza**. In: SERAINÉ, Florival. *Linguagem e cultura - estudos e ensaios*. Fortaleza: Secretaria da Educação, 1985.
- SILVA, Adelaide Hercília Pescatori. **Existe uma lateral palatal no PB?** In: Seminário do Gel. Resumo. 58, 2010.
- SILVA, Eudênio Bezerra da. **A Substituição da Soante Palatal /λ/: Uma representação linear**. Dissertação de Mestrado, 1997.
- SILVA, Fabiana de Souza. **O processo de monotongação em João Pessoa**. In: **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.
- SILVA, G. M. de O & PAIVA, M. A. **Visão de conjunto das variáveis sociais**. In: SILVA, G & SHERRE, M. M. **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 336-78, 1996.
- SILVA, Rosângela Neres Araújo. **Variação Ter/Haver na fala pessoense**. In: **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.
- SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do português: roteiros de estudos e guia de exercícios**. 8 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.
- SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**: Nova York: Appleton-Century Crofts, 1957.
- SOARES, Marília Facó; DAMULAKIS, Gean Nunes. **Do Princípio do Contorno Obrigatório e línguas faladas no Brasil**. Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, V. 15, n. 2, p. 229-252, jul./dez., 2007.
- SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. University Press, 2008.
- TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7 ed. - São Paulo: Ática, 2004 [1985].
_____. **Tempos Linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.
- TORRE, Erik Jan van der. **Dutch Sonorants: The role of place of articulation in phonotactics**. Tese (Doutorado em Linguística). Universiteit Leiden, Holanda. 2003.

- VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. Revista da ABRALIN, v. 7, n 2, p.119-138, jul./dez. 2008.
- VOTRE, Sebastião. **Variação fonológica no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1978. Tese de Doutorado em Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.
- WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. – 6th ed. Wiley-blacwell, 2010.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- WETZELS, Leo. **Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 9, n. 2, 2000.
- _____. **The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese**. Vrije Universiteit Amsterdam, Holland Institute of Generative Linguistic, 1996.
- XAVIER, Francisco da Silva. **As línguas africanas no Brasil sob a óptica da Geometria de Traços**. In: VII ENAPOL, 2004. VII ENAPOL – São Paulo: FFLCH – USP, v. 1. P. 1-9, 2004.
- WIKIPEDIA. **Mapa**. Disponível em <http://www.wikipedia.org/>. Acesso em 06 de novembro de 2010 às 19h00min.

ANEXO A: MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DE INFORMANTES



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

QUESTIONÁRIO

1. Nome:
2. Sexo: () Masc. () Fem.
3. Endereço:
4. Anos de escolarização
() Analfabetos
() 1 a 8
() mais de 8
5. Idade:
6. Já morou em outro lugar além deste?
() Sim () Não
7. Em caso afirmativo:
Onde? _____
Quanto tempo? _____
8. Origem de nascimento dos pais?

9. Em caso de ser sorteado, dispõe-se a conceder uma entrevista?

ANEXO B: FICHA SOCIAL DE INFORMANTE



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

10. Nome:

11. Sexo: () Masc. () Fem.

12. Endereço:

13. Anos de escolarização

() Analfabetos

() 1 a 8

() mais de 8

14. Idade:

15. Já morou em outro lugar além deste?

() Sim () Não

16. Em caso afirmativo:

Onde? _____

Quanto tempo? _____

17. Origem de nascimento dos pais?

18. Em caso de ser sorteado, dispõe-se a conceder uma entrevista?

Questões

1. Você trabalha? () Sim () Não

2. Que tipo de atividade você faz?

3. É essa sua profissão? () Sim () Não

4. Você tem outra profissão? () Sim () Não

5. Você é financeiramente independente? () Sim () Não

6. Além de você, quantas pessoas moram em casa?

7. Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

8. Você costuma ver TV? () Sim () Não

9. A que programa(s) você assiste?

10. Você costuma ouvir rádio? () Sim () Não

11. Em que horário você ouve?

12. Que programa(s) e/ou estação(ões) prefere?

13. Você lê jornal? () Sim () diariamente () às vezes

14. Qual(is) jornal(is)

15. Quais partes do jornal que lhe interessam?

16. Você gosta de ler revistas? () Sim () diariamente () às vezes

17. Que revista?

18. Você vai ai cinema? () Sim () diariamente () às vezes

19. Qual sua diversão favorita?

20. Você gosta de carnaval? () Sim () Não

21. Você gosta de futebol? () Sim () Não

22. Você pratica algum esporte? () Sim () Não

23. Qual esporte?

24. Você pratica alguma religião? () Sim () Não

25. Qual religião?

26. Você é uma pessoa que

a. () nunca sai de sua cidade

b. () só sai a negócios

c. () sempre sai para passear

27. Passa muito tempo fora?

a. menos de um mês

b. mais de um mês

Jacaráú – Paraíba, _____ de _____ de 2009.